

Caroline Reis Vieira Santos

**A tradução da fala do personagem Hagrid para o português brasileiro e português europeu no livro Harry Potter e a Pedra Filosofal: um estudo baseado em corpus**

Florianópolis  
**2010**

Caroline Reis Vieira Santos

**A tradução da fala do personagem Hagrid para o português brasileiro e português europeu no livro Harry Potter e a Pedra Filosofal: um estudo baseado em corpus**

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção de grau de mestre em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Lincoln P. Fernandes (orientador).

Florianópolis  
2010

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da  
Universidade Federal de Santa Catarina

S237t Santos, Caroline Reis Vieira

A tradução da fala do personagem Hagrid para o português brasileiro e português europeu no livro Harry Potter e a Pedra Filosofal [dissertação] : um estudo baseado em corpus / Caroline Reis Vieira Santos ; orientador, Lincoln Paulo Fernandes. - Florianópolis, SC, 2010.

134 p.: il., grafs., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

Caroline Reis Vieira Santos

**A tradução do dialeto do personagem Hagrid para o português brasileiro e português europeu no livro Harry Potter e a Pedra Filosofal: um estudo baseado em corpus**

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção de grau de mestre em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 05 de março de 2010.

---

Professor Dr. Lincoln P. Fernandes (orientador)  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos – Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Adauri Brezolin  
Universidade Metodista de São Paulo

Gostaria de dedicar esta dissertação à minha família, sem a qual eu jamais chegaria aqui, e ao meu noivo, Jorge, cujo olhar sempre conseguiu alcançar mais longe que o meu.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a **Deus**, que colocou no meu caminho uma família maravilhosa, tanto de laços sanguíneos quanto ‘teórica’, sem a qual eu jamais chegaria aqui.

Gostaria de agradecer ao meu pai, **Carlos Augusto**, minha mãe, **Valéria**, e ao meu irmão, **Augusto Víctor**, que foram os pilares de meu crescimento, tanto pessoal quanto intelectual, amo vocês.

Ao meu noivo **Jorge**, pelas palavras de encorajamento e apoio quando eu mais precisei.

Ao meu orientador, **Professor Dr. Lincoln Paulo Fernandes**, por me mostrar o caminho para chegar onde eu queria e também pela jornada ao meu lado de forma muito agradável.

A **Professora Dr. Maria Lúcia Vasconcellos** quem, na ausência do meu professor orientador, sempre esteve ao meu lado, me ajudando nas dificuldades e me ensinando realmente o que é ser professora.

A **professora Dr. Meta Zipser** e ao **Professor Adauri Brezolin** pela gentileza em aceitar contribuir para este trabalho.

Ao **Lautenai**, por me ajudar a lidar com a tecnologia e por trocar experiências comigo, à **Lílian**, que me ajudou a ver as coisas de uma perspectiva mais tranquila, à **Monique, Silvane, Elaine e Sandra**, pelo companheirismo durante o curso.

As minhas amigas e amigos pela paciência e encorajamento, em especial à **Mariane**, pela compreensão durante a minha ausência.

Como produtores e diretores, tradutores precisam estar constantemente alertas às implicações sociais de suas decisões. A representação em uma língua fonte de um dialeto em particular cria um problema inevitável: qual dialeto da língua de chegada usar?<sup>1</sup> (HATIM; MANSON, 1990, p.4, tradução minha)

---

<sup>1</sup> Like producers and directors, translators have to be constantly alert to the social implications of their decisions. The representation in a ST of a particular dialect creates an inescapable problem: which TL dialect to use?

## RESUMO

Este trabalho abarca a interseção entre Estudos da Tradução e Literatura Infanto-Juvenil, mais especificamente estuda a tradução do livro *Harry Potter and the Philosopher's Stone* e suas traduções para o português brasileiro e europeu, ambas intitulada de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. A hipótese inicial informando este estudo era que as tradutoras optaram pela redução de grande parte das marcas dialetais, utilizando, em suas traduções, transposições da variante falada para a escrita através de marcas de oralidade, indo ao encontro do que Krings (1986) chama de estratégia da redução e Klingberg (1986) considera uma padronização. Para verificar essa hipótese, foram criadas categorias para analisar marcas dialetais e marcas de oralidade no discurso escrito utilizando-se metodologias dos estudos baseados em corpus. Mais especificamente usou-se um corpus paralelo bilíngue o qual é um subcorpus do PEPCo – *Portuguese-English Parallel Corpus* (FERNANDES; BARTHOLAMEI JR., 2009). Após a análise de dados verificou-se que o padrão preferencial da tradutora portuguesa é dar uma maior ênfase à marcação da oralidade em relação à tradutora brasileira, embora nenhuma delas tenha optado por traduzir o dialeto do texto-fonte por um dialeto do texto-alvo em suas respectivas traduções.

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução. Literatura Infanto-Juvenil. Estudos Baseados em Corpora. Tradução de Dialeto.

## ABSTRACT

This study investigates the intersection between Translation Studies and Children's Literature, more specifically it investigates the translation of Harry Potter and the Philosopher's Stone and its translations into Brazilian Portuguese and European Portuguese, both entitled *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. The focus of interest lies in how the translators dealt with Hagrid's dialect in order to compare what they have done with what Krings(1996) calls reduction strategy and Klingberg (1986) considers a standardization. The initial hypothesis was that both translators would reduce the dialectal marks using, in their translations, transpositions of the spoken variety to the written mode through dialectal marks. To verify this hypothesis the categories of oral and dialectal marks were analyzed using corpora translation studies methodologies. More specifically, a bilingual parallel corpus, which constitutes a subcorpus of PEPCo - Portuguese-English Parallel Corpus (FERNANDES; BARTHOLAMEI, 2009) was used. After data analysis it was noticed that the Portuguese translator's linguistic preferred or recurring patterns gives more emphasis on oral marks than the Brazilian translator's style, but neither of them makes an option for translating the source-text dialect for an target-text dialect.

**Keywords:** Translation Studies. Children's Literature. Corpus-Based Study. Translation of Dialect.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Filiação teórica e metodológica desta pesquisa	23
Figura 2 – Capas das Edições de Harry Potter para o público infanto-juvenil e adulto (esta última só em inglês europeu)	36
Figura 3 – Janela do PEPCo Builder	60
Figura 4 – Janela do PEPCo ID	60
Figura 5 – Exemplo de marcação dos fenômenos de oralidade no PEPCo	63
Figura 6 – Organograma dos Traditional Dialects britânicos (TRUDGILL, 1999, p.35)	72
Figura 7– Representatividade em porcentagem de cada fenômeno analisado na fala de Hagrid	75

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de trabalhos por ano, arcabouço teórico, tipo de trabalho e instituição	26
Tabela 2 – Categorias sugeridas da diferenciação da variação dialetal baseado no quadro proposto por Halliday (1978, p.225)	42
Tabela 3 – <i>Classificação do Corpus Paralelo objeto deste estudo</i>	57
Tabela 4 – Códigos identificados dos corpora criados através da ferramenta <i>PEPCo Builder</i> .	64
Tabela 5- Tabela baseada na proposta por Peter Trudgill apresentando os critérios para divisão dos dialetos ingleses.	73
Tabela 6 – Marcas dialetais da fala de Hagrid apresentadas no texto-fonte.	74
Tabela 7: Forma escrita e suas representações escritas da realização fonética	78
Tabela 8: Estruturas que favorecem sujeito nulo na fala do personagem Hagrid no texto original	80
Tabela 9: Variações encontradas na fala de Hagrid que vão de encontro à norma padrão gramatical do inglês britânico.	84
Tabela 10: Tabela contrastiva das marcas dialetais e orais entre o original e as traduções.	86
Tabela 11: Visualização paralela da tradução de fenômenos fonéticos na fala de Hagrid na direção original traduções.	87
Tabela 12 – Visualização paralela da tradução de fenômenos fonéticos na fala de Hagrid na direção original traduções.	88
Tabela 13 – interjeições utilizadas na edição brasileira	89
Tabela 14 – Visualização paralela da tradução da representação gráfica de fonemas na fala de Hagrid na direção original traduções.	92
Tabela 15 – Visualização paralela da tradução de omissão de verbo auxiliar na fala de Hagrid na direção original traduções.	93
Tabela 16 – Visualização paralela da tradução de contrariedades à norma gramatical padrão na fala de Hagrid na direção original traduções.	94
Tabela 17 – interjeições utilizadas na tradução brasileira	98
Tabela 18 – onomatopéias encontradas na tradução brasileira	99
Tabela 19 – Interjeições presentes na tradução europeia	99
Tabela 20 – Onomatopeias presentes na tradução europeia	99
Tabela 21 – Visualização paralela da marca de oralidade no futuro perifrástico na fala de Hagrid na direção original traduções.	102

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

LIJ - Literatura Infanto-Juvenil

ET- Estudos da Tradução

ETC - Estudos da Tradução Baseado em Corpora

PGET - Pós-Graduação em Estudos da Tradução

EDT - Estudos Descritivos da Tradução

TLIJ - tradução de Literatura Infanto-Juvenil

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UNESP - Universidade Estadual de Paulista

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

UFG - Universidade Federal de Goiás

CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

PEPCo - Portuguese-English Parallel Corpus

ICM - Itens Culturalmente Marcados

## SUMÁRIO

CAPÍTULO UM: INTRODUÇÃO	15
1.1 A TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL – HARRY POTTER	17
1.2 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	21
CAPÍTULO 2: REVISÃO DA LITERATURA	22
2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	22
2.2 OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO NO BRASIL EM LITERATURA INFANTO-JUVENIL	23
2.3 OS ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO	26
2.4 ESTUDOS DA TRADUÇÃO BASEADOS EM CORPUS	31
2.5 A TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL	34
2.6 O DIALETO E A ORALIDADE	38
2.6.1 Um Problema de Tradução: A Tradução de um Dialeto...	44
2.7 A TRADIÇÃO DA TRADUÇÃO DE DIALETOS NO BRASIL	51
2.8 OBSERVAÇÕES FINAIS	54
CAPÍTULO TRÊS: METODOLOGIA	55
3.1 CARACTERÍSTICAS DO CORPUS	55
3.2 CONSTRUÇÃO DO CORPUS	57
3.3 MARCAÇÃO DO CORPUS	61
3.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE	64
3.4.1 Fenômenos fonéticos .....	66
3.4.2 Fenômenos de grafia representando fonemas .....	67
3.4.3 Fenômenos de economia linguística .....	67
3.4.4 Fenômenos de contrariedade à norma gramatical padrão ..	68
3.4.5 Marcas de oralidade .....	68
3.4.6 Futuro perifrástico.....	69
3.4.7 Observações Finais .....	69
CAPÍTULO QUATRO: ANÁLISE DE DADOS	71

4.2 ANÁLISE DO TEXTO-FONTE: O DIALETO DE HAGRID	71
4.2.1 Fenômenos fonéticos .....	76
4.2.2 Grafia representando fonemas .....	78
4.2.3 Economia linguística e sujeito nulo .....	79
4.2.4 Contrariedade à norma padrão .....	81
4.2.5 Topicalização .....	84
4.2.6 Observações finais .....	84
4.3 ANÁLISE DAS TRADUÇÕES	85
4.3.1 Fenômenos fonéticos .....	86
4.3.2 Grafia representando fonemas .....	91
4.3.3 Economia Linguística .....	92
4.3.4 Contrariedade à norma gramatical padrão .....	94
4.3.5 Fenômenos exclusivos do texto traduzido: Marcas de oralidade e futuro perifrástico .....	97
CAPÍTULO CINCO: CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICE A	121
APÊNDICE B	122
APÊNDICE C	126
ANEXO A	127
ANEXO B	132
ANEXO C	134

## CAPÍTULO UM: INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é investigar como duas tradutoras de língua portuguesa lidaram com a fala do personagem *Rubeus Hagrid* no livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* – o primeiro livro da série Harry Potter – da autora britânica J. K. Rowling. A fala de *Rubeus Hagrid* se diferenciou dos demais personagens do livro por conter marcas dialetais bastante fortes.

O estudo proposto surgiu de um interesse em responder uma pergunta de pesquisa dentro de uma área pouco explorada não só nos Estudos da Tradução, mas também no mundo acadêmico: como traduzir o dialeto de um personagem dentro de uma obra de **literatura infanto-juvenil**? Como duas tradutoras de mesma língua, mas de países diferentes lidaram com a tradução de um dialeto britânico dentro de uma obra infanto-juvenil? Houve apagamento ou não do dialeto? A hipótese inicial é que as tradutoras portuguesa e brasileira marcarão menos ou simplesmente apagarão os traços dialetais utilizados pela autora, pois qualquer tentativa que desvie muito da norma-padrão seria censurada pelo mercado editorial, o qual é pressionado por outras instituições, como os pais e a escola.

A hipótese inicial levantada por este estudo baseia-se no que Krings (1986) aponta em seu trabalho direcionado ao ensino de tradução – o qual afirma que, quando o tradutor se depara com uma linguagem marcada durante a tradução que, **para ele**, se constitui em uma questão de difícil solução, a tendência é apagar essa linguagem marcada traduzindo-a por uma variante padrão da língua – e no que Klingberg (1986) verificou em seu trabalho que investigou a tradução de literatura infanto-juvenil, doravante denominada LIJ, – o autor afirma que há duas opiniões sobre como traduzir dialetos dentro da literatura infanto-juvenil: uma defende que devido às dificuldades o dialeto não deveria ser traduzido, a outra defende que o dialeto deve ser preservado de alguma forma. Os trabalhos de Klingberg (1986) e de Krings (1986) serão discutidos com mais detalhes no Capítulo 2, Revisão da Literatura.

Pode-se levantar a questão do porque de se estudar Literatura Infanto-Juvenil. Para responder esse questionamento fundamental, invoco as palavras de Shavit (2003) que explicam muito bem o motivo para que sejam realizados estudos nessa área:

[...] Acredito piamente no potencial do estudo da literatura infanto-juvenil. Em minha opinião, a literatura infanto-juvenil é um dos campos mais fascinantes para o estudo da complexidade de relações culturais e para a análise de seus mecanismos e dinâmicas. [...] Nenhum outro campo iguala-se à literatura infanto-juvenil no escopo imenso de parâmetros culturais envolvidos. Nenhum outro campo é resultado de pressões sociais diversas da mesma exata forma; conseqüentemente, nenhum outro campo nos permite investigar tanto sobre o mecanismo da cultura, manipulações culturais e procedimentos culturais do jeito que a literatura infanto-juvenil permite.<sup>2</sup> (SHAVIT, 2003, p.31, tradução minha).

Apesar de toda a riqueza de possibilidades oferecida pela literatura infanto-juvenil e de algumas pesquisas muito relevantes para o campo, Shavit (2003, p.32) ainda afirma que “ nada resta a não ser concluir que este campo de pesquisa não tem sido totalmente aproveitado por seus pesquisadores<sup>3</sup>”. Apesar de todos esses motivos e justificativas para se estudar a literatura infanto-juvenil, essa área de estudo parece ainda não ser vista como legítima<sup>4</sup> (Shavit, 2003), prova disso é a escassez de trabalhos realizados na área – pelo menos dentro da disciplina de Estudos da Tradução no Brasil, segundo uma pesquisa realizada no banco de teses e dissertações da CAPES. Outra boa razão para se realizarem estudos que não se limitem a perguntas triviais ou somente às questões trazidas pela Crítica Literária – questões essas que são dirigidas à literatura adulta de prestígio – se deve ao fato de a literatura infanto-juvenil não ser legitimada, ser vista de forma periférica e insignificante e da necessidade, perante essa situação, de se

---

<sup>2</sup> I strongly believe in the potential of the study of children’s literature. In my opinion, children’s literature is one of the most fascinating fields for the study of the complexity of social relationships, and for the examination of their mechanisms and dynamics. [...] No other field equals children’s literature in the immense scope of the social parameters involved. No other fields is the result of such diverse social constraints to quite the same extent; consequently, no other field enables us to inquire into the mechanism of culture, social manipulations and social procedure the way children’s literature does.

<sup>3</sup> I am afraid I cannot but conclude that this field of research has not been fully utilized by its scholars.

<sup>4</sup> “Children’s literature must be accepted as a legitimate field of academic research.” (SHAVIT, 2003, p.35)

realizarem estudos interessados na literatura infanto-juvenil como fenômeno literário-social (SHAVIT, 2003). O que Shavit traz quando menciona “não legitimada” e “periférica” é uma crítica ao estudo da literatura infanto-juvenil com uma abordagem da literatura adulta, que, além de não suprir a necessidade dessa área de pesquisa específica, acaba por conferir-lhe um status teórico inferior ao da literatura adulta. Todavia, ela não defende, tampouco, que a literatura infanto-juvenil adquira o mesmo status da literatura adulta, mas que conquiste seu próprio espaço e prestígio levando em consideração suas particularidades. É com esse intuito, o de desenvolver uma pesquisa séria, que leve em consideração as peculiaridades da literatura infanto-juvenil, sem olhá-la de uma perspectiva da literatura adulta.

Seguindo a metodologia desenvolvida por Fernandes (2004), esta pesquisa se desenvolve na interseção entre Estudos Descritivos da Tradução, a Literatura Infanto-Juvenil e os Estudos Baseados em Corpora com o objetivo de tentar preencher uma pequena parte da lacuna existente no Brasil em pesquisas feitas sobre a literatura infanto-juvenil traduzida: no país, há apenas 11 trabalhos cobrindo a área de acordo com o portal de teses e dissertações da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES): as teses de Fernandes (2004), Pinto (2004), Vieira (2004) e Borba (2006); e as dissertações de Conde (2005), Jolkesky (2007) e Zorzato (2007). Mais detalhes sobre os trabalhos cobrindo a interface de Estudos da Tradução de Literatura Infanto-Juvenil serão explorados no capítulo 2, Revisão da Literatura, na seção 2.2.

A seguir, serão feitas algumas considerações sobre esse gênero textual pouco explorado pelo mundo acadêmico dando enfoque especial na obra que constitui o corpus desta pesquisa.

## 1.1 A TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL – HARRY POTTER

Segundo a pesquisadora Zohar Shavit (2003), devemos olhar para a literatura infanto-juvenil de forma particular, já que ela apresenta normas<sup>5</sup> diferentes das que governam a literatura adulta. Essa diferença se dá porque as normas literárias sociais que regem a produção para esses dois públicos distintos exigem tipos de produções diferentes.

---

<sup>5</sup> Normas aqui no sentido de Toury (1995), levando em consideração as ressalvas feitas por Hermans (1999) na seção 2.3.

Logo, as mesmas normas não podem regular simultaneamente a literatura adulta e a literatura infanto-juvenil. O que se pode concluir do que foi exposto pela pesquisadora é que apesar de a LIJ não ser considerada uma literatura séria, digna de pertencer ao cânone literário, suas traduções ainda são julgadas pelas normas que regem as traduções da literatura adulta, o que se traduz em parâmetros iguais para julgar e criticar dois tipos de literatura diferentes. Essa disparidade entre critérios e valores a serem julgados é uma das causas de a LIJ não ser considerada um campo legítimo de estudo, além de ter suas peculiaridades e especificidades erroneamente simplificadas. É por ser julgada pelos parâmetros da literatura adulta que os estudos em LIJ têm sido negligenciados por tanto tempo.

Segundo Peter Hunt (1991 apud RUDVIN; ORLIATI, 2006, p.162-163, tradução minha)

[...] é fácil notar que qualquer definição ou classificação de literatura infanto-juvenil é condenada desde o início à super simplificação ou super generalização, ele [Peter Hunt, 1991] nos dá uma lista útil de características típicas (talvez estereotípicas) da linguagem e estilo da literatura infanto-juvenil a qual, no que concerne à linguagem e à estrutura, pode ser sumarizada da seguinte forma: orientação infanto-juvenil; simplicidade; estrutura fácil; uma pequena variedade de padrões gramaticais e lexicais; léxico e registro simples; frases padrões, palavras do dia-a-dia; repetições; textos e sentenças curtos (veja Hunt 1991:62). Outros traços considerados típicos da literatura para crianças e jovens são que o diálogo e a ação têm mais ocorrência que a descrição, introspecção ou pensamento; o concreto é privilegiado sobre o abstrato, o indeterminado ou ambíguo; o ritmo da trama é rápido em detrimento de lento; e o movimento e a ação prevalecem sobre o estatismo, a inação ou a reflexão<sup>6</sup> [...] Os temas e traços típicos

---

<sup>6</sup> “[...] is quick to note that any definition or classification of children’s literature is condemned from the outset to over-simplification and over-generalization, he provides us with a useful list of typical (perhaps stereotypical) characteristics of the language and style of children’s literature which, for what concerns language and structure, could be summarized as follows: child-orientedness, simplicity, easy structure, a narrow range of grammatical and lexical patterns, repetitions, short texts and sentences (see Hunt 1991:62). Other traits considered typical of literature for children are that dialogue and incident are more prevalent than description, introspection or thought; the concrete is privileged over the abstract, the indeterminate or the ambiguous; the pace of the plot is fast rather than slow; and movement

da literatura infanto-juvenil no nível de conteúdo seriam a falta de detalhes históricos ou de contexto (um cenário sem marcação temporal); falta de detalhes técnicos ou específicos, um corte claro no esquematismo moral, uma perspectiva otimista em detrimento a uma perspectiva depressiva, certeza em detrimento de probabilidade, a prevalência da mágica-fantasia-simplicidade-aventura, temas como a infância, a amizade, as relações familiares, o processo de maturação, a evitação de temas como morte, violência, sexo, horror, doenças, guerras, normas sociais controversas, álcool e palavrões.

Como levantado por Rudvin e Orliati, essa lista de características típicas da LIJ são talvez estereotípicas<sup>7</sup>, porém muitas delas podem ser encontradas em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, como principalmente a prevalência da mágica-fantasia-simplicidade-aventura, temas como a infância, a amizade, relações familiares, processo de maturação; além do passo acelerado da trama, com muitos diálogos, linguagem do dia-a-dia, registro e léxico fáceis, por exemplo.

Apesar de sua aparente simplicidade, a literatura infanto-juvenil atrai muitos leitores adultos – a chamada ambivalência – através de características como ‘a ironia, alusão, intertextualidade e subtextos adultos ‘ocultos’’ (RUDVIN; ORLIATI, 2006 p.163, tradução minha). Além disso, esse tipo de literatura apresenta muitos desafios ao tradutor, principalmente pelo fato de algumas normas<sup>8</sup> de tradução colidirem durante o ato tradutório

Quanto à tradução de literatura infanto-juvenil, a situação é ainda mais complexa. Não só as normas

---

and action prevail over stasis, inaction or reflection. [...] Typical children’s literature motifs and traits at the level of content would be lack of historical detail or context (a timeless setting); lack of technical or specific details; clear-cut moral schematism, an optimistic rather than depressive outlook; certainty rather than probability; the prevalence of magic-fantasy-simplicity-adventure; themes such as childhood, friendship, familial relationships, maturation processes; avoidance of themes such as death, violence, sex, horror, disease, war, controversial social norms, alcohol, and swearwords.

<sup>7</sup> Estereotípica aqui no sentido de se atribuir como um padrão fixo a qualquer obra de literatura infanto-juvenil essas características sem levar em consideração suas particularidades, ou seja, considerar *a priori* que independente dessa obra ser de fantasia, ficção, contos-de-fadas etc. ela possuirá essas características. Resumindo, considerar que independentemente do tipo de obra, ela apresentará essas características.

<sup>8</sup> No sentido trazido por Tury(1995).

tradicionalis desempenham seu papel no processo, isto é, (1) normas relacionadas ao texto-fonte (submissão ao texto e autor original, a retidão, a busca pela adequação em vez da aceitabilidade), (2) normas literárias e estéticas (tentando traduzir de um modo literário e estético, a busca pela aceitabilidade em detrimento da adequação) e (3) normas do mercado editorial (submissão à natureza comercial da edição, publicação e processo de distribuição), a tradução de literatura infanto-juvenil também é governada por normas específicas, como (4) normas didáticas, (5) normas pedagógicas e (6) normas técnicas.<sup>9</sup> (DESMIDT, 2006, p.86, tradução minha)

Essas normas nem sempre vão na mesma direção, deixando o tradutor numa posição delicada. Esse tipo de literatura, muitas vezes considerada menor, simplista, levanta muitas questões, e algumas vezes é até mais complexa do que a literatura adulta, então por que não estudá-la, se os tradutores profissionais muitas vezes se deparam com muitos problemas de tradução mas nenhum estudo que os ajude a resolvê-los?

Muito além de oferecer uma contribuição teórica, este estudo pretende ter uma utilidade também prática no sentido de auxiliar os tradutores que se depararem com um dialeto na língua fonte e procurarem nos Estudos da Tradução algum suporte para traduzirem-no para a língua alvo, não no sentido prescritivista de um manual que estabelece regras de como se traduzir, mas como mais um apoio a sua prática no sentido de oferecer ao tradutor um estudo de como duas tradutoras lidaram com o dialeto de um personagem em uma obra de literatura infanto-juvenil de fantasia.

Apesar dessa orientação infanto-juvenil aparentemente simples, o mundo mágico criado por Rowling traz muitos desafios ao tradutor, além dos já comuns a esse tipo de literatura, como a leiturabilidade, a adequação à censura, às limitações editoriais, entre outras. O uso de dialeto<sup>10</sup> por um dos personagens – Hagrid – é um ponto delicado do

---

<sup>9</sup> As for the translation of children's literature, the situation is even more complex. Not only do general translational norms play their part in the process, i. e., (1) source-related norms (allegiance to the original text/ author, directness, the pursuit of adequacy rather than acceptability), (2) literary, aesthetic norms (trying to translate in a literary, aesthetic way, the pursuit of acceptability rather than adequacy), and (3) business norms (allegiance to the commercial nature of editing, publishing and distribution process), the translation of children's literature is also governed by specific norms, such as (4) didactic norms, (5) pedagogical norms and (6) technical norms.

<sup>10</sup> A definição de dialeto será explorada no capítulo 3 na seção 3.1.

ponto de vista tradutório. A partir disso podemos concluir que LIJ e a obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal* é simples no sentido de trazer uma linguagem de vocabulário acessível e estruturas gramaticais simples, mas isso não significa que não seja um bom objeto de estudo; sob o ponto de vista dos Estudos da Tradução um objeto interessantíssimo de estudo apresentando vários desafios tradutórios que necessitam de uma observação atenta. Embora a gama de possibilidades de estudos seja bastante variada e haja assuntos também bastante interessantes, limitar-me-ei a estudar a tradução do dialeto do personagem Hagrid.

## 1.2 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Com o intuito de responder às perguntas e a hipótese inicial levantada de forma clara e objetiva, esta se organizará nos seguintes capítulos: **Introdução**, seção na qual serão apresentadas as perguntas levantadas por esta pesquisa, sua justificativa e sua organização; **Revisão da Literatura**, que apresentará os detalhes do arcabouço teórico – Estudos Descritivos da Tradução – e metodológico – Estudos da Tradução Baseados em Corpora – que informam e guiam este estudo; **Metodologia**, capítulo no qual serão mostrados os procedimentos, ferramentas e categorias utilizados para a construção e análise do corpus; **Análise de Dados** no qual será apresentada a análise dos dados encontrados no corpus o qual refutará ou confirmará a hipótese inicial levantada no início deste estudo; **Conclusão** em que serão respondidas as perguntas iniciais deste trabalho, será feito um apanhado geral de toda a pesquisa e que serão sugeridas pesquisas futuras; **Referências** o qual oferecerá aos leitores os dados de todas as obras utilizadas para ajudar a construir este trabalho.

O Capítulo 2, a seguir, informará com detalhes o arcabouço teórico e metodológico que guia este trabalho, apresentará a distinção entre dialeto e oralidade, um dos pilares que sustentam esta pesquisa, baseado em conceitos trazidos por Halliday, além de mostrar ao leitor de forma breve como está o desenvolvimento de Estudos da Tradução de Literatura Infanto-Juvenil no Brasil.

## CAPÍTULO 2: REVISÃO DA LITERATURA

Para apresentar a hipótese inicial deste trabalho apresento a categorização proposta por Chesterman (2002, p. 73-77) o qual apresenta uma proposta de quatro diferentes tipos de hipóteses: (i) interpretativa (de base conceitual); (ii) descritiva (de base empírica), (iii) explicativa (de base contextual, por exemplo, nas condições de produção conforme atestado pelos autores, tradutores etc.), (iv) previsiva (que se baseia na existência de fatos anteriores, por exemplo, traduções anteriores de dialetos no Brasil). Minha hipótese inicial apresenta elementos do tipo (ii) descritivista, pois se baseia em dados empíricos (dados de análise de corpus), do tipo (iii) explicativa, já que traz uma entrevista com a autora para explicar o dialeto de Hagrid e do tipo (iv) previsiva, já que este trabalho traz a tradução de dialetos no Brasil.

Esta seção ocupar-se-á em descrever o aparato teórico e metodológico utilizado para embasar o estudo da tradução do dialeto do personagem Rubeus Hagrid no primeiro livro da série Harry Potter - *Harry Potter e a Pedra Filosofal* – para o português brasileiro e europeu. Começarei situando o meu estudo dentro do campo disciplinar dos Estudos da Tradução tanto na perspectiva teórica quanto metodológica levando em consideração o background teórico da Literatura Infanto-Juvenil.

Este estudo caracteriza-se como um estudo Descritivo (baseado em Toury (1980/1995)), como explicitarei a seguir na seção 2.4, baseado em corpora (utilizando-me dos estudos de Baker, 1995 e Tymoczko 1998) a ser definido no capítulo 4, e também levando em consideração o gênero<sup>11</sup> do texto, a saber, Literatura Infanto-Juvenil de fantasia, na seção 2.3.

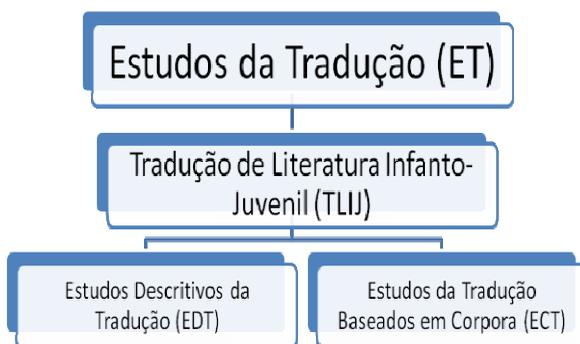
### 2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Após uma introdução aos motivos que me levaram a construir esta pesquisa no capítulo 1, busco um arcabouço teórico que a subsidie,

---

<sup>11</sup> Consoante Fernandes, o termo gênero foi escolhido por conveniências operacionais. Ele é adotado por ser largamente utilizado por teóricos dos Estudos da Tradução para se referir a tipos de textos em vez de possuir qualquer status teórico (FERNANDES, 2004, p.5, tradução minha)

propondo para isso a intersecção trazida por Fernandes (2004, p.20) entre o campo disciplinar de Estudos da Tradução, a área de pesquisa da tradução de Literatura Infanto-Juvenil, o método de Estudos da Tradução baseados em Corpus e o arcabouço teórico dos Estudos Descritivos da Tradução. O diagrama abaixo mostra como essas áreas se relacionam dentro desta pesquisa:



**Figura 1 – Filiação teórica e metodológica desta pesquisa**

Embora esse estudo se dedique especialmente à tradução de um dialeto, ele não se encontra no diagrama já que como a autora não se preocupou em fazer um estudo sobre o dialeto Somerset para imprimir todas as marcas linguísticas desse dialeto na fala de Hagrid, este estudo também não se preocupou em fazer um estudo dialeto profundo.

Começarei fazendo uma breve descrição de como se desenvolveu e se encontra hoje no país o campo disciplinar dos Estudos da Tradução em Literatura Infanto-Juvenil no Brasil (seção 2.2), em seguida discutirei o que se entende por Estudos Descritivos da Tradução (seção 2.3) e, por fim, farei algumas considerações de como o uso de um corpus paralelo bilíngüe pode auxiliar nesta pesquisa, além de trazer um breve histórico sobre a intersecção de ferramentas de corpus e ET, ou seja, Estudos de Corpora e Tradução (seção 2.4).

## 2.2 OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO NO BRASIL EM LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Os Estudos da Tradução desenvolveram-se como um campo disciplinar autônomo muito recentemente, na década de 1970, com o texto fundador de Holmes (1972- 1988). No Brasil, esse campo

disciplinar ainda é ainda mais recente. Segundo Barbosa (2004, comunicação oral), há, no Brasil, 256 cursos de Letras, 390 Licenciaturas e 67 Bacharelados em Tradução e-ou Interpretação e, consoante a pesquisa feita recentemente por mim, um único programa de pós-graduação na América Latina especialmente voltado para os Estudos da Tradução, o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina que teve início em 2004. Ainda de acordo com Barbosa (2004) os cursos de Bacharelado em Tradução distribuem-se da seguinte forma pelo Brasil: 5 localizam-se no sul do país, 32 no sudeste, 5 no centro-oeste e 3 na região norte. Antes disso, os trabalhos interessados nos Estudos da Tradução eram desenvolvidos na Linguística, com ênfase em Estudos da Tradução ou na Literatura Comparada.

Em 2001, Pagano e Vasconcellos desenvolveram um estudo pioneiro no Brasil propondo o primeiro mapeamento das teses e dissertações na área de Estudos da Tradução. Esse mapeamento levou em consideração os trabalhos produzidos nas décadas de 1980 e 1990 baseando-se em informações coletadas através de chamada para que os pesquisadores enviassem dados sobre suas pesquisas com o intuito de que esses pudessem ser armazenados em um banco de dados pesquisáveis.

Por meio dessa pesquisa, Pagano e Vasconcellos constataram que, de todos os trabalhos cadastrados no banco de dados, 95 resumos, entre dissertações, teses e relatórios de livre docência, se dedicavam à área de Estudos da Tradução. Dentre esses trabalhos, 54 são dissertações de mestrado, 39 teses de doutorado e 2 relatórios de livre docência. Ao final do trabalho, as autoras chegam à conclusão que o mapeamento proposto por elas manifesta 2 tipos de ausência: “(i) a ausência de pesquisa dentro da área que não foram capturadas” (PAGANO; VASCONCELLOS, 2003, p.18); e o que interessa mais especificamente a esta pesquisa “(ii) ausências da pesquisa realizadas nas interfaces.” (Id., Ibid, p.18). Foi a partir dessa lacuna que me permiti realizar uma pequena busca, 7 anos após a publicação do CD-ROM de Pagano et. al.<sup>12</sup>, dentro do portal da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para verificar quantos trabalhos foram feitos, entre dissertações e teses, cobrindo a interface entre Estudos da Tradução e Literatura Infante-Juvenil. A busca foi feita a partir das palavras-chave ‘Literatura Infantil’,

---

<sup>12</sup> CD-ROM da autoria das professoras Adriana Pagano, Maria Lúcia Vasconcellos, Célia Magalhães e do professor Fábio Alves publicado no ano de 2001.

‘Literatura Juvenil’, ‘Literatura Infanto-Juvenil’. Embora as ocorrências das expressões isoladas ‘Literatura Infantil’, ‘Literatura Juvenil’, ‘Literatura Infanto-Juvenil’ já tenham sido pequenas, uma busca mais refinada foi realizada utilizando os termos ‘Literatura Infantil e Estudos da Tradução’, ‘Literatura Infanto-Juvenil e Estudos da Tradução’, ‘Literatura Juvenil e Estudos da Tradução’, ‘Literatura Infantil e tradução’, ‘Literatura Juvenil e tradução’, ‘Literatura Infanto-Juvenil e tradução’, ‘tradução’, ‘Children’s Literature’, ‘Children’s Literature and Translation Studies’, ‘Children’s Literature and translation’ and ‘translation’ para que o maior número de possibilidades de ocorrência de trabalhos pudesse ser contemplado.

Nessa busca foram encontrados onze trabalhos cobrindo a interseção entre Estudos da Tradução e Literatura Infanto-Juvenil. Esses trabalhos dividem-se em oito dissertações de mestrado e três teses de doutorado. Esse escasso número de teses, principalmente, já era esperado, visto que, como citado anteriormente, o campo de Estudos da Tradução no Brasil ainda se encontra em sua fase inicial de desenvolvimento de pesquisas e há a necessidade de desenvolvimento de pesquisas que dediquem mais tempo e sejam mais abrangentes, como as teses de doutorado.

Os trabalhos desenvolvidos na área, ainda segundo esse breve levantamento feito no portal da CAPES, mostram que as pesquisas que se ocupam dos Estudos da Tradução em Literatura Infanto-Juvenil distribuem-se de maneira bem heterogênea concentrando-se no centro-sul do Brasil, principalmente: três trabalhos desenvolvidos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), um na Universidade de São Paulo (USP), dois na Universidade Estadual Paulista (UNESP), dois na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), um na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), um na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e um na Universidade Federal de Goiás (UFG). Como se constatou, nenhuma instituição apresentou mais de três trabalhos. Pode-se considerar que as instituições mais representativas são, então, aquelas com maior ocorrência de teses seguidas pelo número de dissertações, a saber: a UFSC, com a tese de Fernandes (2004), Borba (2006) e a dissertação de Jolkesky (2007); a UNESP, com a tese de Pinto (2004) e a dissertação de Conde (2005); e a UNICAMP, com a tese de Vieira (2004) e a dissertação de Zorzato (2007).

---

Ano de Defesa	1999	2001	2001	2003	2004	2004	2004	2005	2007	2007	2007
---------------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

---

Arcabouço teórico	E.D. <sup>13</sup>	E.D.	E.C. <sup>14</sup>	E.D.	E.C.	E.D.	T.I.D. <sup>15</sup>	E.CT. <sup>16</sup>	E.D.	E.CT.	H.T. <sup>17</sup>
Tipo de Trabalho	ME <sup>18</sup>	ME	ME	ME	DO <sup>19</sup>	DO	DO	ME	ME	ME	ME
Instituição	UFS C	USP	PUC-RS	UFMG	UNICAMP	UFS C	UNESP	UNESP	UFS C	UNICAMP	UFMG

**Tabela 1 – Distribuição de trabalhos por ano, arcabouço teórico, tipo de trabalho e instituição**

No que diz respeito às datas de publicação, todos os trabalhos são bastante recentes - todos publicados de 1999 em diante, ou seja, nenhum deles foi abarcado no estudo de Pagano e Vasconcellos. O quadro abaixo demonstra a distribuição dos trabalhos quanto ao ano de defesa, ao arcabouço teórico, ao tipo de trabalho e à IES.

Essa escassez de trabalhos na interface só ilustra o estágio inicial das pesquisas brasileiras nessa área. É nesse sentido, o de acrescentar mais uma pesquisa à área de ET em LIJ, que a presente pesquisa se desenvolve.

Esse rastreamento é apenas introdutório e tem por intuito mostrar aos pesquisadores que atuam na área hoje como o campo está se desenvolvendo<sup>20</sup>. Ele serve também para ilustrar a importância de se fazer um mapeamento mais rigoroso que abranja trabalhos de conclusão de curso, artigos, volumes direcionados ao assunto entre outras publicações que apontará os estudos pioneiros feitos no país importantes como subsídio para novos trabalhos para que possamos desenvolver as nossas pesquisas não só baseados em teorias estrangeiras, mas também construir a nossa própria, visto a importância do volume das traduções no nosso território e as particularidades do país.

## 2.3 OS ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO

<sup>13</sup> E.D.: Estudo Descritivo.

<sup>14</sup> E.C.: Estudo Comparativo.

<sup>15</sup> T.I.D.: Tradução como Instrumento Didático.

<sup>16</sup> E.CT.: Estudos Culturais.

<sup>17</sup> H.T.: História da Tradução.

<sup>18</sup> M.E.: Mestrado.

<sup>19</sup> D.O.: Doutorado

<sup>20</sup> Fernandes, Santos e Vasconcellos estão desenvolvendo um estudo bibliométrico para publicação sobre a interface entre os ET e a LIJ.

A tradução não pode produzir uma exatidão total, pois não há uma maneira de determinar o que seria essa exatidão total. Logo, continuar a pensar a tradução em termos de que demandam a equivalência “em todos os aspectos simultaneamente” não tem sentido.<sup>21</sup> (HERMANS, 1999, p.19, tradução minha.)

Esta pesquisa adota a perspectiva dos Estudos Descritivos da Tradução definidos por Hermans (1999) da seguinte forma

[...] o termo ‘descritivo’ foi usado como uma declaração programática em oposição a outros termos e abordagens, e é melhor entendido nesse sentido opositivo. [...] Eles [os descritivistas] não querem ser prescritivistas, e eles não querem que os julgamentos de valor sejam o único nem o principal objetivo do estudo da tradução. Ao rejeitar uma abordagem prescritivista ou normativa, os descritivistas querem conduzir pesquisas que justifiquem a si próprias e não com o intuito de refinar conselhos práticos, diretrizes para uma boa tradução, ou regras gerais às quais tradutores devem seguir quando traduzem ou critério com o qual críticos devem julgar a qualidade de traduções. Assim, ‘descritivo’ evidencia uma mudança cautelosa de pesquisas ‘aplicadas’ para ‘puras’ em um contexto histórico no qual a tendência ‘aplicada’ tem sido dominante há longo tempo. Isso confere ao termo ‘descritivo’ seu limiar polêmico e oposicional. A ‘positivação heurística’ do descritivismo redefine os objetivos de estudar a tradução através da reivindicação da legitimidade de pesquisas que tem caráter ‘esclarecedor’ em detrimento das ‘práticas’, usando os termos de Holmes. Ela quer estudar as traduções como elas são e relatar suas ocorrências e natureza. Esses esforços talvez rendam insights que talvez sejam de uso prático para os tradutores e para professores e críticos de tradução, mas esses benefícios são incidentais. Fundamentalmente, os

---

<sup>21</sup> Translation cannot produce total accuracy because there is no way of determining what total accuracy would consist of. It is therefore pointless to continue to think of translation in terms of demands for equivalence “in all respects at once”.

descritivistas levam em consideração como seu objeto de estudo o que os tradutores fazem e dizem, e o que os professores e críticos fazem e dizem. Nesse sentido, não só as traduções como também declarações feitas sobre tradução, incluindo enunciados prescritivos e avaliativos, são de matérias-primas a serem processadas pelo descritivismo.<sup>22</sup> (HERMANS, 1999, p. 35, tradução minha, grifo meu)

Esse conceito de descritivismo trazido por Hermans não garante que os Estudos Descritivos sejam um modelo ideal sem motivos para crítica. Não discutirei aqui profundamente as críticas feitas aos Estudos Descritivos, apenas as citarei como motivo de futura reflexão. A primeira crítica consiste no principal objetivo dos Estudos da Tradução. Para Toury (1995), o que vai além da descrição é a descoberta de leis da tradução, porém, ninguém seguiu o mesmo caminho de Toury em seu *Descriptive Translation Studies and Beyond* dentro dos ET. Para a maioria dos pesquisadores, o maior objetivo ainda é ter *insights* sobre as complexidades, a relevância histórica e impacto das traduções (HERMANS, 1999.) A segunda questão é a exigência dos estudos descritivos de um observador neutro, com uma postura objetiva, distanciada do seu objeto de estudo (HERMANS, 1999). Neste segundo caso, entramos no paradigma do observador, já que todas as nossas manifestações como seres humanos carregam consigo traços de quem

---

<sup>22</sup> [...] the term 'descriptive' was used as a programmatic declaration in opposition to other terms and approaches, and is best understood in that oppositional sense. [...] They [the descriptivists] do not want to be prescriptive, and they do not want value judgments to be the sole or even the primary aim of the study of translation. In rejecting a prescriptive, or normative, approach to translation, the descriptivists want to conduct research for its own sake and not in order to distil from it practical advice or guidelines for good translation, or rules of thumb which translators should follow when they translate, or criteria with which critics and reviewers can assess the quality of translation. 'Descriptive' thus signals a deliberate shift away from 'applied' to 'pure' research, in a historical context in which the 'applied' tendency had long been dominant. This lends the term 'descriptive' its polemical, oppositional edge. The 'positive heuristic' of descriptivism redefines the aims of studying translation by claiming legitimacy for research which is 'of light' rather than 'of use', to speak in Holmes's terms. It wants to study translations as they are, and to account for their occurrence and nature. These endeavors may yield insights that turn out to be of practical use to translators and to translation teachers and critics, but such benefits are incidental. In essence, descriptivists regard what translators do and say, and what translation teachers and critics do and say, as their object of study. In this ways not only translations but also statements about translation, including prescriptive and evaluative pronouncements, are grist to the descriptive mill.

nós somos, onde vivemos, em que época vivemos etc. que nos impede de ser neutros.

Atualmente, de qualquer forma, a ideia de uma descrição neutra é geralmente vista com suspeita nas ciências humanas. [...] O fato que todas as manifestações linguísticas, incluindo descrições, implicam em aspectos modais que são dificilmente conciliados com a idéia de neutralidade; [...]”<sup>23</sup> (HERMANS, 1999, p. 36, tradução minha).

Qualquer enunciado que produzimos é portador de nossos valores. Além disso, juntamente com o ideal de uma separação de nossos valores para uma atitude puramente descritivista, está a separação entre o nível do objeto de estudo e o nível da metalinguagem, já que não apenas a tradução é o objeto de estudo dos ET, mas também tudo aquilo que se produz sobre a tradução, assim, há um conflito nessa separação, pois não há como separar o objeto da metalinguagem se a metalinguagem também faz parte do objeto de estudo. (Id., Ibid.)

Seguindo essa linha dentro dos EDT, será considerado como prescritivo ou Estudo Prescritivo da Tradução, termo utilizado por Toury (1980/1985), o estudo que apresenta como “abordagens à tradução as quais apresentam um ponto de vista normativo, ou, em outras palavras, as quais impõem critérios estipulando a forma como a tradução deve ser feita em uma cultura particular.”<sup>24</sup> (Id., Ibid., p. 130, tradução minha).

Consoante Toury, essa predominância dos estudos prescritivos se deve à “[...]‘total orientação da disciplina em direção às aplicações práticas’ (1985:17), como o ensino e a crítica de tradução [...]”<sup>25</sup> (SHUTTLEWORTH; COWIE, 1997, p.130, tradução minha).

Hermans (1999), em seu livro *Translation in Systems: Descriptive and Systemic Approaches Explained*, dedicou-se a explorar os Estudos Descritivos da Tradução. O autor fala que

---

<sup>23</sup> Today, at any rate, the idea of neutral description is generally viewed with suspicion in the human sciences. [...] The very fact that all linguistic utterances, including descriptions, imply modal aspects is hard to reconcile with the idea of neutrality; [...]

<sup>24</sup> “approaches to translation which are normative in outlook, or in other words which impose criteria stipulating the way translation should be performed in a particular culture.

<sup>25</sup> “[...]‘overall orientation of the discipline towards its practical applications’ (1985:17), such as translating teaching and criticism [...]”

[...] aqueles interessados em estudar tradução [deveriam] [...] ‘deixar de lado a prescrição em favor da descrição’; [...] (1988:25, 97). Debates sobre o que tradutores devem ou não fazer e sobre qual modo de tradução é melhor ou pior ou mais ou menos apropriado tendem, na perspectiva de Holmes, a gerar ‘mais calor do que luz.’ (1988:25, 45).

A idéia que o estudo da tradução deveria objetivar a iluminação em vez de ditar regras sobre como melhor traduzir é o ponto de partida do mais famoso ensaio de Holmes, ‘O Nome e a Natureza dos Estudos da Tradução’ (1972). (HERMANS, 1999, p.60)<sup>26</sup>

A partir dessa citação, podemos ver o início da transição dos estudos prescritivos, os quais ditavam regras do que seria uma boa tradução, para os descritivos, que têm como objetivo observar o que é feito pelos tradutores. A partir dessas primeiras reflexões pode-se perceber que os Estudos da Tradução mudaram de perspectiva, gerando mais contribuições para área do que quando somente se apontavam apenas o que seriam considerados os “defeitos” de uma má tradução – o que geravam mais conflitos do que contribuições para a tradução.

Tendo visto isso, o objeto de preocupação desta pesquisa será observado como ele é, não como deveria ser; ou seja, não é intuito deste trabalho tentar arrolar regras *a priori* para a realização de uma boa tradução, mas sim observar o produto gerado pela prática de tradutores em seu ambiente normal de trabalho (sem nenhum tipo de regra de controle para contemplar fins de pesquisa ou qualquer outro tipo de restrição que difira das habituais do tradutor que interfira em sua tradução). Hermans (1999) explica mais detalhadamente o que se entende por estudos descritivos.

---

<sup>26</sup> [...] those interested in studying translation [should] [...] ‘lay aside prescription in favour of description’; [...] (1988:25, 97) Debates about what translators should or not do, and about which mode of translation is better or worse or more or less appropriate than some other mode tend, in Holme’s view, to generate ‘more heat than light’ (1988:25, 45).

The idea that the study of translation should seek illumination instead of handing down rules about how best translate forms are starting point of Holme’s most famous essay, ‘The Name and Nature of Translation Studies’ (1972).

## 2.4 ESTUDOS DA TRADUÇÃO BASEADOS EM CORPUS

“[...] estudos da tradução baseados em corpus mudam tanto de uma maneira qualitativa como quantitativa tanto o conteúdo quanto os métodos da disciplina de Estudos da Tradução [...]”<sup>27</sup> (TYMOCZKO, 1998, p.4, tradução minha)

Para fins deste trabalho, será considerado um corpus “qualquer conjunto de textos espontâneos (em oposição a exemplos e frases) sob forma eletrônica e analisável automaticamente ou semi-automaticamente (em vez de manualmente).”<sup>28</sup> (BAKER, 1995, p.226, tradução minha). Esta pesquisa enquadra-se dentro dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus e utiliza-se de um subcorpus do corpus paralelo bilíngue Portuguese-English Parallel Corpus o (PEPCo), (FERNANDES; BARTHOLOMEI JR, 2009). Por estudos baseados em corpora, entende-se aquele estudo em que “o papel do corpus é o de ser um depósito de exemplos para ilustrar uma teoria ou conceitos previamente estabelecidos” (SARDINHA, 2002, p.33) e por corpus paralelo bilíngue entende-se um conjunto de textos escritos originalmente em uma L1 (no caso desta pesquisa o inglês britânico) e sua tradução para a L2 (no caso temos duas traduções da L2, uma tradução para o português do Brasil e outra tradução para o português Europeu) emparelhados por algum tipo de método de alinhamento utilizados para possibilitar a correspondências entre palavras, frases ou parágrafos – de acordo com o interesse de cada pesquisa - consideradas suas respectivas traduções (FERNANDES, 2004, p.51).

A utilização de corpus nos Estudos da Tradução podem trazer uma série de vantagens à disciplina, além de proporcionar uma nova perspectiva de possibilidades de pesquisa:

Estudos de corpora e tradução são centrais na maneira em que os Estudos da Tradução como disciplina permanecerão vitais e seguirão adiante.

---

<sup>27</sup> [...]corpus translation studies change in a qualitative as well as a quantitative way both the content and the methods of the discipline of Translation Studies [...]

<sup>28</sup> “[...] any collection of running texts (as opposed to examples/ sentences), held in electronic form and analyzable automatically or semi-automatically (rather than manually).”

[...] Os estudos de corpus e tradução nos permitem, por exemplo, codificar de forma compacta e eficiente, acessar e interrogar vastas quantidades de dados – mais que qualquer ser humano poderia jamais agrupar ou examinar em toda uma vida produtiva sem assistência eletrônica. Além disso, essa abordagem permite o intelectualismo internacional e multicultural, fornecendo a inclusão de dados de populações pequenas e grandes, de línguas e culturas minoritárias bem como majoritárias. Corpora de traduções possibilita investigações descentralizadas e multilocais que são possíveis graças ao acesso virtualmente instantâneo a materiais importantes compartilhados. O uso de corpora em Estudos da Tradução garante sua união com o empreendimento intelectual sem o obstáculo de tempo ou espaço, facilitado pela intercomunicação ao redor do globo. Eles permitem a reversibilidade da perspectiva e a descentralização do poder. E como uma grande base de dados da ciência, os corpora tornar-se-ão um legado do presente ao tempo futuro, permitindo que pesquisas futuras sejam construídas a partir do presente.<sup>29</sup> (TYMOCZKO, 1998, p.4)

Todo esse novo leque de possibilidades para os pesquisadores em Estudos da Tradução pode representar um limiar muito perigoso entre a grande ferramenta de análise representada pelos estudos de corpora e o deslumbramento pelas estatísticas vazias, sem uma análise que interprete seus dados. Como afirma Tymoczko (1998, p.7, tradução minha) “Os ECT devem tomar cuidado para não se auto-depreciarem, caindo no fetichismo da busca por quantificação que contamina muitos ‘estudos científicos’ e tornam-os ridículos, exercícios

---

<sup>29</sup> Corpus translation studies is central to the way that Translation Studies as a discipline will remain vital and move forward. [...] Corpus translation studies enable us, for example, to encode in compact and efficient forms, to access and interrogate vast quantities of data – more data than any single human being could ever manage to gather or examine in a productive lifetime without electronic assistance. Moreover, the approach allows multicultural intellectualism, providing for the inclusion of data from small and large populations, form minority as well as majority languages and cultures. Translation corpora make it possible for decentralized, multilocal investigations to proceed thanks to virtually instantaneous access to shared primary materials. Corpora in translation studies lend themselves to joint intellectual endeavors unimpeded by time or space, facilitated by intercommunication across the globe. They permit the reversibility of perspective, the decentering of power. And like large databases in the sciences, corpora will become a legacy of the present to the future, enabling future research to build upon that of the present.

vazios.”<sup>30</sup> É importante ter em mente com clareza que o papel do pesquisador continua sendo central, que ater-se a análises estatísticas sem propósito ou que revelam o óbvio, como alerta Tymozco (1998), torna a pesquisa infrutífera. O papel do corpus é fornecer ao pesquisador dados a serem interpretados não somente no nível textual, mas também em todo o contexto sócio-cultural em que ele está envolvido. Conforme Kenny (1998 apud SARDINHA, 2002, p.49) “[...] Cultura e língua estão inextricavelmente interligados e não faz sentido sugerir que as abordagens culturais e linguísticas ao estudo da tradução podem ser mutuamente exclusivas.”<sup>31</sup>

A utilização de corpus para a pesquisa em tradução ainda é muito recente não só no Brasil, mas também em todo o mundo. Conforme aponta Sardinha (2002, p.19), essa falta de popularidade do uso das ferramentas de corpus pode ser atribuída a três motivos: (a) “o preconceito dos lingüistas (sic) de corpus em relação ao texto traduzido [...]”, (b) “[...]a imagem negativa da lingüística (sic) (em geral) perante os tradutores e pesquisadores da área.”; e (c) “[...]um obstáculo muito claro: o acesso à tecnologia.”. No país, de todos os trabalhos registrados no banco de teses da CAPES, em uma busca rápida feita a partir dos termos ‘corpus’ e ‘Estudos da Tradução’, cerca de 50 trabalhos<sup>32</sup> no âmbito de mestrado e doutorado na área de Estudos da Tradução usam a metodologia de Corpus para análise, e alguns desses trabalhos não trazem em suas palavras-chaves o termo ‘corpus’ ou ‘baseado em corpora’ nem mesmo tem em seu resumo a terminologia específica ‘baseados em corpora’, trazendo, em vez disso, por exemplo, o termo ‘corpus computadorizado’. Isso demonstra a pouca visibilidade mostrada por Sardinha em 2002 do uso das ferramentas de corpus nos Estudos da Tradução. Gostaria de salientar, porém, que apesar do baixo número de ocorrências de trabalhos baseados em corpora nos Estudos da Tradução e da escassez de trabalhos que abordem a Literatura Infante-Juvenil no Brasil, como visto na seção 2.2 acima, dos 11 trabalhos existentes, Cruz (2003) e Fernandes (2004) realizaram estudos

---

<sup>30</sup> CTS must take care not to diminish itself, falling into the fetishistic search for quantification that plagues many “scientific studies” and makes them ridiculous, empty exercises.

<sup>31</sup> Culture and language are inextricably bound up in one another, and it makes no sense to suggest that social and linguistic approaches to the study of translation can be mutually exclusive.

<sup>32</sup> Esta busca foi feita de maneira rápida e superficial, sendo este dado apenas uma curiosidade levantada por esta pesquisa. Para se realizar qualquer afirmação mais sólida é necessário um trabalho mais criterioso.

baseados em corpora, mostrando que a área de LIJ está se aliando à nova abordagem metodológica dos ETC.

Os Estudos da Tradução Baseado em Corpora, introduzidos por Baker (1993) tem muito a oferecer tanto aos programas de treinamento de tradutores quanto aos pesquisadores da área, com uma maior representatividade de dados, maior rigor atingido nos resultados, mais rapidez no processamento dos dados etc. Apesar dessas e de outras vantagens levantadas por Tymozcko (1998), o uso de ferramentas de corpus nos ET como sugerido também suscitou críticas, como as feitas por parte de Steiner (2001 apud SARDINHA, 2002) que, como expõe Sardinha (2002, p.27, grifo do autor)

seria um erro, para o autor, comparar diretamente as estatísticas relativas à quantidade de palavras em textos escritos em inglês e em alemão, visto que no alemão a morfologia (declinação etc.) e os compostos nominais, por exemplo, são muito diferentes o que afeta diretamente a contagem de ocorrências (*tokens*) e formas (*types*).

Essa crítica se dirige mais diretamente à comparação da extensão do texto-fonte com a do texto-alvo e às análises com viés estritamente linguísticos, não levando ou levando pouco em consideração os aspectos culturais em que o texto está inserido. Logo, essa crítica se dirige mais especificamente à abordagem dos dados levantados pela metodologia de corpus do que à metodologia em si; ou seja, essa crítica seria de maior responsabilidade do pesquisador do que da metodologia, já que é esse seleciona qual a abordagem utilizada para analisar os dados.

Mais detalhes sobre o desenho e processamento do corpus serão encontrados no capítulo 3 deste trabalho. Na seção seguinte, 2.4.1, estão algumas informações do corpus que informa esta pesquisa.

## 2.5 A TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Antes de iniciar uma discussão mais aprofundada, é necessário estabelecer o que é Literatura Infanto-Juvenil. O problema inicial desta área é a definição dos termos “infantil”, “juvenil”, “infanto-juvenil” e “literatura”. Visto isso, é salutar que se desenvolvam trabalhos, como o de Coelho (2006), que discutam a Literatura Infanto-

Juvenil/Infantil/Juvenil. Coelho (2006, p.1) faz na introdução de seu livro *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira* a seguinte distinção para lidar com todas essas nomenclaturas:

[...] usaremos o rótulo geral Literatura Infantil ou Infantil/Juvenil (LIJ) para indicar tanto os livros infantis (destinados a pré-leitores, leitores iniciantes e leitores em processo), como os Infanto-Juvenis (para os leitores fluentes) e os Juvenis (para leitores críticos) [...] Todos que lidam com essa literatura não-adulta conhecem as dificuldades de se encontrar um termo abrangente que não falseie a matéria por ele nomeada.

Segundo Wyler (apud BARBOSA, 2005, p. 8), em 2004 entre 60 e 80% dos livros publicados no Brasil eram traduções. Embora essa informação já esteja um pouco defasada em função do tempo, ela nos dá uma idéia do número de traduções lidas por brasileiros, incluindo, claro, as crianças e jovens. Consoante Barbosa (2005, p. 9), em uma pesquisa feita nas listas de livros mais vendidos de veículos de comunicação nacional (revistas e jornais), o jornal *O Globo* “[...] incluía uma última categoria [nas categorias de livros mais vendidos no ano de 2005], a de literatura infantil, na qual citava três livros estrangeiros contra um brasileiro.” Como se pode observar, a maioria da literatura que chega às mãos das crianças e jovens do país, passa antes pelas mãos de um tradutor.

Ainda que os termos adotados pela pesquisadora não resolvam todo o problema, eles propõem uma definição clara para seus propósitos.

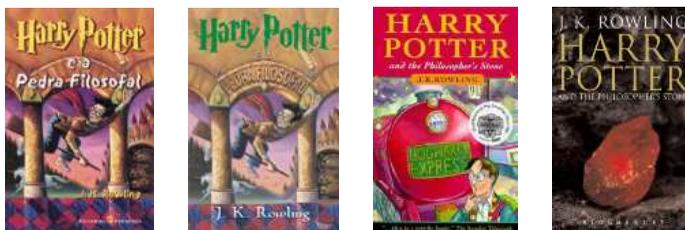
Nesta pesquisa, mesmo que o objeto de estudo seja considerado um texto bastante ambivalente – aqui adotando ambivalência de acordo com Shavit “textos os quais são designados oficialmente para crianças, mas que também são apelativos para adultos ou para um público leitor adulto.”<sup>33</sup> (2003, p.36) – pois há edições da série lançadas para adultos na Inglaterra<sup>34</sup>, inicialmente, segundo Wyler, “[...]o primeiro livro da série Harry Potter foi escrito para crianças entre 9 e 12 anos de idade em níveis diferentes

---

<sup>33</sup> [...] texts which are designed officially for children but appeal in fact to adults or adult readership as well.

<sup>34</sup> Vide anexo B para ver as capas das edições adultas lançadas pela editora inglesa Bloomsbury.

letramento[...]"<sup>35</sup> (2003, p.10, tradução minha), e “A série Harry Potter é classificada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Seção Brasileira do International Board on Books for Young People IBBY, como “Tradução Criança”” (Id., 2001, comunicação pessoal).



**Figura 2 – Capas das Edições de Harry Potter para o público infanto-juvenil e adulto (esta última só em inglês europeu)**

Adotarei também para fins desta pesquisa a definição feita por Fernandes (2004), levando em consideração as diferenças entre a língua inglesa e a portuguesa, já que essa se refere a esse tipo de literatura como *Children's Literature* e esta possui as nomenclaturas possíveis de *Literatura Infantil*, *Literatura Juvenil* e *Literatura Infanto-Juvenil*:

Literatura Infanto-Juvenil é definida como um gênero<sup>36</sup> escrito<sup>37</sup> e publicado, se não exclusivamente para crianças<sup>38</sup>, então pelo menos levando-as em consideração, incluindo romances juvenis, os quais se direcionam aos leitores no início e final da adolescência.<sup>39</sup> (FERNANDES, 2004, p.5, tradução minha)

<sup>35</sup> Considering that the first Harry Potter book was written for children between 9 and 12 years of age in different levels of literacy [...]

<sup>36</sup> Ainda segundo Fernandes, o termo gênero é adotado por conveniências operacionais. Ele é adotado por ser largamente utilizado por teóricos dos Estudos da Tradução para se referir a tipos de textos em vez de possuir qualquer status teórico (FERNANDES, 2004, p.5, tradução minha)

<sup>37</sup> Consoante Fernandes (2004), que se baseia em Rosen (1996), embora seu trabalho se dedique exclusivamente ao meio escrito [assim como este], ele considera [assim como eu] que a Literatura Infanto-Juvenil abrange outros meios, como CD's, DVD's, CD-ROM's, filmes, áudio-books entre outros.

<sup>38</sup> Fernandes (2004) escreve em língua inglesa, logo ele se refere a *children's literature*, por esse motivo adaptei o conceito proposto por ele aos propósitos desta pesquisa levando em consideração as necessidades da língua portuguesa.

<sup>39</sup> “[...] a genre written and published, if not exclusively for children, then at least bearing them in mind, including the ‘teen’ novel – which is aimed at the young and late adolescent readers”.

A Literatura Infanto-Juvenil abrange contos-de-fadas, fantasia, ficção-científica, estória de animais, livros de gravura, aventura, poemas entre outros (MARSHAL, 1982 apud FERNANDES, 2004, p.5, tradução minha). O livro o qual constitui o corpus desta pesquisa é considerado, como Literatura Infanto-Juvenil de Fantasia, entendendo-se por fantasia

trabalhos de ficção, escritos por um autor específico (i. e. não tradicional) e geralmente com a extensão de um romance, o qual envolve o supernatural ou outro elemento irreal. O termo “não tradicional” nesta definição é usado em oposição a contos-de-fadas tradicionais os quais têm suas origens na tradição oral de contação de estórias e por essa razão elas geralmente têm sua atual forma atribuída não a um autor real, mas a um escritor ou editor.<sup>40</sup> (CARPENTER; PRICHARD, 1984 apud FERNANDES, 2004, p.5, tradução minha).

Nessa literatura fantástica, o elemento não real é encarado como algo possível dentro da realidade da estória, mas não deixa de ser um elemento não natural. Como afirmam Malmkjaer e Knowles (1996, p.17, tradução minha) “a fantasia ficcional talvez incorpore um elemento mágico, mas quando isso acontece, aquele elemento, longe de ser aceito como possível, é relativamente fantástico aos aspectos realísticos da obra”<sup>41</sup> Sendo assim, todo ambiente mágico criado na série Harry Potter torna-se completamente possível. O leitor faz essa passagem do mundo real para o fantástico junto com o personagem principal quando este descobre que fatos antes não realizáveis no

---

<sup>40</sup> “works of fiction, written by a specific author (i.e. not traditional) and usually novel - length, which involve the supernatural or some other unreal element” (Carpenter and Prichard, 1984, p. 181). The term “not traditional” in this definition is used in opposition to traditional fairytales which have their origins in the oral tradition of telling stories, and for this reason they usually owe their present established form not to real authors but to particular writers or collectors (p. 177).

<sup>41</sup> “fantasy fiction may incorporate a magical element, but when it does, that element, far from being assumed, is fantastic relative to the realistic aspects of the work”.

mundo real são possíveis em um mundo paralelo existente na estória. Contudo, ao contrário dos contos-de-fadas, por exemplo, onde o irreal é parte do cotidiano, na fantasia, esse elemento mágico é visto como algo fantástico, não pertencente ao cotidiano.

Tendo visto alguns dos aspectos que envolvem a LIJ e sua tradução no contexto nacional, a próxima seção faz um apanhado do que se estudou sobre a prática da tradução de dialetos.

## 2.6 O DIALETO E A ORALIDADE

Uma língua<sup>42</sup>, como tem sido observado, é um dialeto com uma bandeira, ou melhor, com um exército. Os diferentes tipos de padrões de variação que são produzidos por um isolamento geográfico ou espacial são regularmente transformados em mecanismos poderosos para afirmar e reconhecer diferenças sociais.<sup>43</sup> (SPOLSKY, 1998, p.30, tradução minha)

O primeiro passo, antes de observar diretamente a fala do personagem Hagrid dentro do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* é fazer uma distinção entre a oralidade e o dialeto, já que o que é proposto nesta pesquisa é que o personagem Hagrid tem sua fala diferenciada de todos os outros personagens por utilizar um dialeto.

Chambers e Trudgill discutem em seu livro *Dialectology* a diferença entre língua e dialeto e afirmam o seguinte

[...] é necessário reconhecer que, extremamente paradoxal, uma 'língua' não é, de forma alguma, uma noção particularmente linguística. Características linguísticas obviamente são levadas em consideração, mas é evidente que consideramos norueguês, sueco, dinamarquês e alemão como uma única língua por razões que são tanto políticas, geográficas, históricas, sociais e culturais como linguísticas. [...] O termo 'língua' é, dessa forma, de

---

<sup>42</sup> O termo 'language' pode ser traduzido para o português como 'língua' assim como 'linguagem'. Levando em consideração o contexto acabei por escolher 'língua' como equivalente potencial apropriado para a tradução.

<sup>43</sup> A language, it has been remarked, is a dialect with a flag, or even better, with an army. The kinds of differences in patterns of variation that are produced by geographical or spatial isolation are regularly transformed into powerful mechanisms for asserting and recognizing social differences.

um ponto de vista linguístico, um termo relativamente não técnico. Se, por conseguinte, desejar-se ser mais rigoroso no uso de termos descritivos tem-se que empregar outra terminologia [...] VARIANTE. Deve-se usar o termo ‘variante’ como um termo neutro o qual se aplica a qualquer tipo particular de língua que se desejar, por algum motivo, considerar uma única entidade. O termo será usado de maneira ad hoc com o intuito de ser tão específico quanto desejar-se para um motivo em particular. [...] ‘Dialeto’, por outro lado, refere-se a variantes as quais são gramaticalmente (e talvez lexicalmente) assim como fonologicamente diferentes de outras variantes. Se dois falantes dizem, respectivamente, *I done it last night* e *I did it last night* pode-se dizer que eles falam dialetos diferentes.<sup>44</sup> (1980 apud SPOLSKY, 1998, p. 92, sic, grifo do autor, tradução minha)

Os autores fazem essa distinção mostrando que o termo ‘língua’ usado genericamente não pode ser considerado um termo específico para os estudiosos da língua, mas propõe o termo VARIANTE – já que, além de suas características linguísticas, a língua obrigatoriamente carrega consigo componentes sociais, políticos e geográficos – que leva em consideração os aspectos extra-linguísticos da língua tornando o termo mais rigoroso para propósitos científicos. Podemos concluir, da citação acima, que não existe uma entidade única que se denomine português ou inglês, mas um conjunto de variantes que, para um fim específico, se unem sob o título de língua portuguesa, inglesa, espanhola e assim por diante. O que assumimos como língua inglesa, língua portuguesa, língua espanhola é a variante padrão que

---

<sup>44</sup> [...] we have to recognise that, paradoxically enough, a ‘language’ is not a particularly linguistic notion at all. Linguistic features obviously come into it, but it is clear that we consider Norwegian, Swedish, Danish and German to be single languages for reasons that are as much as political, geographical, historical, sociological and cultural as linguistic. [...] The term ‘language’ is thus from a linguistic point of view a relatively non-technical term. If therefore we wish to be more rigorous in our use of descriptive labels we have to employ other terminology [...] VARIETY. We shall use ‘variety’ as a neutral term to apply to any particular kind of language which we wish, for some purpose, to consider as a single entity. The term will be used in ad hoc manner in order to be as specific as we wish for a particular purpose. [...] ‘Dialect’, on the other hand, refers to varieties which are grammatically (and perhaps lexically) as well as phonologically different from other varieties. If two speakers say, respectively, *I done it last night* and *I did it last night*, we can say that are speaking different dialects.

Eles [os falantes da variante padrão que reclamam acerca da degeneração que eles consideram ser a mudança linguística] parecem acreditar que, de fato, o Inglês Padrão é a língua inglesa e que todos os outros dialetos são de algo forma desvios e corrupções do Inglês Padrão. [...] O Inglês Padrão [...] emergiu e ganhou destaque porque essa foi a área [sudeste da Inglaterra] na qual Londres, Oxford e Cambridge estavam situadas, e as quais contêm a corte real e o governo.<sup>45</sup> (TRUDGILL, 1999, p.13, tradução minha, grifo do autor).

Ou seja, a variante padrão da língua é considerada padrão por razões políticas e sociais, e não por nenhum valor linguístico intrínseco a si. Por isso ela é ensinada nas escolas e utilizada como legítima pela população.

A diferenciação entre variante escrita e oral será feita de forma generalizada por não este não se tratar de um estudo linguístico e necessitar apenas de um limiar que separe as duas variantes para que a investigação proposta seja possível. Segundo Halliday (1989, p. 63, tradução minha) “[...] a complexidade da língua escrita é lexical ao passo que a da língua oral é gramatical<sup>46</sup>”. Isso quer dizer que a língua escrita “[...] define seu universo como um produto em vez de um processo [...]”<sup>47</sup> já língua oral “define seu universo principalmente como um processo [...] Na língua oral o fenômeno não existe, ele **acontece**.”<sup>48</sup> (Id., *ibid.*, p. 97, tradução minha, grifo do autor). Por isso a densidade lexical da língua escrita é maior do que a da língua oral. Quando maior a densidade lexical<sup>49</sup>, mais próximo o enunciado está da variante oral (Id., *ibid.*).

Um segundo problema que surge dessa discussão é que ‘dialecto’ e ‘língua’ como referidos nesta pesquisa são variantes orais, então surge

---

<sup>45</sup> They seem to believe, in fact, that Standard English is *the* English Language, and that all other dialects are in some way deviations from or corruptions of Standard English. [...] Standard English [...] rose to prominence because this was the area in which London, Oxford and Cambridge were situated, and which contained the royal court and the government.

<sup>46</sup> [...] the complexity of written language is lexical, while that of spoken language is grammatical.

<sup>47</sup> [...] defines its universe as product rather than as process.

<sup>48</sup> [...] defines its universe primarily as process. [...] In the spoken language, phenomena do not exist; they **happen**.”

<sup>49</sup> Consiste na razão entre o número de itens lexicais em relação ao total de palavras.

a questão: como falar em variante oral em meio escrito? Para isso invoco a voz de Halliday, que expõe o seguinte (1989, p.97, tradução minha, grifo meu)

[...] a língua falada é língua falada mesmo se nos é apresentada na forma de uma transcrição, como um texto escrito. Embora as características especiais de cada variante claramente derive principalmente do meio e da função a qual ela serve, *uma vez que ela tenha se expandido, a variante se torna independente do meio e pode ser transposta para a outra forma.*<sup>50</sup>

Esta citação serve para mostrar que uma variante oral pode ser transcrita para o meio escrito sem perder suas características de oralidade e para explicar a diferença entre **marcas de oralidade no discurso escrito** – o que Halliday (1989) chama de *a variante falada transcrita para outra forma, a forma escrita* – e o **dialeto**, como uma *variante falada ligada ao usuário* que também pode ser transposta para a variante escrita.

Tendo em vista o que foi exposto acima sobre a variante oral, para efeito deste estudo, dialeto será considerado uma variante que

[...] você fala porque você ‘pertence a’ (vem de um lugar ou escolheu deslocar-se até ele) a uma determinada região, classe social, casta, geração, faixa etária, gênero<sup>51</sup> ou outro grupo relevante dentro de uma comunidade. (Nem todas essas características são relevantes em qualquer época ou lugar, mas a combinação delas pode ser. [...])<sup>52</sup> (HALLIDAY, 1989, p.44)

---

<sup>50</sup> [...] spoken language is spoken language even if it is presented to us in the form of a transcription, as a text in writing. Although the special features of each variety clearly derive in the first place from the medium and the functions it serves, once it has evolved the variety becomes independent of the medium and can be transposed into the other form.

<sup>51</sup> Gênero aqui se refere a ‘masculino’ e ‘feminino’.

<sup>52</sup> you speak because you ‘belong to’ (come from, or have chosen to move into) a particular region, social class, caste, generation, age group, sex group, or other relevant group within the community. (Not all of these are relevant at any one time or place: but the combination of them may be.) [...]

Isso quer dizer que o **conjunto** de características sociais – algumas delas foram citadas acima – se manifesta através de um conjunto características linguísticas em um dialeto.

Segundo Halliday (1978, p.225, tradução minha) as seguintes características são sugeridas como categorias dialetais<sup>53</sup>

<b>Dialetal</b>			
<b>Categorias situacionais</b>	<b>Categorias contextuais</b>	<b>Exemplos de variantes do português</b>	<b>de do</b>
Individualidade	Idioleto	o português do Sr. Fulano ou da Sr. <sup>a</sup> Beltrano	
Temporalidade	dialeto temporal	português medieval português moderno	
Origem geográfica	Dialeto geográfico	português brasileiro português europeu português africano	
Origem social	Dialeto social	português da classe iletrada português da classe média português da classe alta	

} Variações dialetais: a reflexão linguística das características do usuário nos eventos linguísticos.

**Tabela 2 – Categorias sugeridas da diferenciação da variação dialetal baseado no quadro proposto por Halliday (1978, p.225)**

As variantes orais apresentam características como adaptações fonéticas e sintáticas ocorridas na fala com fins de economia linguística feitas por todos os falantes de determinada língua. Como mostra Coutinho, existe a

<sup>53</sup> Como para fins deste trabalho a diferença entre a oralidade e o dialeto se faz na oposição entre língua padrão e língua marcada dialetalmente, eu adaptei o quadro proposto por Halliday para que pudesse se tornar coerente aos propósitos desta pesquisa.

LEI DO MENOR ESFORÇO ou da *economia fisiológica*. É uma lei universal esta, cujo domínio se estende a todos os ramos da atividade humana. Caracteriza-se pela simplificação dos processos, empregados pelo homem, na realização de sua obra. [...]

Como lei fonética, a *lei do menor esforço* se exerce no sentido de tornar mais fácil aos órgãos fonadores a articulação das palavras.

As modificações e quedas de fonemas deram-se em obediência a esta lei.<sup>54</sup> (COUTINHO, 1976, p.137)

No caso da obra objeto deste estudo, essas aféreses<sup>55</sup>, apóopes<sup>56</sup>, sínopes<sup>57</sup> e outros recursos<sup>58</sup> utilizados na fala são apresentados sob a forma escrita no livro, o que marca o dialeto da fala do personagem no original e a oralidade nas traduções.<sup>59</sup>

Segundo Jentsch (2006) o dialeto do personagem é parte fundamental de sua composição, como qualquer outro aspecto físico, a manifestação dialetal é parte intrínseca ao personagem.

Uma parte importante parte deste exterior rústico [da aparência de Hagrid] é sua maneira de falar, a qual é consistente com seu vestuário selvagem e aparência desleixada. Ele fala com um sotaque indistinguível que, soando rude, não corresponde ao homem

---

<sup>54</sup> Coutinho com esta citação refere-se à mudança da língua através da história, já que este excerto foi retirado do livro *Gramática Histórica*, porém esta lei explica o que acontece na fala dos indivíduos até hoje, a economia linguística.

<sup>55</sup> Aférese é “o processo lingüístico que consiste na supressão de fonema(s) no princípio do vocábulo” (HOUAISS, 2001, versão 1.0, s.i.c) Ainda conforme HOUAISS (2001), este processo se dá sincronicamente na linguagem informal e/ou popular em palavras como professor que vira *fessor*, você que se transforma em *ocê* ou *cê*, estava que se transforma em *tava* etc.

<sup>56</sup> Consoante HOUAISS (2001, versão 1.0, s.i.c), apócope é um processo lingüístico de “supressão de um ou vários fonemas no final de uma palavra” e esse processo se dá sincronicamente na linguagem informal e/ou popular em palavras como *cine* por *cinema*, *refri* por *refrigerante* etc.

<sup>57</sup> Consoante HOUAISS (2001, versão 1.0, s.i.c), síncope é um processo lingüístico de “desaparecimento de fonema(s) no interior do vocábulo” e esse processo se dá sincronicamente na linguagem informal e/ou popular em palavras como por exemplo *mor* que vem de maior.

<sup>58</sup> No capítulo 4 seção 4.2 essas e outras categorias de análise serão descritas e definidas de forma mais detalhada.

<sup>59</sup> No capítulo 4, Análise de dados, serão abordadas as características que diferenciam o dialeto de Hagrid de uma variante oral.

emotivo e de bom coração que ele é.<sup>60</sup> (JENTSCH, 2006, p.195, tradução minha)

Neste excerto retirado de Jentsch (2006), como também em vários outros trechos de seu texto, pode-se observar alguns termos que suscitam discussão: *selvagem* e *rude*. Segundo o dicionário Houaiss (2001, versão eletrônica) o termo *selvagem* pode se referir a (i) que se manifesta numa natureza não civilizada; próprio das selvas; agreste; (ii) que nasce, cresce e vive sem cultura, sem cuidados especiais; silvestre, selvático; (iii) que nasce ou se desenvolve de forma indisciplinada ou sem controle, sem regras, sem orientação prévia; além de outras definições que não se aplicam ao contexto. Apesar do tom pejorativo do termo, entendo que Jentsch o utilizou para criar um contraste ainda maior entre a aparência descuidada e rústica combinando com seu estilo de vida (ele habita uma cabana de madeira e está sempre cuidado de animais) e o homem gentil que Hagrid é. A seguir, na próxima seção, discutir-se-á mais a fundo o problema de tradução de um dialeto.

### 2.6.1 Um Problema de Tradução: A Tradução de um Dialeto

Como produtores e diretores, tradutores precisam estar constantemente alertas às implicações sociais de suas decisões. A representação em uma língua fonte de um dialeto em particular cria um problema inevitável: qual dialeto da língua

---

<sup>60</sup> An important part of this rough exterior [Hagrid's appearance] is his manner of speech, which is consistent with his wild clothing and ungroomed appearance. He speaks in an undistinguishable accent that, by seeming uncouth, belies the emotional and good-hearted man that he is.

de chegada usar?<sup>61</sup>  
 (HATIM;  
 MANSON, 1990,  
 p.4, tradução minha)

Existem muitos aspectos sociais envolvidos no dialeto de um personagem – como classe social, sexo, idade, origem geográfica etc. – como vimos na seção anterior. Ao se deparar com essas manifestações sociais tão arraigadas na fala do personagem, o tradutor se depara com um problema de tradução ainda maior se o texto é de LIJ, já que há uma série de censuras (como a dos pais e da escola, principalmente ao lidar com um dialeto socialmente desprestigiado que, na visão dessas instituições, pode colocar em risco todo o trabalho da escolarização), de necessidades específicas do público leitor (como o cuidado para não dificultar a leitura e não criar, assim, barreiras para o hábito de ler, por exemplo) entre outras peculiaridades.

Face a essa dificuldade em traduzir um dialeto, temos possivelmente o que Krings (1986) chama de problema de tradução, que é pessoal, ou seja, o que é problema de tradução para um indivíduo talvez não seja para outro<sup>62</sup>. Segundo o autor, apropriando-se de uma definição feita por Faerch e Kasper (1983) e adaptando-a ao contexto da tradução, problema de tradução é “o que para um indivíduo se apresenta como um problema em atingir uma meta comunicativa em particular”<sup>63</sup> (KRINGS, 1986, p.268). Para ajudar a solucionar problemas de tradução, Krings (1986, p.268) sugere as seguintes estratégias: (a) estratégias de compreensão; (b) estratégias de busca; (c) estratégias de monitoração; (d) estratégia de tomada-de-decisão; e (e) estratégia de redução. Esta última estratégia é a que mais interessa a esta pesquisa. Segundo o autor, ela consiste em

[...] aqueles casos em que o problema de tradução pode ser resolvido somente através de redução formal ou funcional. O caso mais frequente de

---

<sup>61</sup> Like producers and directors, translators have to be constantly alert to the social implications of their decisions. The representation in a ST of a particular dialect creates an inescapable problem: which TL dialect to use?

<sup>62</sup> Sobre isso, tentei entrar em contato com as tradutoras, perguntando se a tradução do dialeto do personagem Hagrid se constituiu em um problema de tradução, mas nenhuma delas se dispôs a contribuir com a pesquisa, infelizmente.

<sup>63</sup> “[...]what to an individual presents itself as a problem in reaching a particular communicative goal”.

estratégia redução consiste em desistir da linguagem marcada ou de caráter metafórico de um item do texto-fonte e substituí-lo por um não marcado ou um equivalente não metafórico<sup>64</sup> (KRINGS, 1986, p.273, tradução minha).

Krings atem-se mais ao processo que leva à produção de uma tradução: nesta pesquisa, o interesse maior reside na investigação do texto resultante desse processo. O caminho percorrido, então, é oposto àquele trilhado por Krings, que parte de protocolos orais de seus alunos de tradução para explicar suas soluções tradutórias. Neste, observam-se as soluções tradutórias para as enunciações com marcação dialetal no *produto* – na tradução – e especula-se sobre o que poderia ter constituído *problema de tradução* para Lia Wyler e Isabel Fraga, em termos da criação da fala de Hagrid em português brasileiro e europeu, respectivamente. Ambas as tradutoras, ao encontrar um dialeto durante a tradução, parecem ter necessitado recorrer a uma solução para esse problema tradutório bastante semelhante ao que Kring (1986) chama de *estratégia de redução*. Klingberg (ibid.) vai além do que Krings (ibid.) propõe no sentido de adentrar mais especificamente o problema da tradução de um dialeto da perspectiva da LIJ em seu livro *Literatura Infanto-Juvenil nas Mãos dos Tradutores (Children's Literature in the Hands of Translators)*. Embora seu estudo tenha sido pioneiro nessa área e foque bem especificamente o objeto de estudo deste trabalho, o que ele se limita a dizer é

Há duas opiniões sobre como lidar com dialeto quando traduzimos. Uma defende que, devido às **dificuldades**, um dialeto não deveria ser traduzido como um dialeto da língua alvo. A outra opinião enfatiza a função de um dialeto em um texto-fonte e quer que isso seja preservado de alguma forma<sup>65</sup>.

---

<sup>64</sup> [...] to those cases where the translation problem could be solved only by means of formal ou functional reduction. The most frequent case of reduction strategy consisted in giving up the markedness or the metaphorical character of a source-language text item and replacing it by a non-markered or non-metaphorical equivalent.

<sup>65</sup> There are two opinions on how to handle dialect when translating. One holds that, because of the difficulties, a dialect should not be translated as a dialect of the source language. The other opinion emphasizes the function of a dialect in a source text and wants it to be preserved in some way.

(KLINGBERG, 1986, p.71, tradução minha, grifo meu).

Quando o autor fala em **dificuldades**, a questão que surge é a que dificuldades ele se refere, serão as dificuldades do tradutor? Do público leitor? De ambos? Klingberg não deixou bem claro no texto quem sofreria com as dificuldades, mas acredita-se que, mais do que a dificuldade enfrentada pelo tradutor, este deve levar em consideração o motivo de sua tradução, ou seja, o acesso do texto a um público leitor. Nesse excerto, Klingberg não faz além de explicitar um problema de tradução. É só mais adiante que, apesar de seu tom prescritivista no restante do livro, ele abordará um ponto bastante relevante para este trabalho e apontará uma estratégia que se assemelha ao que Krings (ibid.) chama de estratégia de redução tomando como base as traduções observadas e descritas por ele:

Se ficar claro que a história se passa em um país estrangeiro, o uso de um dialeto discernível como um dialeto pertencente à língua alvo talvez dê um efeito irrealista. Essa talvez seja a razão porque geralmente o que encontrei nos materiais examinados por mim foi que os dialetos foram substituídos língua padrão<sup>66</sup>. (KLINGBERG, 1986, p.71, tradução minha)

Em um comunicação pessoal com o Professor Dr. José Roberto O'Shea<sup>67</sup>, estudioso e tradutor da obra de Shakespeare, sobre a tradução de um dialeto, ele manifesta a mesma opinião que vai ao encontro do dito por Klingberg (1986) e enfatiza que a tradução de um dialeto na língua fonte por outro na língua alvo pode criar um efeito, como a comicidade, por exemplo, não desejado pelo autora. Segundo O'Shea, o autor ao criar a fala dialetal de um personagem, não se preocupa em realizar estudos dialetológicos, mas faz uso de seu conhecimento comum para isso; logo o tradutor também não precisa se preocupar em

---

<sup>66</sup> If it is clear that the scene is set in a foreign country the use of a dialect discernible as one of the dialects of a target language may give an unrealistic effect. This may be the reason why usual findings in the material examined by me was that dialect have been replaced by standard language.

<sup>67</sup> Comunicação pessoal com o Prof. Dr. José Roberto O'Shea, professor do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, do Programa de Pós-Graduação em Inglês e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal e Santa Catarina e tradutor da obra de Shakespeare realizada em novembro de 2009 na Universidade Federal de Santa Catarina.

realizar um estudo linguístico apurado das marcas dialetais da fala de determinado personagem na ora de traduzir, ele pode substituí-las por marcas orais, marcando a diferença da fala do personagem sem correr o risco de causar um efeito indesejado pelo autor.

O que Klingberg (ibid.) salienta no excerto acima é exatamente o que acontece com o dialeto do personagem Hagrid, um dialeto Somerset geograficamente muito marcado, que é reduzido de maneira diferente na tradução brasileira e europeia, como mostrará o capítulo 4.

Quase 20 anos depois de Krings(1986) e Klingberg (1986), Jentsch (2006) vai mais a fundo ainda no objetivo de pesquisa deste trabalho quando investiga em seu artigo chamado *Harry Potter and the Babel Tower: Translating the Magic* aspectos da tradução para o espanhol, francês e alemão da magia que envolve a série de J. K. Rowling. Nesse artigo, embora ainda preserve um ar bastante prescritivista, Jentsch (2006, p.195, tradução minha, grifo meu) expõe o seguinte:

Infelizmente, nenhum dos tradutores neste estudo escolheu traduzir essa fala [a fala de Hagrid] como nada além do vocabulário e sintaxe normais. Talvez os tradutores estivessem preocupados que ao usar um dialeto particular para o personagem Hagrid talvez fosse despresticioso para os falantes daquele dialeto, como o dialeto de Hagrid é obviamente aquele de uma pessoa menos letrada e culta. No intuito de desenvolver o personagem, e também de garantir a jocosidade, no entanto, os tradutores certamente poderiam ter chegado a uma **solução inofensiva**.<sup>68</sup>

Neste excerto podemos observar o quão prescritivista e superficial Jentsch foi ao analisar o problema e afirmar que se poderia ter chegado “a uma **solução inofensiva**”. Quando diz isso, Jentsch (2006) ignora completamente o que foi observado por Krings (1986) como uma solução ao lidar com uma linguagem fortemente marcada

---

<sup>68</sup> Unfortunately, none of the translators in this study has chosen to render his speech with anything but normal vocabulary and syntax. Perhaps the translators were concerned that using a particular dialect for the character of Hagrid would be demeaning to the speakers of that dialect, as Hagrid’s speech is obviously that of a less-educated and uncultured person. In the interest of character development and also of playfulness, though, the translators surely could have come up with an inoffensive solution.

dentro de um tradução; e por Klingberg (1986) ao observar como os tradutores de LIJ lidavam com o problema da tradução de um dialeto, além de ignorar completamente a prática comum entre três tradutores analisados por ela. Outra crítica ao proposto pela autora é que os tradutores talvez tenham escolhido não traduzir o dialeto de Hagrid por receio de desprestigiar os falantes de tal dialeto, já que ele é uma pessoa menos letrada e culta. Se esse argumento fosse válido, a própria Rowling teria optado por não lançar mão de um dialeto para compor o personagem. Em nenhum momento ela leva em consideração as necessidades do público leitor da série, por exemplo, focando única e exclusivamente como se o fato de os tradutores escolherem por não traduzir o dialeto não fosse exatamente uma "escolha", mas sim uma falta de capacidade para tal ou então que essa escolha não fosse legítima por ter optado em achatar o dialeto.

A autora segue falando nas respectivas soluções adotadas pelos tradutores alemão, francesa e espanhola:

Um tradutor habilidoso pode retratar o importante aspecto de uma classe social através do nível de língua. O tradutor alemão, embora hesitante em modificar a linguagem de Hagrid, demonstra sua habilidade para fazer isso no livro três, onde Harry embarca no Noitibus e é saudado pelo seu motorista e condutor com um alemão coloquial bem padrão e convincente. [...] Certamente o tradutor poderia similarmente modificar as falas de Hagrid para mostrar a rudeza de sua fala sem ofender ninguém na Alemanha.

Na versão francesa, o tradutor mostra um uso ocasional de linguagem coloquial, mas não no contexto da fala de Hagrid [...] a fala de Hagrid poderia ter sido escrita como língua oral, como, por exemplo, usando '*jensérien*' (eu não sei nada) por '*je ne sais rien*' ou '*tuvapas*' (você não quer) por '*tu ne veux pas*'.

O tradutor espanhol limita a fala coloquial de Hagrid por um '*buen día*' (Olá) em vez de '*buenos días*'. Caso contrário, sua linguagem é traduzida sem nenhum traço de diferença da linguagem dos outros personagens. Coloquialismos ocorrem no livro, mas também no nível de vocabulário, nunca sintaxe ou

sotaque<sup>69</sup>. (JENTSCH, 2006, p.195-196, grifo da autora, tradução minha).

Observando o excerto acima, mais uma vez considero que Jentsch não levou em consideração o **público leitor** de *Harry Potter*, visto que suas sugestões como a de representar a variante oral transcrita do personagem Hagrid, como ela sugere em francês '*jensérien*', poderiam se constituir em uma barreira linguística que seria censurada pelos pais e pela escola, pois vai de encontro ao que essas instituições tentam ensinar as crianças: o nível escrito padrão da língua. Embora a hipótese desta pesquisa seja justamente que a redução do dialeto tenha sido feita para uma variante oral transcrita em vez de uma variante padrão tendo em vista o público leitor, há de se levar em consideração que o público leitor para o qual cada tradutor escreve tem suas próprias idiossincrasias, ou seja, o que vale para um público pode não servir para outro, e é esse o ponto levantado por este trabalho: no caso das tradutoras portuguesa e brasileira, elas consideraram que uma redução para a variante oral transcrita ia ser compreendida por seu público alvo além de transmitir o que Gile (1995) chama de Informação Primária<sup>70</sup>; logo, a crítica a Jentsch é ela não ter pensado na tradução por uma variante oral transcrita como uma opção do tradutor que considera ou não essa estratégia apropriada. Não é o papel desta pesquisa procurar soluções nem apontar as falhas das críticas feita por Jentsch (2006), mas tentar apenas problematizar um pouco mais a simplificação do problema feita por ela. Nesse artigo, a autora considera a tradução de um dialeto dentro da LIJ um problema trivial, quando na verdade, há muito mais nuances e pontos delicados para se traduzir um dialeto.

---

<sup>69</sup> A skilled translator can portray the important aspect of social class by level of language. The German translator, though hesitant to modify Hagrid's language, demonstrates his ability to do this in book three, where Harry boards the Kinght bus and is greeted by its driver and conductor in very standard and convincing German colloquial speech. [...] Surely the translator could similarly modify Hagrid's lines to show the gruffness of his speech without offending anyone in Germany.

In the French version, the translator shows an occasional use of colloquial language, but not in the context of Hagrid's speech [...] the speech of Hagrid could have been written as spoken language, for example '*jensérien*' (I don't know anything) for '*je ne sais rien*' or '*tuveupas*' (you don't want) for '*tu ne veux pas*'.

The Spanish translator limits Hagrid's colloquial speech to an occasional '*buen día*' (Hello) instead of '*buenos días*'. Otherwise, his language is rendered without a trace of difference from that of the others. Colloquialisms occur in the book, but always on the level of vocabulary, never syntax or accent.

<sup>70</sup> De acordo com Daniel Gile (1995), informação primária é o núcleo informacional da mensagem, ou seja, do texto-fonte.

Percebemos, mais uma vez, através do que Jentsch diz sobre a tradução do personagem Hagrid, que os tradutores têm uma inclinação à não traduzirem o dialeto do personagem da língua fonte por outro da língua alvo, reforçando mais uma vez o que Krings (1986) levantou como uma estratégia de tradução e Klingberg (1986) observou nos textos estudados por ele. O que as tradutoras portuguesa e brasileira fazem nas suas traduções para o português brasileiro e o português europeu vão ao encontro do que feito tanto pelos tradutores de Harry Potter em espanhol, francês e alemão, como mostrou Jentsch (2006); da prática de tradutores de LJJ, como observado pelo estudo de Klingberg (1986); e do sugerido por Krings (1986) em seu curso de formação de tradutores quando uma linguagem muito marcada é encontrada. Pode-se dizer então, que a opinião acerca da tradução de um dialeto de Jentsch (2006) foi de encontro a todas as práticas encontradas pelos autores vistos neste trabalho e que a prática das duas tradutoras de língua portuguesa investigadas por esta pesquisa foi ao encontro do que observaram os autores.

## 2.7 A TRADIÇÃO DA TRADUÇÃO DE DIALETOS NO BRASIL

Adaptado da tese de livre docência do professor de Língua e Literatura Inglesa e Norte-Americana John Milton, defendida na *Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas* (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP), em dezembro de 1999, o livro *O Clube do Livro e a Tradução*, publicado em 2002 pela EDUSC, tem como objetivo “recuperar uma área esquecida e pouco estudada da cultural brasileira: a produção do Clube do Livro”. (MILTON, 2002, p. 9). O Clube do Livro também teve um grande impacto na produção de traduções no país. Foi durante a existência do Clube do Livro “que o inglês começou a desbancar o francês como língua estrangeira de maior importância no Brasil”, isso devido ao bloqueio naval inglês, que durou de 1941 ao final da guerra, que impediu que livros franceses chegassem ao Brasil. No capítulo 1, no tópico intitulado *Tempos Difíceis: Tradução de Dialeto*, o autor mostra como os dialetos são traduzidos para o português brasileiro:

Ao estudar as traduções de romances clássicos do inglês para o português, realizadas entre 1945 e 1975

(Milton, 1994), descobri que nunca<sup>71</sup> foram utilizados falares de baixo padrão ou gírias nas traduções. [...] Tal homogeneização da linguagem traduzida [isto é, a tradução de um dialeto por uma variante padrão] não ocorre apenas nos romances que vieram do inglês para o português [...] Parece ser um fenômeno comum. (Id.,Ibid., p.50 e 53)

Claro que há de se considerar que o estudo de Milton não é voltado para a LIJ e que o estudo feito por ele abarcou somente até 1975. Nessa lacuna temporal de 35 anos, a situação se modificou ligeiramente pois foram encontrados cadastrados no portal de teses e dissertações 4 trabalhos que falam sobre a tradução de dialetos<sup>72</sup>, mas nenhum que se preocupe em tratar da tradução do dialeto dentro da LIJ. Entretanto, consoante Milton (2002) a tradição, até 1975, mostra que, no Brasil, os tradutores optaram por traduzirem dialetos por uma variante padrão. Segundo o autor, isso se dá pelos seguintes possíveis motivos:

Então, por que o dialeto não é traduzido? Trata-se de um fenômeno universal da tradução ou de uma cultural específica? [...] Em primeiro lugar, há a razão “essencialista”, “platônica”, para a qual o dialeto é de somenos importância, importando o que diz a personagem e não como diz. [...] A segunda razão, relacionada com a primeira, é apresentar-se a gíria como algo errado “errado”, e o seu uso não deveria ser permitido para que não se manchasse as páginas de um romance clássico. [...] Quanto menor for o uso da gíria, mais bem considerado o autor será. Podemos indicar aqui razões especificamente brasileiras para isso, como uma ressaca provocada pelo domínio cultural francês sobre a cultura brasileira até a Segunda Guerra. [...] Podemos enunciar adiante outras razões especificamente brasileiras. Primeiro, um desenvolvimento tardio dos

---

<sup>71</sup> Evidentemente, nenhum mapeamento cobre todos os trabalhos realizados. Na época em que o trabalho de Milton foi feito apenas 2 dos 5 trabalhos realizados no Brasil sobre a prática de tradução de dialetos no Brasil tinha ainda sido defendido, por isso, obviamente, não foram encontrados por ele.

<sup>72</sup> As dissertações de Johnwill Costa Faria defendida na UNB em 2009; de Michelangelo Di Vito (1998), Maria Viviane do Amaral Veras (2007) e Kátia Regina Vighy Hanna (2006), defendidas na USP; a dissertação de Maristela Cury Sarian defendida em 2002 na UNESP.

estudos acerca dos dialetos e formas de baixo padrão no Brasil. Não existe uma tradição de romances de proletariado em português [...] Além disso, a visão conservadora por parte de uma classe média predominante, tanto política quanto economicamente, reflete-se em um comércio de livros bastante conservador [...] Romances clássicos em tradução podem fazer parte de um circuito internacional, com grandes tiragens e altos lucros, cuja prioridade é dada à linguagem correta. Miryam DuNour mostra que esse foi um elemento muito importante para os editores de literatura infantil em Israel (Du-Nour, p.339). Michael Cronin aponta a importância da tradução para educadores na Irlanda no final do século 19 e início do 20, já que para as autoridades católicas ela podia ser uma força tanto de edificação como de corrupção (Cronin, p.146) [...] Entre outras circunstâncias, bem diferentes, encontramos certa tendência à normalização. [...] Creio que as normas culturais e editoriais cumprem um grande papel na aceitação ou não no uso de dialeto na tradução. Na Alemanha, espera-se que os tradutores de romances encontrem uma linguagem equivalente. No Brasil, não. Se eles o fazem, podem esbarrar na possibilidade de o editor não permitir que ela passe. [...] Sou levado a acreditar, também, que muitos tradutores de romances, pelo menos no Brasil, onde são pagos por tarefa, teriam pouca motivação para buscar tais inovações. Se observamos alguns ganhadores de prêmio de tradução, poderemos ver que muitas dessas traduções foram feitas em condições não comerciais. (MILTON, 2002, p. 54, 55, 56, 57, 59, sic)

Não acredito que os fatores levantados por Milton (2002), embora ele mencione a obra infanto-juvenil *Oliver Twist*, sejam os mesmos motivos que influenciaram a tradutora brasileira ou portuguesa, já o autor trata da tradução praticada no Brasil entre 1943 e 1975 e de obras clássicas. Todavia, as semelhanças que existem em ambos os casos são as que dizem respeito à censura do mercado editorial, às pressões sociais e educacionais, que não conferem ao tradutor liberdade plena e as condições de trabalho. A contextualização de Milton (Ibid.) serve de fundamento para entender como, no Brasil, se desenvolveu a prática da tradução de dialetos, para, a partir daí, podermos olhar para a

prática atual, que é a proposta deste trabalho, e os possíveis caminhos do futuro.

No Brasil não há estudos como o de Klingberg, que procure identificar a prática tradutória de dialetos dentro da LIJ. O único trabalho, de meu conhecimento, que trata do assunto é o estudo de caso proposto por esse trabalho, então a única possibilidade é cruzar informações da prática de traduções de dialetos dentro da literatura em geral com as práticas de tradução de dialetos dentro da LIJ no contexto mundial, como tentei fazer nesta seção.

## 2.8 OBSERVAÇÕES FINAIS

O objetivo deste capítulo foi dar um apanhado geral do arcabouço teórico e metodológico sob o qual este trabalho se desenvolve, dando um passeio pelos Estudos da Tradução no Brasil, pela Literatura Infanto-Juvenil como área de pesquisa, pelos Estudos Descritivos da Tradução e pelos Estudos da Tradução Baseados em Corpora.

Além da localização da minha pesquisa no espaço teórico e metodológico, tentei demonstrar, na subseção 2.2 a importância da pesquisa científica na tradução da LIJ, altamente negligenciada até hoje por estudiosos brasileiros.

No capítulo 3 será apresentada a metodologia utilizada para desenvolver esta pesquisa através do detalhamento das categorias e de como foram usadas as ferramentas de corpus durante a análise de dados.

## CAPÍTULO TRÊS: METODOLOGIA

Esta seção descreve o método adotado por esta pesquisa e subdivide-se em **4.1 Características do Corpus**, que explica detalhes técnicos sobre o corpus que informa o estudo; **4.2 Construção do Corpus**, que explica como foi utilizada a ferramenta do Portuguese-English Parallel Corpora para criar o subcorpus usado nesta pesquisa; **4.3 Marcação do Corpus** que explicita como foram criadas as categorias de análise e como elas marcadas para deixar o texto pronto para a análise e **4.4 Categorias de Análise** em que serão arroladas e definidas as categorias que servirão de parâmetro para a realização da análise de dados.

### 3.1 CARACTERÍSTICAS DO CORPUS

Nesta seção, mostrar-se-á como o Estudo Baseado em Corpus auxiliará na pesquisa sobre os padrões preferenciais – segundo Baker (2000) – de duas tradutoras de mesma língua e países diferentes (Brasil e Portugal) ao traduzir o dialeto de um personagem – Hagrid – de fala marcada fortemente por um dialeto britânico em uma obra de literatura infanto-juvenil de fantasia – *Harry Potter and the Philosopher's Stone*.

O uso de corpus neste estudo confere mais (i) rigorosidade a ele, já que praticamente todas as falas do livro podem ser analisadas; (ii) maior viabilidade, já que, apesar de ser um corpus de pequena dimensão, a procura feita de forma manual de cada uma das falas do personagem em todas as mais de 200 páginas de cada um dos três livros demandaria bastante tempo e estaria mais suscetível a falhas; e (iii) maior possibilidade de replicação<sup>73</sup>, já que o corpus eletrônico deste trabalho, se não disponível na rede mundial de computadores, pode ser enviado a qualquer pesquisador por meios eletrônicos em pouco. Por se tratar de uma abordagem muito mais qualitativa do que quantitativa, esta pesquisa não **priorizará** o uso de análises de percentagens ou de outro tipo de análise quantitativa, visto que o intuito é analisar a fala do personagem como um conjunto complexo de variáveis que se isoladas **completamente** descaracterizam essa fala como um dialeto.

---

<sup>73</sup> Por replicação entende-se a possibilidade de outros pesquisadores ao utilizar o corpus conseguirem obter os mesmos resultados.

Este estudo utiliza-se de um subcorpus de um corpus paralelo bilíngue bidirecional da autoria de Fernandes e Bartholamei (2009) denominado *Portuguese-English Parallel Corpus* (PEPCo). Segundo Sardinha (2004), os corpora podem ser classificados da seguinte maneira de acordo com sua extensão:

- a) pequeno: um corpus com menos de 80 mil palavras;
- b) pequeno-médio: um corpus entre 80 mil e 250 mil palavras;
- c) médio: um corpus entre 250 mil e 1 milhão de palavras;
- d) médio-grande: um corpus entre 1 milhão e 10 milhões de palavras; e
- e) grande: um corpus com mais de 10 milhões de palavras.

O subcorpus que subsidia esta pesquisa é composto pelo texto original em inglês britânico e duas traduções – uma para o português brasileiro e outra para o português europeu. Sendo assim, ele pode ser considerado como um corpus paralelo bilíngue de pequena-média dimensão com cerca de 240 mil palavras. Além de usar o material já disponibilizado pelos autores do PEPCo (FERNANDES, BARTHOLAMEI, 2009), contribuirei com o corpus através da digitalização e tratamento do livro em português europeu – *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

Consoante Baker (1995, p.230-231, tradução minha, grifo do autor), o corpus paralelo

[...] consiste no texto original, textos na língua fonte em uma língua A e suas versões traduzidas em uma língua B [...] Sua contribuição mais importante para a disciplina em geral é o fato de eles [os corpora paralelos] subsidiarem a mudança de ênfase da *prescrição* para a *descrição*. [...] Eles também têm um papel importante a desempenhar na exploração de normas de tradução e em contextos específicos sócio-culturais e históricos.<sup>74</sup>

O uso de corpus desenvolve um papel central na investigação das práticas de tradução sendo uma ferramenta importante no estudo das práticas tradutórias em seu contexto natural. Ele é classificado segundo

---

<sup>74</sup> [...] consists of original, source language-texts in language A and their translated versions in language B. [...] Their most important contribution to the discipline in general is that they [the parallel corpora] support a shift of emphasis, from *prescription* to *description*. They also have an important role to play in exploring norms of translating in specific socio-social and historical contexts [...]"

os seguintes quatro critérios principais (BAKER, 1995 apud FERNANDES, 2004, p.75):

- a) número de línguas – o corpus pode ser bilíngue (se envolver duas línguas), trlíngue (se envolver três línguas) ou multilíngue (se envolver mais de 3 línguas);
- b) restrição temporal – pode ser sincrônico (estudo que leva em consideração um ponto específico no tempo) ou diacrônico (estudo que leva em consideração a evolução através do tempo);
- c) domínio do corpus – ele pode ser geral (abordando textos de vários domínios) ou especializado (levando em consideração gêneros específicos ou tipos de textos); e
- e) direcionalidade – ele pode ser unidirecional (em que é observada a tradução de uma L1 para uma L2), bidirecional (onde são observados originais em L1 e suas traduções para uma L2 mais os originais em L2 e suas respectivas traduções em L1) ou multidirecional (no qual o que se observa é a interação entre as línguas constituintes do corpus).

Este corpus, de acordo com o que foi apresentado por Baker (1995 apud Fernandes, 2004) é caracterizado como bilíngue, sincrônico, especializado e unidirecional.

<b>Corpus Paralelo</b>	
<b>Critério</b>	<b>Atributo</b>
<b>Número de línguas</b>	Bilíngue – TF: inglês britânico; TA 1: português brasileiro, TA 2: português europeu
<b>Restrição temporal</b>	Sincrônico – o estudo de uma obra publicada entre 1997 e 2000 <sup>75</sup>
<b>Domínio</b>	Especializado – literatura infanto-juvenil de ficção
<b>Direcionalidade</b>	Unidirecional – inglês britânico para o português brasileiro e o europeu

**Tabela 3 – Classificação do Corpus Paralelo objeto deste estudo**

### 3.2 CONSTRUÇÃO DO CORPUS

<sup>75</sup> O original foi publicado em 1997, a tradução para o português europeu em 1999 e a para o português brasileiro em 2000.

A construção de um corpus passa pelas seguintes etapas: digitalização, correção, preparação, marcação e alinhamento dos textos. Nesta pesquisa, os textos do original em inglês britânico e a tradução para o português brasileiro já se encontraram digitalizados pelo fato de já pertencerem ao PEPCo (FERNANDES, BARTHOLAMEI, 2009). Além de já estarem digitalizados, eles também já foram corrigidos, preparados, marcados e alinhados. Dessa maneira, os próximos passos que serão descritos dizem respeito apenas ao texto traduzido para o português europeu, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

O primeiro passo deste estudo foi a cópia da tradução europeia do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* para facilitar o processo de digitalização visto que ela foi realizada com um scanner doméstico da marca HP modelo Photosmart C4280, capítulo por capítulo, para o formato de arquivo PDF. Após a digitalização, cada capítulo foi colado e copiado em um documento de Word para que fosse efetuada a correção dos erros oriundos do processo de digitalização. Após todos os 17 capítulos do livro terem sido corrigidos, eles foram copiados e colados todos juntos, dessa vez, para o programa Notepad++ para que se desse início ao processo de alinhamento dos arquivos em formato .txt.

O alinhamento do corpus se deu por parágrafos, resultando em um total de 3098 parágrafos. Após esse alinhamento, os textos foram inseridos na ferramenta chamada *PEPCo Builder* – que se caracteriza como um construtor de corpus em que o usuário só necessita carregar os arquivos alinhados como o pesquisador desejar (linhas, parágrafos, capítulos etc.) em formato .txt –, disponível no endereço através de qualquer navegador de Internet através do endereço <http://www.pget.ufsc.br/corpora/pepco/index.php/pepco-builder/pepco-builder>. O acesso a essa ferramenta não requer a instalação de nenhum programa e se encontra disponível a qualquer usuário que deseje criar seu próprio corpus paralelo bilíngue sendo necessário apenas a satisfação dos requisitos citados acima (formato .txt e alinhamento entre o texto-fonte o texto-alvo).

A ferramenta chamada *PEPCo Builder* funciona da seguinte forma: o usuário carrega um arquivo de seu computador com o texto-fonte no formato .txt na caixa chamada *Source Text* e em seguida carrega o arquivo com o texto-alvo em formato .txt na caixa chamada *Target Text*. Em seguida ele insere seu endereço de e-mail e clica no botão *Submit*. A ferramenta, então, gerará o que ele chama de *Corpus Id* ou *Código do Corpus* e envia automaticamente para o e-mail desse usuário o código gerado. Nas próximas vezes em que o pesquisador

desejar acessar o seu corpus, só é necessário entrar na ferramenta chamada PEPCo ID, disponível através do endereço <http://www.pget.ufsc.br/corpora/pepco/index.php/pepco-builder/pepco-id>, e digitar o código de seu corpus que ele aparecerá disponível. Porém, uma vez que o corpus tenha sido criado, não é possível recuperar o arquivo em formato .txt a partir da ferramenta de corpus. O criador do subcorpus deverá manter uma cópia em seu computador e os demais usuários que quiserem o arquivo em formato .txt – para realizar uma marcação diferente ou alinhar o texto de outra forma – terão que entrar em contato com o criador do subcorpus. Para que outra pessoa tenha acesso ao subcorpus criado por mim, ela precisa ter acesso ao *Corpus ID* que só é revelado para o autor desse subcorpus.

The screenshot shows the PEPCo Builder website interface. At the top, there is a navigation menu with links for HOME, PROJECT, TEAM, SUBCORPORA, TOOLS, and PEPco BUILDER. The main content area is divided into several sections:

- Main Menu:** A vertical list of links: Home, Project, Team, Subcorpora, and Tools.
- Resources:** A vertical list of links: Administrator, PEPco Builder, and PEPco ID.
- Form Area:** A central section with a search bar at the top. Below it, there are three input fields: "Source Text:", "Target Text:", and "E-mail:". Each field has a "Enviar arquivo..." button next to it. To the right of the "E-mail:" field is a "Submit" button.
- Message:** Below the form, a text box states: "The unique purpose to enter your e-mail address is to send you the ID number of your parallel corpus."
- Footer:** At the bottom, there is a copyright notice: "Copyright © 2009 PEPcOs - Portuguese-English Parallel Corpus. All Rights Reserved." and the text "Last Updated (Saturday, 20 November 2009 11:58)".

Figura 3 – Janela do PEPCo Builder

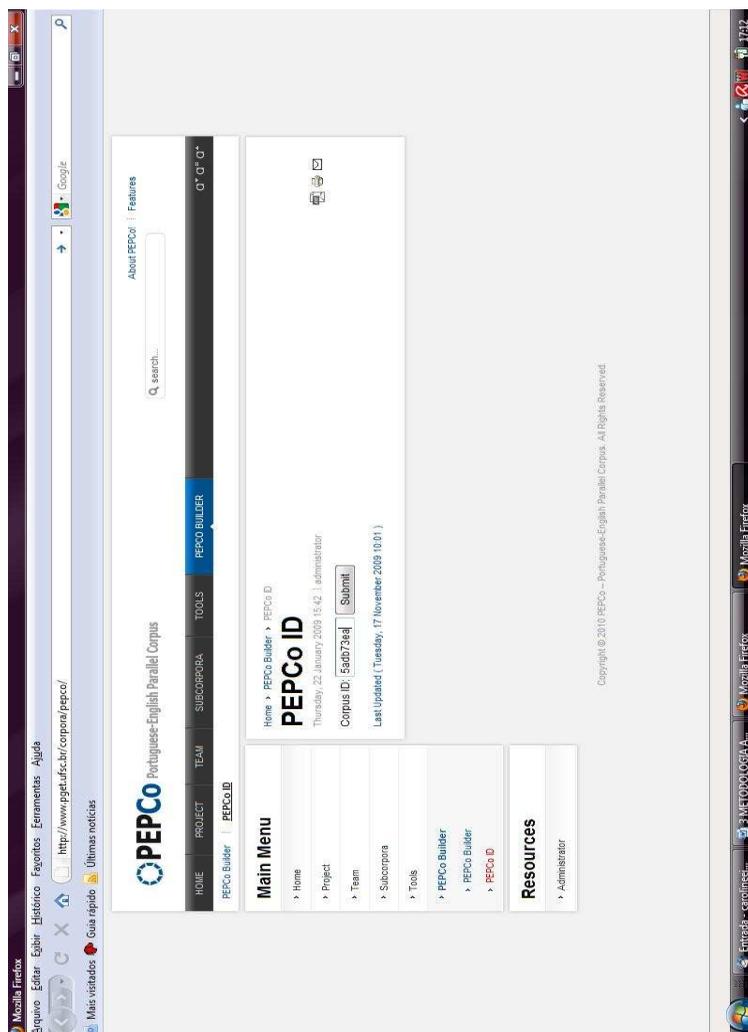


Figura 4 – Janela do PEPCo ID

Na primeira tentativa de inserção do corpus no *PEPCo Build*, houve uma série de problemas devido aos caracteres como parênteses angulares < > e aspas duplas “ ”, que foram eliminados no primeiro caso e substituídos por aspas simples ‘ ’. Para a verificação dos caracteres geradores de problemas, consultou-se o

designer e desenvolvedor do Corpus e em seguida segmentei os capítulos do texto-fonte e do texto traduzido para o português europeu para procurar pelos caracteres a serem substituídos. Depois da verificação de cada um dos capítulos, os textos foram reagrupados e novamente submetidos ao *PEPCo Builder*, desta vez com sucesso.

Não foi necessária a realização desses procedimentos para alinhar o texto-fonte e o texto-alvo, pois eles já estão disponíveis como subcorpora paralelo bilíngue do PEPCo através do endereço <http://www.pget.ufsc.br/corpora/pepco/index.php/subcorpora/parallel-concordancer>.

Todo esse processo de construção do corpus durou cerca de um ano, de dezembro de 2008, com o início da digitalização dos capítulos do corpus, a dezembro de 2009, quando o PEPCo foi finalmente disponibilizado a um público restrito através do site [www.pget.ufsc.br/corpora/pepco](http://www.pget.ufsc.br/corpora/pepco).

Mesmo antes de o corpus ficar pronto, foi necessária uma análise inicial dos dados para a qualificação do projeto desta dissertação, por isso a análise inicial, que será descrita na seção seguinte, da qual surgiram as categorias de análise que alimentam este trabalho, foi realizada manualmente. Embora as ferramentas de corpus forneçam muito mais exatidão nos dados, essa primeira análise manual foi de extrema importância para este trabalho devido ao fato de se buscar categorias de análise emergentes do texto em vez de se criarem categorias *a priori*.

Após todos os procedimentos de criação do corpus, partiu-se para a etapa de sua marcação conforme as categorias de análise.

### 3.3 MARCAÇÃO DO CORPUS

O primeiro passo para que a análise de dados fosse iniciada foi a observação do texto feita de forma manual. Em virtude da ferramenta acima mencionada, o *PEPCo Builder*, ainda não estar totalmente disponível, foi criada, em um primeiro momento preliminar à análise, uma tabela alinhada em formato de texto (vide apêndice A para visualizar um excerto da primeira versão da tabela contendo as falas de Hagrid) com apenas as falas do personagem Hagrid na língua alvo e nas duas traduções para o português brasileiro e europeu.

A partir da observação dessa tabela, foram levantados alguns fenômenos típicos da oralidade. No caso do texto-fonte, as marcas foram reconhecidas como dialetais por apresentarem diferenças do que foi encontrado na fala dos demais personagens. A partir disso, iniciou-

se uma pequena pesquisa na tentativa de identificar qual o dialeto de Hagrid. O primeiro indício encontrado foi uma entrevista concedida à radio BBC 2 por J. K. Rowling e Stephen Fry (vide Anexo A) transcrita pelo site *MuggleNet* (<http://www.mugglenet.com/jkr/interviews/bbc4.shtml>) em que a autora do livro afirmava ter dado ao personagem um dialeto “meio Somerset”<sup>76</sup>. A partir desse primeiro indício partiu-se em busca de um estudo que mapeasse os dialetos ingleses e que pudesse cobrir algumas das características desse dialeto para verificar se o dialeto do personagem realmente poderia ser caracterizado como Somerset. O estudo de Trudgill (1999) serviu a esse propósito e corroborou o indício inicial de que o personagem falava o dialeto Somerset.

Depois de verificado que o personagem Hagrid fala o dialeto Somerset, partiu-se, então, para a análise das características dialetais do texto original e das marcas de oralidade dos textos traduzidos. Os fenômenos que se destacaram por serem característicos da oralidade foram catalogados juntos, embora a análise tenha feita de forma separada, por se tratar da mesma língua – embora apresentem diferenças formais e lexicais bastante grandes.

Esse levantamento das marcas dialetais (original) e orais (traduções) foi feita de maneira manual através do destaque de cada uma dessas marcas na tabela contendo todas as falas do personagem sob formato impresso. Após a busca em toda a tabela com as falas do personagem, buscou-se nomear cada um desses fenômenos com respaldo na teoria linguística, no proposto por Franco Aixelá e no proposto por Fernandes (1998), o que deu origem às 3 subdivisões que serão melhor exploradas no capítulo 5. Depois dessa marcação de fenômenos no formato impresso, partiu-se para a marcação do corpus dentro do programa *Notepad++* a qual foi feita através da inserção do nome da marca dialetal entre parênteses logo após a aparição desse fenômeno. Caso a palavra marcada viesse seguida de algum sinal de pontuação, esse sinal foi respeitado e inseriu-se a marcação logo após no sinal, como demonstra o exemplo abaixo.

#### Exemplo

– Você está bem, Hermione? – sussurrou Hagrid. – Não se preocupe, ele não pode ter ido longe se está tão ferido e então poderemos... **(interrupção na fala) PARA TRÁS DAQUELA ÁRVORE! (caixa alta)** (Hagrid)

<sup>76</sup> Vide anexo A para ver a entrevista retirada do site *MuggleNet*.

No caso do fenômeno de repetição, só foi feita a marcação depois do último item lexical repetido, ou seja, se a palavra ‘mundo’ aparecesse 5 vezes, só seria marcado (*repetição*) após a última aparição do item ‘mundo’.

### Exemplo

– Do nosso **mundo**, quero dizer. Seu **mundo**. Meu **mundo**. O **mundo** dos seus pais. (**repetição**) (Hagrid)

O nome do personagem também foi marcado entre parênteses ao final de cada parágrafo para que pudessem ser separadas somente suas falas para facilitar a análise do corpus. Essa marcação foi feita somente após o final do parágrafo pois o texto foi alinhado por parágrafos, logo uma vez que se busque pelo nome do personagem entre parênteses, aparecerão todos os parágrafos que apresentam alguma fala de Hagrid.

### Exemplo de marcação do corpus

*Call me Hagrid,' he said, 'everyone does. An' (apócope) like I told yeh (troca de you por yeh), I'm Keeper of Keys at Hogwarts - yeh'll (troca de your por yeh) know all about Hogwarts, o' course.'* (**apócope**) (Hagrid)

Para facilitar ainda mais o próximo passo, o processo de análise, como obtive acesso aos textos em português brasileiro e inglês britânico

The screenshot shows the PEPCo (Portuguese-English Parallel Corpus) interface. At the top, there is a navigation bar with links: 'About PEPCo', 'Features', 'News', and 'The Community'. Below this, the main content area displays a corpus entry. On the left, there is a text box containing the English sentence: "1 'No, sir - house was almost destroyed but I got him out all right before the Muggles started swarmin' (apócope) around. He fell asleep as we was flyin' (apócope) over Eristol. ". On the right, there is a text box containing the Portuguese translation: "- Não senhor - a casa estava praticamente destruída mas eu consegui tirá-lo antes qu'os ( aglutinação, apócope ) Muggles começassem a invadi-la. Ele adormeceu quando sobrevoávamos Eristol. ". At the bottom of the entry, it says "Last update 22/10/2009".

**Figura 5 – Exemplo de marcação dos fenômenos de oralidade no PEPCo**

Para facilitar o processo de análise, como se teve acesso aos textos do corpus em formato .txt através do professor orientador desta pesquisa, marcou-se se as falas de Hagrid e as marcas dialetais (original) e orais (traduções) nos 3 textos em formato .txt no programa Notepad++ e foram criados três arquivos somente com as falas dos personagens já marcadas. Posteriormente elas foram inseridas no PEPCo Builder nas duas direções PB-IN, IN-PB e PE-IN, IN-PE. Esse processo foi realizado para garantir que os dados encontrados fossem exclusivamente da fala de Hagrid, além de facilitar a visualização dos dados. Desse processo surgiram os subcorpora com seus respectivos ID:

Direção do corpus	ID
Falas de Hagrid direção PB-IN	95a476c3

Falas de Hagrid direção IN-PB	2335063b
Falas de Hagrid direção PE-IN	249f8394
Falas de Hagrid direção IN-PE	c81ca919
Texto completo Original-PB	8bdcfef7
Texto completo Original-PE	ed04614a

**Tabela 4 – Códigos identificados dos corpora criados através da ferramenta *PEPCo Builder*.**

Depois de estabelecidas e marcadas no corpus todas essas categorias de análise, para efetuar a análise quantitativa, utilizou-se o recurso *Localizar...* do programa *Notepad++* que pode ser acionado através do atalho *Ctrl+, F* o qual possui uma ferramenta denominada *Contar*. Depois que todas as marcações foram realizadas no corpus, utilizou-se essa ferramenta para contar quantos parágrafos continham falas do personagem Hagrid e para, em seguida, contar quantas vezes cada recurso aparecia no corpus em cada texto – o original e as duas traduções. A partir dessa contagem é que foi confeccionada a tabela numérica que deu origem ao gráfico que calculou a porcentagem de cada fenômeno em relação ao total de marcas de dialeto/oralidade. Esse recurso do programa facilitou muito a análise dos dados, além de conferir maior confiabilidade aos resultados adquiridos.

Obtido esses dados numéricos foi possível a realização de uma análise qualitativa baseada em dados empíricos que tentou explicar a maior presença de um fenômeno em relação a outros.

Após todos esses passos é que se procedeu a análise de dados, que será exposta no capítulo 5. O capítulo a seguir, o de número 4.3, explicitará quais as categorias de análise utilizadas para fins deste trabalho.

Na seção seguinte serão mostradas as categorias utilizadas para analisar os dados.

### 3.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE

[...] é necessário reconhecer que, extremamente paradoxal, uma 'língua' não é, de forma alguma, uma noção particularmente linguística. Características linguísticas obviamente são levadas em consideração, mas é evidente que consideramos norueguês, sueco, dinamarquês e alemão como uma única língua por razões que são tanto políticas, geográficas, históricas, sociais e

culturais como linguísticas. [...]77 (1980 apud SPOLSKY, 1998, p. 92, tradução minha)

De acordo com Williams e Chesterman (2002, p.94, grifo do autor, tradução minha)

A categorização é um elemento central em todos os tipos de análise, independente de quais forem seus dados. Envolve dois processos cognitivos básicos: procurar por *diferenças* (variações) e procurar por *similaridades* (padrões). Procurar por diferenças é um processo de análise. Isso significa quebrar um conceito ou um conjunto de dados em unidades menores; ele requer concentração, inteligência convergente. Procurar por similaridades é um processo de síntese, de generalização. Significa procurar por regularidades, características em comum, padrões. Necessita imaginação e inteligência divergente.<sup>78</sup>

A categorização feita por este trabalho lidou primeiramente com similaridades para conseguir chegar à construção de categorias de análise e, posteriormente levou também em consideração as diferenças observando quais estratégias utilizadas por cada tradutora em relação a cada categoria criada.

A hipótese inicial levantada por esta pesquisa era que as tradutoras brasileira e portuguesa optariam pela redução do dialeto do personagem Hagrid que seria compensada<sup>79</sup>, utilizando o termo conforme Baker (2001), por marcas de oralidade. A partir da ideia da

---

<sup>77</sup> [...] we have to recognise that, paradoxically enough, a ‘language’ is not a particularly linguistic notion at all. Linguistic features obviously come into it, but it is clear that we consider Norwegian, Swedish, Danish and German to be single languages for reasons that are as much as political, geographical, historical, sociological and cultural as linguistic. [...]

<sup>78</sup> Categorization is a central element in all kinds of analysis, whatever your data. It involves two basic cognitive processes: looking for *differences* (variation) and looking for *similarities* (patterns). Differences may also form a pattern, so that there may be similarities among the differences. Looking for differences is a process of analysis. This means breaking a concept or a set of data down into smaller units; it needs concentration, convergent intelligence. Looking for similarities is a process of synthesis, of generalization. It means looking for regularities, shared features, patterns, it needs imagination, divergent intelligence.

<sup>79</sup> Compensation is a technique which involves making up for the loss of a source text effect by recreating a similar effect in the target language and/or text. Examples cited in the literature often involve the translation of puns. [...] Most writers on the subject note that compensation requires careful, strategic application. Given that the transfer of meanings from one language to another continually involves loss, the translator must decide if and when compensation is warranted. [...] (BAKER, 2001, p. 37-38)

impossibilidade de se traduzir o dialeto Somerset de Hagrid, partiu-se para uma análise inicial do texto em que foram observadas algumas características emergentes a partir das quais foram criadas as categorias de análise de dados.

O primeiro passo foi a análise do texto-fonte para observar quais as características que, em conjunto, eram típicas do dialeto Somerset. Encontraram-se 4 categorias diferentes de fenômenos: (i) os fenômenos fonéticos; (ii) os fenômenos de grafia representando fonemas; (iii) os fenômenos de economia linguística; e (iv) o fenômenos de contrariedade à norma gramatical padrão.

O segundo passo, então, foi a análise dos textos traduzidos para levantar quais os fenômenos típicos da oralidade na fala do personagem Hagrid em cada um dos textos, já que não houve a identificação de nenhum conjunto de características típicas de um dialeto específico. Os fenômenos típicos da oralidade encontrados foram: (i) fenômenos fonéticos, (ii) grafia representando fonemas (somente na tradução portuguesa); (iii) contrariedade à norma gramatical padrão (somente no texto brasileiro); (iv) marcas de oralidade; e (iv) futuro perifrástico.

Após observar os textos de partida e de chegada, buscou um suporte teórico que subsidiasse a criação das categorias para que os dados pudessem ser analisados. Dentro dessas categorias, ainda observou-se a construção de outras subcategorias, que serão exploradas a seguir nesta seção.

### 3.4.1 Fenômenos fonéticos

Embora representem no texto-fonte e nos textos alvo características diferentes – no texto-fonte os fenômenos fonéticos são um dos traços de um conjunto de características que definem o dialeto Somerset; nos textos fonte eles são apenas uma marca de oralidade –, os fenômenos fonéticos que apareceram foram os mesmos:

a) **aférese** – Segundo Dubois et. al., “aférese é uma mudança fonética que consiste na queda de um fonema inicial ou na supressão da parte inicial (uma ou mais sílabas) de uma palavra. [...] Há aférese de uma ou duas sílabas em certas palavras populares ou de gíria: *você* e *senhor* dão por aférese *cê* e *nhô*, no português popular.” (DUBOIS et. al., 1997, p. 29, grifo do autor).

b) **aglutinação** – “reunião, numa única unidade, de dois ou vários termos originariamente distintos, mas que se encontram

frequentemente juntos num sintagma.” (Id., *ibid.*, p. 32) Na variante oral do português brasileiro temos como exemplo ‘num’ (em + um).

c) **apócope** – “Mudança fonética que consiste na queda de um ou mais fonemas ou sílabas no fim de uma palavra. [...] [no português] *metrô*, *cinema*, *foto* vêm, por apócope, de *metropolitano*, *cinematográfico* e *fotografia* [...]” (Id., *Ibid.*, p. 62) “Na maioria das vezes, a apócope corresponde a um fenômeno de sandhi<sup>80</sup> e provém do hábito de tratar certas palavras da frase como se fizessem parte da palavra que precede ou que segue.” (Id., *Ibid.*, p.63)

i) **síncope** – “[...] fenômeno frequente de desaparecimento de um ou mais fonemas no interior de uma palavra. As vogais e sílabas átonas estão particularmente sujeitas a isso. Por exemplo, a passagem do lat. *Calidus*, *verecundiam*, respectivamente ao port. *caldo* e *vergonha* deve-se a um fenômeno de síncope.” (Id., *Ibid.*, p. 552)

### 3.4.2 Fenômenos de grafia representando fonemas

Típica do texto-fonte, esta categoria consiste na tentativa da autora de representar sob a forma escrita a pronúncia das palavras, principalmente no que diz respeito à ligação de palavras, que sob a forma escrita apresentam pausa entre si, como em *do not know* e *dunno*. Não foi encontrada muita diversidade desse tipo de fenômeno nem padrões diferentes de sua ocorrência que sugerissem a necessidade de criação de subcategorias.

### 3.4.3 Fenômenos de economia linguística

Fenômeno exclusivo do texto-fonte, está relacionado com o princípio de economia linguística<sup>81</sup>. Esses fenômenos se manifestaram de duas formas no texto original através de:

---

<sup>80</sup> “O termo sândi (sânscrito sandhi) foi herdado dos antigos gramáticos da Índia, significa, literalmente, ‘colocar junto, reunir’. Este termo designa os traços de modulação e de modificação fonética que afetam a inicial e/ou final de certas palavras, morfemas ou sintagmas. A forma pronunciada em posição isolada é a forma absoluta; as formas que aparecem em posição incluída são as formas sândi [...] O mesmo ocorre, no português, com o morfema de plural no substantivo ou com o de segunda pessoa do singular no verbo [‘malas’]; [malaza’zuys]; [‘malas’pretas] [...]” (DUBOIS et. al., p.525)

<sup>81</sup> Um dos aspectos da economia linguística é a “lei do menor esforço” que “se exerce no sentido de tornar mais fácil aos órgãos fonadores a articulação das palavras. As modificações e quedas de fonemas deram-se em obediência a essa lei.” (COUTINHO, 1976, p. 137)

a) omissão do sujeito: ou sujeito nulo, que consiste em uma categoria gramatical vazia, neste caso essa categoria é o sujeito; e

b) omissão de itens gramaticais<sup>82</sup>: que consiste no apagamento de estruturas de caráter estrutural que não prejudicam a compreensão do enunciado.

### 3.4.4 Fenômenos de contrariedade à norma gramatical padrão

Esse tipo de marca foi encontrado somente no texto original e na tradução brasileira e se constitui em uma variação do que traz a norma padrão. Eles não são considerados *erros* gramaticais, são apenas formas diferentes do padrão da língua. Os fatores que envolvem a legitimidade das variações da língua são puramente sociais e políticos, não estando ligados a fatores linguísticos em si (TRUDGILL, 1999). De acordo com Trudgill (1999, p. 13, tradução minha) “todos os dialetos [...] são igualmente gramaticais e corretos”.<sup>83</sup> Um exemplo dessa contrariedade é o uso do artigo *a* antes de substantivo iniciado por vogal.

### 3.4.5 Marcas de oralidade

Como a proposta desta pesquisa consiste em observar como as marcas dialetais do original foram traduzidas para o português do Brasil e de Portugal, não foram consideradas as marcas de oralidade do original, somente a do texto traduzido, já que essas são consideradas como uma estratégia de compensação na tradução. A partir da observação das marcas de oralidade dos textos alvo foram encontradas as seguintes subcategorias:

e) **interjeição** – “interjeições são um *conjunto de sons* sem sentido referencial usados, obviamente, na língua falada, como abrupta, geralmente expressando um sentimento forte, como dor, desaprovação, prazer etc.”<sup>84</sup> (FERNANDES, 1998, p.58, tradução minha, grifo do

<sup>82</sup> De acordo com Halliday (1989, p.63, tradução minha), a distinção entre item lexical e gramatical se dá a partir do sistema ortográfico, já que itens gramaticais podem ter [em inglês] somente uma ou duas letras, ao passo que itens lexicais requerem um mínimo de três [em inglês].

<sup>83</sup> The fact is that all dialects, both Traditional and Modern, are equally grammatical and correct.

<sup>84</sup> [...] interjections are seen as a *set of sounds* with no referential meaning used, obviously, in spoken language, as a sudden remark, usually expressing a strong feeling, such as pain, disapproval, pleasure, etc.

autor). No texto escrito são representadas por expressões como ‘*hum*’, ‘*ah*’ etc.

g) **onomatopeia** – “Consiste na imitação dos sons, seja o som vozes dos animais, seja o som dos ruídos da natureza, ou mesmo o som produzido pelos objetos e pelo próprio homem.” (NICOLA, INFANTE, p.78)

h) **repetição** – A repetição dos termos ou de estruturas é uma característica comum da fala ao passo que a escrita procura por elementos discursivos de retomada do termo como sinônimos ou dêiticos. Segundo Halliday (1989, p. 64, 65), a densidade lexical é o número de itens lexicais<sup>85</sup> em proporção ao número de palavras e quanto maior essa densidade, mais próxima da escrita é a variante. Ainda consoante o mesmo autor, a repetição reduz o efeito dessa densidade, ou seja, a repetição aproxima mais a variante à oralidade.

### 3.4.6 Futuro perifrástico

Essa categoria, apesar da baixa representatividade e de ser encontrada somente nas traduções, foi levada em consideração durante a análise de dados por ser uma característica bastante representativa da variante oral em contraposição à variante falada em língua portuguesa (SANTOS et. al., 2007). “*Perífrase* é uma figura de retórica que substitui um termo próprio e único por uma seqüência de palavras, uma locução que o define ou o parafraseia. [...] Em princípio, a perífrase vincula-se à sintaxe, enquanto a locução [...] vincula-se ao léxico.” (DUBOIS et. al., 1973, p.464, grifo do autor). No caso do futuro perifrástico que figura nas falas de Hagrid, o futuro simples, como em ‘falarei’, é substituído pelo futuro perifrástico composto pelo verbo ir no presente do indicativo mais o verbo principal no infinitivo, como em ‘vou falar’.

### 3.4.7 Observações Finais

As categorias de análise de dados desta pesquisa foram apontadas por Fernandes (1998, ) como características prosódicas, que segundo o autor é

---

<sup>85</sup> Segundo Halliday (1989, p.63), “Lexical items are often called content ‘words’”.

Uma das características distintivas entre a língua falada e a escrita é relacionada à prosódia. Prosódias são características linguísticas da língua falada, como entonação (tonicidade e tom), ritmo, ‘fraseamento’ e pausas, as quais são deixadas de lado pela língua escrita. Entretanto, essas características algumas vezes são representadas na variante escrita por aqueles registros que tentam imitar a fala, como diálogos dramáticos e narrativas ficcionais. A presença de elementos prosódicos nesses registros conversacionais é indicado através de certos elementos linguísticos, como pontuação, interjeição, contrações<sup>86</sup> e repetições.<sup>87</sup> (FERNANDES, 1998, p. 58, tradução minha).

Por motivos de necessidade de delimitação de foco de estudo, somente algumas das características prosódicas foram exploradas, deixando-se de lado outras, como é o exemplo da pontuação, que não demonstraram relevância significativa no estudo da tradução do dialeto do personagem Hagrid.

Tendo acompanhado o desenvolvimento deste capítulo a importância do uso de ferramentas de corpus neste estudo, como se deu a construção do corpus, a metodologia da análise de dados e a definição de cada categoria de análise, o próximo capítulo partirá para a análise em si dos dados encontrados no original e nas duas traduções.

---

<sup>86</sup> Neste trabalho contrações serão consideradas aglutinações, categoria linguística retirada de Dubois (1973) definida em seguida, nesta mesma seção.

<sup>87</sup> One of the distinguishing characteristics between spoken and written language is related to prosody. Prosodies are linguistic features of spoken language, such as intonation (tonicity and tone), rhythm, ‘phrasing’ and pausing, which are left out by written language. However, these features are sometimes represented in the written mode by those registers that attempt to imitate speech, such as dramatic dialogue and narrative fiction. The presence of prosodic elements in these conversational registers is indicated by means of certain linguistic elements, such as punctuation, interjections, contractions and repetition.

## CAPÍTULO QUATRO: ANÁLISE DE DADOS

A proposta desta pesquisa é realizar uma análise textual dos dados, a qual pode ser identificada como uma interface entre duas subáreas de *Análise Textual e Tradução*<sup>88</sup> propostas por Williams e Chesterman (2002, p.6): *Análise do Texto-fonte*<sup>89</sup> e *Comparação entre as Traduções e seus Textos-fonte*<sup>90</sup>. A *Análise do Texto-fonte* “[...]foca na análise propriamente dita do texto-fonte examinando os vários aspectos que podem dar origem a problemas de tradução. Essa abordagem tem uma relevância óbvia para o ensino de tradução.<sup>91</sup>” (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002, p.6, tradução minha). A *Comparação entre as Traduções e seus Textos-fonte*

[...] lida com várias traduções para a mesma língua ou de línguas diferentes de um mesmo original. Não se pode lidar cm cada aspecto passível de análise dos textos, obviamente, logo há a necessidade de escolher o(s) aspecto(s) no qual você deseja focar. [...] você poderia começar com um tipo de problema de tradução (a tradução de sentenças na voz passiva, dialetos ou alusões, por exemplo) [...]<sup>92</sup> (Id., ibid., p. 6, tradução minha)

Este estudo mistura as duas propostas acima e analisa o texto original observando as marcas dialetais da fala do personagem Hagrid e depois compara essas características com duas traduções para a língua portuguesa partindo, então, do problema de tradução de um dialeto.

### 4.2 ANÁLISE DO TEXTO-FONTE: O DIALETO DE HAGRID

O livro *Dialects of England* (TRUDGILL, 1999) propõe um mapeamento dos dialetos ingleses com base em pronúncias de algumas palavras que, de acordo com autor, podem ser consideradas distintas

---

<sup>88</sup> Text Analysis and Translation

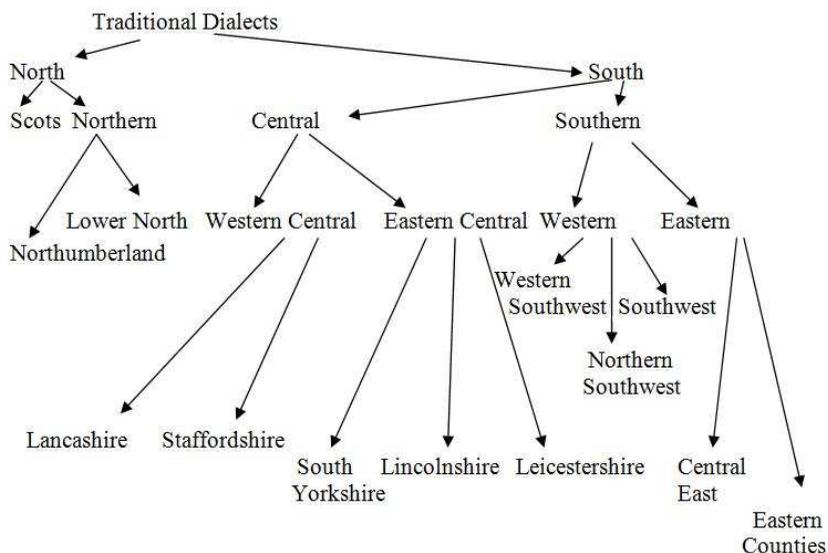
<sup>89</sup> Source Text Analysis

<sup>90</sup> Comparison of Translations and their Source Texts

<sup>91</sup> [...] focuses on the analysis of the source text itself, examining the various aspects of it that might give rise to translation problems. This has an obvious relevance in translation training.

<sup>92</sup> Deals with several translations, into the same language or into different languages, of the same original. Such topics cannot deal with every possible aspect of the texts, of course, so you have to choose the aspect(s) you want to focus on. [...] you could start with a kind of translation problem (the translation of passive sentences, or dialect, or allusions, for instance) [...]

entre um dialeto e outro. Obviamente essa divisão dialetal não é estanque nem absoluta, ela serve apenas para dar uma ideia ao leitor das características essenciais dos dialetos ingleses, que de acordo com Trudgill (1999), podem ser subdivididos em dois: os Dialeto Tradicionais<sup>93</sup> e os Dialeto Modernos<sup>94</sup>. Esses Dialeto Tradicionais são, em sua maioria, bastante antigos e de origem rural (Id., Ibid., p.20). O autor apresenta o seguinte organograma para mostrar os Traditional Dialects:



**Figura 6 – Organograma dos Traditional Dialects britânicos (TRUDGILL, 1999, p.35)**

Dentre esses dialetos, encontramos várias subdivisões dentro de cada região dialetal apresentada por Trudgill. A região que nos interessa é a Western Southwest, que de acordo com o autor, “consiste geograficamente de Cornwall, Devon, **Somerset**, Wiltshire e Dorset, mais a região sul de Gloucestershire e o sudoeste de Hampshire.”<sup>95</sup> (Id., Ibid., p. 43, tradução nossa, grifo nosso). No seguinte exemplo retirado

<sup>93</sup> Traditional Dialects

<sup>94</sup> Modern Dialects

<sup>95</sup> [...] consists geographically of Cornwall, Devon, Somerset, Wiltshire e Dorset, plus southern Gloucestershire and southwestern Hampshire.

do livro do autor, temos um exemplo de um poema escrito em dialeto Somerset

Me 'usband come whome tother night,  
An' put a card on the table;  
Zo I picked un up an' read the words,  
'Come to a Christmas paartee if yer able'

'Twas vrom the Squire, me 'usband's boss.  
Zo I zaid, 'Well, be we going?'  
'Gwoing!' he zaid, 'I should 'ope zo,  
'Twill be a change from milking and zowing.'

Trudgill (1999, p. 43, tradução minha), apresenta uma tabela com os critérios baseado nas *land*, *arm*, *hill*, *bat* e *seven* que dividem o sul da Inglaterra em 6 grandes áreas dialetais.

Western:	<i>arm</i>	<i>land</i>	<i>seven</i>	<i>Bat</i>	<i>Hill</i>
Western Southwest	arm	hand	zeven	Bat	ill
Northern Southwest	arm	hond	seven	Bat	ill
Eastern Southwest	arm	hand	seven	Bat	ill
Eastern:					
Central East	ahm	hænd	seven	Bæt	ill
Eastern Counties	ahm	hænd	seven	Bæt	ill

**Tabela 5- Tabela baseada na proposta por Peter Trudgill apresentando os critérios para divisão dos dialetos ingleses.**

É claro que o estudo feito por Trudgill (1999) tem um cunho científico detalhando as características dos dialetos ingleses; já o que Rowling (1997) fez foi apenas acrescentar às falas dos personagens algumas características que lembrassem um dialeto. Logo a menção ao estudo do autor aqui (Ibid.) serve apenas para mostrar que as características da fala do personagem apresentam algumas semelhanças

com o dialeto denominado de Somerset. As semelhanças entre a fala de *Hagrid* e o poema em Somerset que emergiram na categoria de análise foram:

- a) contrariedade à norma padrão gramatical, como a troca do pronome possessivo *my* pelo pronome objeto *me* que aparece no primeiro verso do poema;
- b) a aférese como e 'usband;
- e) a apócope como em an';
- f) a troca de 'you're' por 'yer';
- g) a grafia representado fonemas, mais especificamente no caso do poema, o prolongamento das vogais /ee/ e /aa/, como em 'paartee'.

Evidentemente o dialeto Somerset é muito mais rico do que os fenômenos apresentados acima<sup>96</sup>. Como mencionado no parágrafo acima, Rowling não fez um estudo dialetal para compor a fala do personagem, tampouco foi esse o seu propósito, afinal se assim o fizesse tornaria a leitura para seu público infanto-juvenil praticamente impossível para aqueles que não são falantes desse dialeto, além de encontrar, muito possivelmente, censura do mercado editorial.

Foram encontrados 827 marcas de discurso oral na fala do personagem Hagrid divididos em 20 categorias e distribuídos em 218 parágrafos.

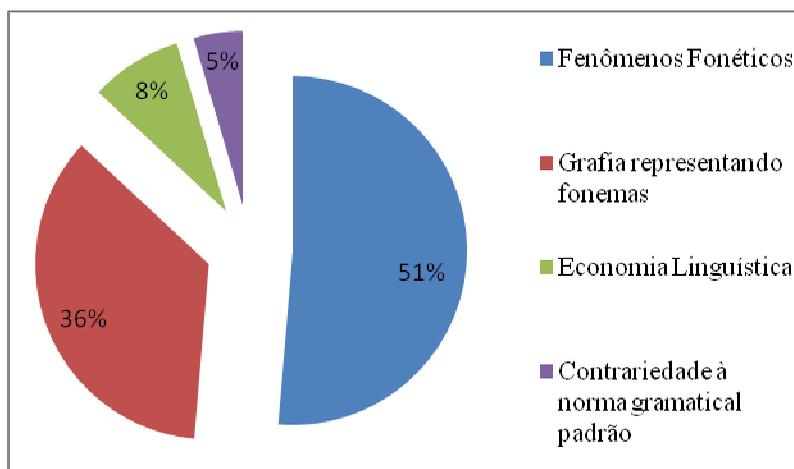
Marcas		Ocorrências
<b>Fenômenos Fonéticos</b>		325
<b>Grafia</b>	<b>representando</b>	225
<b>fonemas</b>		
<b>Economia linguística</b>		54
<b>Contrariedade à norma gramatical padrão</b>		29
<b>Total</b>		633

**Tabela 6 – Marcas dialetais da fala de Hagrid apresentadas no texto-fonte.**

Para efeitos de análise, os fenômenos foram contados de forma separada, mesmo se ocorressem em conjunto com outros tipos de fenômeno.

<sup>96</sup> Trudgill (1999) faz uma série de observações sobre os fenômenos presentes no poema que o caracterizam como tipicamente da região Somerset, porém não interessa a essa pesquisa fazer um estudo dialetológico aprofundado. A menção à obra *Dialects of England* aqui serviu apenas para enquadrar a fala do personagem dentro de um dialeto específico.

O gráfico a seguir traduzirá a representatividade, em termos de porcentagem, de cada um dos fenômenos analisados neste trabalho:



**Figura 7– Representatividade em porcentagem de cada fenômeno analisado na fala de Hagrid**

Pode-se identificar três tipos de grupos de fenômenos: de fenômenos fonéticos, o qual se caracteriza como predominante, com representatividade acima de 50%; de grafias representando fonemas, que é representativo, com porcentagem acima de 20% e abaixo de 50%; e de economia linguística e contrariedade à norma gramatical padrão, considerados de baixa representatividade por representarem menos de 20% do total de marcas dialetais.

Embora também apresente marcas de oralidade, um dialeto é caracterizado por apresentar um **conjunto** de características que lhe é particular e o difere de outras variantes. No caso do dialeto de Hagrid, essas características encontradas foram: os fenômenos fonéticos de apócope, síncope, aglutinação e aférese; as tentativas de representação ortográfica da realização fonética como na troca de *you* por *yeh*, *to* por *ter*, troca de *your* por *yer*, troca de *you're* por *yer*, troca de *for* por *fer*; contrariedade à norma padrão e topicalização. Nenhum desses fenômenos **isolados** caracteriza a fala de Hagrid como um dialeto, já que existem outras variantes em que os falantes realizam apócopes, sujeitos nulos, trocam a pronúncia de *you* por *yeh*, por exemplo. É o **conjunto** dessas marcas que ocorrem concomitantemente as quais não se repetem em nenhuma outra variante – as quais dependem de uma

série de fatores levantados por Halliday (1989) como sexo, região geográfica, classe social, religião, escolaridade etc. – que influencia na manifestação linguística produzida pelo indivíduo

Nas seções a seguir, acompanhar-se-á como cada tipo de fenômeno de comportou dentro do texto e os critérios utilizados para analisá-los.

#### 4.2.1 Fenômenos fonéticos

Os fenômenos fonéticos se classificam em quatro tipos diferentes: os de queda de fonema – apócope, síncope e aférese – e a aglutinação.

A apócope é o fenômeno esmagadoramente predominante na fala do personagem Hagrid com 291 ocorrências. Isso se deve principalmente à presença de muitas palavras terminadas em ‘ing’ sofrerem a queda do ‘g’ final, como o caso dos verbos *lookin’, runnin’, nothin’, playin’, waitin’*, só para citar algumas. O item lexical ‘and’, por ser uma palavra gramatical, representa um grande número de ocorrências, aumentam as ocorrências da apócope.

A autora não é unânime na aplicação de um fenômeno em uma palavra. No caso da apócope do ‘d’ do item ‘and’, por exemplo, ela, na maioria das vezes, realiza a apócope, mas no exemplo

<b>Exemplo</b>
'True, I haven't introduced meself. Rubeus Hagrid, Keeper of Keys <b>and</b> Grounds at Hogwarts.'

mantém o ‘d’, possivelmente por essa fala pertencer a uma situação mais formal em que o personagem se apresenta ao protagonista e utiliza o registro formal. “Registro é uma variante da língua usada mais provavelmente em uma situação específica e com uma finalidade específica e status envolvido. Exemplos seriam um brinde em um casamento, narração esportiva ou a fala com um bebê. O registro é marcado por escolhas de vocabulário e outros aspectos de estilo<sup>97</sup> (SPOLSKY, 1998, p.34, tradução minha).”

Pode-se concluir, então, que como a fala de Hagrid pertence à variante oral, ela possui uma densidade lexical menor, ou seja, possui mais itens gramaticais do que lexicais (HALLIDAY, 1989). Dentre essa

---

<sup>97</sup> Register is a variety of language most likely to be used in a specific situation na with particular roles and statuses involved. Exemples might be a toast at a wedding, sports broadcast, or talking to a baby. A register is marked by choices of vocabulary and of other aspects of style.

grande ocorrência de itens gramaticais, o fenômeno da apócope se destaca, pois ocorre em uma grande variedade de palavras gramaticais diferentes (terminações verbais e preposições), como citado acima.

A aférese e a síncope, com 26 e 11 ocorrências, foram marcadas, em grande parte das vezes por uma apóstrofe no início e meio da palavra, respectivamente.

A maioria das ocorrências da aférese são com *them* que se transforma em *'em* e com *because* que se transforma em *'cause*. A maioria das ocorrências de síncope foram com *suppose(d)* que se transformou em *s'ppose(d)* (4 ocorrências), *mystery* que se transformou em *myst'ry* (4 ocorrências), *different* que se transformou em *diff'rent* (3 ocorrências) e *Come on* que se transformou em *C'mon*.

<b>Exemplo A</b>
Got <b>'em (aférese)</b> , too – some were afraid, some just wanted a bit o' (apócope) his power, <b>'cause (aférese)</b> he was gettin' (apócope) himself power, all right.
<b>Exemplo B</b>
Suppose the <b>myst'ry (síncope)</b> is why You-Know-Who never tried to get 'em (aférese) on his side before...
<b>Exemplo C</b>
Not (economia linguística) <b>s'pposed (síncope)</b> ter (troca de to por ter) use magic now I've got yeh.' (troca de you por yer) (Hagrid)
<b>Exemplo D</b>
<b>More'n (aférese,aglutinação)</b> my job's worth ter (troca de to por ter) tell yeh (troca de you por yeh) that.' (Hagrid)
<b>Exemplo E</b>
But yeh'll (troca de you por yeh) have a great time at Hogwarts – I did – still do, <b>'smatter (aférese, aglutinação, grafia representando fonemas)</b> of fact.' (Hagrid)
<b>Exemplo F</b>
<b>Jus' (apócope) lookin','</b> (apócope) he said, in a shifty voice that got their interest at once. <b>'An' (apócope)</b> what're you lot up ter?' (troca de to por ter) He looked suddenly suspicious.

O uso da aférese e da síncope faz com que o leitor leia a palavra como se ela estivesse sendo falada, e não como uma forma escrita. Isso fica ainda mais reforçado quando a aglutinação das palavras que sofreram alguma queda é marcado de marca gráfica, como mostra o **exemplo D**. O **exemplo E** é ainda mais interessante porque transforma 3 palavras escritas em uma só: *as a matter* transforma-se em *smatter*, o que dá a ideia da continuidade do discurso falado, que não apresenta

pausas entre si como o discurso escrito. Por isso, esta pesquisa acredita que o uso dos fenômenos que indicam a queda de fonemas dá ao texto escrito maior fluência e impressão de discurso oral, além de ser uma diferenciação da fala de outros personagens.

#### 4.2.2 Grafia representando fonemas

A categoria denominada por este estudo de *grafia representando fonemas* consiste nos casos analisados como uma tentativa por parte da autora de representar ortograficamente a palavra forma que ela ficasse mais próxima de como ela é produzida foneticamente pelo indivíduo. É o caso dos exemplos mostrados na tabela abaixo:

Forma escrita	Representação
out of	<i>outta</i>
Been	<i>bin</i>
Going	<i>gonna</i>
do not know	<i>dunno</i>
has got to	<i>gotta</i>
kind of	<i>kinda</i>
should not	<i>shouldn'ta</i>
You	<i>yeh</i>
you're	<i>yer</i>
your	<i>yer</i>
to	<i>ter</i>
for	<i>fer</i>
myself	<i>meself</i>

**Tabela 7: Forma escrita e suas representações escritas da realização fonética**

A troca das letras 'ou' por 'eh' pode sinalizar a intenção da autora de sinalizar para seu leitor que a pronúncia da palavra 'you' realizada pelo personagem é feita como /jə/ em vez de /ju/ ou /ju:/, já que a transcrição fonética de 'yeah', que tem som similar a 'yeh', é /jeə/.<sup>98</sup> Entretanto, nem sempre a autora troca a variante *you* pela *yeh*, há alternância entre as duas formas na fala do personagem. O mesmo pode ser dito sobre as variantes *your* /*yer*, *for/fer* e *to/ter*. A palavra *your*,

<sup>98</sup> Os símbolos fonéticos utilizados nesta descrição foram retirados do dicionário Longman (2007).

segundo o dicionário Longman (2007), tem as seguintes representações fonéticas inglesas possíveis: /jə:/, /jɔ:/ e sua variante ‘yer’ usada por Rowling poderia ser transcrita como /jə/, como em foster /‘fɒstə/, por isso a hipótese que levanto, mais uma vez, é que a autora quis deixar claro para seu público leitor que o personagem realiza a pronúncia /jə/ para que eles identifiquem mais facilmente essa característica do dialeto de Hagrid.

Entre as variantes ‘for’ /fə:/, /fɔ:/ e fer /‘fə’/ temos um caso semelhante ao de ‘to’ e ‘ter’. Em ‘to’ temos as possíveis transcrição fonética para o inglês britânico /tə:/, /tɜ/ antes de vogais e /tu:/, novamente faço uma comparação à palavra foster /‘fɒstə/ para indicar que provavelmente a transcrição fonética da variante ‘ter’ seria /tə/ mostrando ao leitor que a pronúncia que a autora deseja passar aos seus leitores como a pertencente ao dialeto do personagem se diferencia das demais pronúncias e deveria ser entendida como /tə/, assim como a pronúncia de ‘for’ deveria ser entendida como /fə’/.

Com as variantes ‘my’ /maɪ/ e ‘me’/mi/ ou /mi:/ temos um caso um pouco distinto dos outros pares de variantes vistos acima. Segundo o dicionário on-line de língua inglesa The Free Dictionary (FARLEX INC, 2010, on-line), a forma *me* é utilizada como uma forma dialetal para a palavra *myself* quando usado como objeto indireto.<sup>99</sup> Não é exatamente o mesmo caso dos dados encontrados no texto, já que verificou-se os pares do pronome possessivo *my/me* e do pronome reflexivo *myself/meself* e não o uso de ‘me’ como ‘myself’. Entretanto, a conexão entre o que foi exposto pelo dicionário e o encontrado na fala do personagem é bem próxima.

Apesar da presença das formas dialetais, a autora também usou as formas padrão *you*, *to*, *for* e *my*. Disso podemos concluir que os falantes do dialeto Somerset usam as duas formas, dependendo do registro que utilizam.

### 4.2.3 Economia linguística e sujeito nulo

A categoria de sujeito nulo é uma subcategoria de economia linguística, já que consiste na realização de uma categoria vazia, no caso o sujeito fica vazio, é um tipo de manifestação de economia linguística.

---

<sup>99</sup> 2. *Chiefly US* a dialect word for **myself** when used as an indirect object I want to get me a car. (FARLEX INC., 2010, on-line.).

Dos 47 casos de economia linguística, 39 são através de realização de sujeito nulo.

Embora a gramática gerativa tenha estudos que mostrem que a língua inglesa não permite sujeito nulo (KATO; NEGRÃO apud TORRES-MORAES, 2000, p.162), durante a análise da fala do personagem Hagrid, pode-se observar um número considerável de sujeitos nulos, cerca de 38 ocorrências. Verificou-se que o sujeito nulo ocorre (i) em primeiro lugar quando o verbo é regular, 14 ocorrências; (ii) em segundo lugar com os verbos modais – can/could, might, should, would, must – somando 8 ocorrências; (iii) em terceiro lugar com a expressão have/has got totalizando 7 ocorrências; (iv) com auxiliar do/did, 4 ocorrências; (v) com verbos regulares cujo sujeito é ‘it’ não-significativo no total de 3 ocorrências; (vi) e conjuntamente com um caso de elipse, pois o personagem completa a fala de outro personagem que realizou o sujeito.

Verbos regulares	Verbos Modais	Verbos regulares com sujeito ‘It’	Elipse
Recognize	Would	Meant	tell
Knew	Might	Took	
Wanted	Should	Make	
Disappeared	Must		
vanished	Can/Could		
kept			
won			
Kept			
told			
bought			
Have been			
Have made			

**Tabela 8: Estruturas que favorecem sujeito nulo na fala do personagem Hagrid no texto original**

O **exemplo A** abaixo nos mostra uma realização dessa marca na fala de Hagrid em que o sujeito de *couldn't*, o pronome you, não aparece, ficando apenas subentendido no contexto, o que, no entanto, não prejudica a compreensão da passagem:

Exemplo A
'Couldn't (sujeito nulo - economia linguística) make us a cup o' (apócope) tea, could yeh (troca de you por yeh)? It's not been an easy journey ...' (Hagrid)

<b>Exemplo B</b>
Look, I've jus' (apócope) bin (grafia representando fonemas) askin' (apócope) <b>Ronan, you seen (omissão de verbo auxiliar- economia linguística)</b> anythin' (apócope) odd in here lately? Only there's a unicorn bin (grafia representando fonemas) injured – would yeh (troca de you por yeh) know any thin' (apócope) about it?' (Hagrid)
<b>Exemplo C</b>
' <b>You (omissão do verbo - economia linguística)</b> all right, Hermione?' Hagrid whispered.
<b>Exemplo D</b>
'Td not say no ter (sujeito nulo - economia linguística, troca de to por ter) summat (expressão informal da oralidade) stronger if yeh've (troca de you por yeh) got it, <b>mind. (economia linguística - omissão de preposição)</b> ' (Hagrid)

As outras 7 manifestações de economia linguística não são de sujeito nulo, mas de omissão de verbos auxiliares (**exemplo B**) de preposição (**exemplo C**) ou do próprio verbo (**exemplo D**).

O que se conclui, portanto, é que o sujeito nulo, apesar de não possível na variedade padrão da língua inglesa, é perfeitamente realizável no dialeto de Hagrid, o qual prima pela economia linguística, mesmo que isso vá de encontro ao que diz a norma padrão gramatical da língua inglesa britânica, como mostraram Kato e Negrão (apud TORRES-MORAES, 2000, p.162).

#### 4.2.4 Contrariedade à norma padrão

A fala de Hagrid no texto original trouxe algumas contrariedades à norma padrão. Quando menciono contrariedade, quero me opor aqui à noção de erro, já que como nos diz Spolsky (1998, p.33, tradução nossa, grifo do autor)

Deveria-se notar que esse reconhecimento de níveis estilísticos como apropriados a situações sociais específicas é uma oposição ao **normativismo**, a abordagem adotada pelos puristas que reivindicam que há uma versão 'correta' e que todas as variações são incorretas e ruins. Quando o Dicionário Webster introduziu na sua quarta edição rótulos estilísticos e listou usos informais como 'ain't', surgiram muitas

críticas quanto à admissão de barbarismos nos portões do inglês puro.<sup>100</sup>

Isso quer dizer que os exemplos abaixo não são incorretos, mas são variações que compõem parte das características do dialeto Somerset utilizado pelo personagem.

Eles [as pessoas intolerantes] parecem acreditar que, na verdade, o Inglês Padrão é a Língua Inglesa, e que todos os outros dialetos são, de alguma forma, desvios ou corrupções da Língua Inglesa. Historicamente, é claro, isso não é verdade. O Inglês Padrão tem suas origens nos Dialeto Tradicionais mais antigos do sudoeste da Inglaterra, e ganharam proeminência porque essa era a área onde estão situadas Londres, Oxford e Cambridge e que contém a corte real e o governo. [...] O fato é que todos os dialetos, tanto Tradicionais como Modernos, são igualmente gramaticais e corretos.<sup>101</sup> (TRUDGILL, 1999, p.13, tradução minha, grifo do autor)

As contrariedades à norma padrão gramatical encontradas no corpus estão listadas na tabela abaixo:

<b>Variante padrão</b>	<b>Variante usada por Hagrid</b>
Pronome pessoal <i>my</i> como pronome adjetivo possessivo. <i>Ex: Scared of the students, scared of his own subject – now, where's my umbrella?</i>	Pronome objeto <i>me</i> usado no lugar do pronome adjetivo possessivo <i>my</i> . <i>Ex: Scared of the students, scared of his own subject – now, where's me (troca de my por me) umbrella?' (Hagrid)</i>

<sup>100</sup> It should be noted that this recognition of stylistic levels as being appropriate to specific social situations is in opposition to **normativism**, the approach taken by purists who claim that there is 'one' correct version and all variation is incorrect and bad. When Webster's Dictionary in its fourth edition introduced stylistic labeling and listed such informal usages as 'ain't', there were many who criticized its admitting the barbarians into the gates of pure English.

<sup>101</sup> They seem to believe, in fact, that Standard English is *the* English language, and that all other dialects are in some way deviations from or corruptions of Standard English. Historically, of course, this is not true. Standard English has its origins in the older Traditional Dialects of the southeast of England, and rose to prominence because this was the area in which London, Oxford and Cambridge were situated, and which contained the royal court and the government. [...] The fact is that all dialects, both Traditional and Modern, are equally grammatical and correct.

1<sup>a</sup>/3<sup>a</sup> pessoa do verbo *to be* +  
1<sup>a</sup>/3<sup>a</sup> pessoa do discurso.

Ex: *The last time I saw you, **you were** only a baby. You look a lot like your dad, but you've got yer mum's eyes.*

1<sup>a</sup>/3<sup>a</sup> pessoa do verbo *to be* + 2<sup>a</sup>  
pessoa do discurso.

Ex: *Las' (apócope) time I saw you, **you was** (contrariedade à norma padrão) only a baby,' said the giant. 'Yeh (troca de you por yeh) look a lot like yer (troca de your por yer) dad, but yeh've (troca de you por yeh) got yer (troca de your por yer) mum's eyes.'* (Hagrid)

Concordância entre o verbo *to be* e o sujeito na expressão *There + to be*.

Ex: *They say **there are** dragons guarding the high-security vaults.*

Verbo *to be* no singular e o sujeito no plural na expressão *There + to be*.

Ex: 'They say **there's** (contrariedade à norma grammatical padrão) **dragons** guardin' (apócope) the high-security vaults.'

Uso da forma comparativa do adjetivo em uma sentença comparativa.

Ex: *Come on, back in this infernal cart, and don't talk to me on the way back, **it's better** if I keep my mouth shut,'*

Uso da forma superlativa do adjetivo em uma sentença comparativa.

Ex: 'Come on, back in this infernal cart, and don't talk to me on the way back, **it's best** (contrariedade à norma padrão) if I keep me (troca de my por me) mouth shut,' (Hagrid)

Uso do artigo indefinido *an* antes de vogal.

Ex: *It's not easy to catch **an unicorn**, they're powerful magic creatures.*

Uso do artigo indefinido *a* antes de vogal.

Ex: *It's not easy to catch **a unicorn**, they're powerful magic creatures.*

Uso de artigo definido antes de substantivo.

Ex: *No, sir - **the house** was almost destroyed but I got him out all right before the Muggles*

Omissão de artigo definido antes de substantivo.

Ex: 'No, sir - **house** (contrariedade à norma grammatical padrão) was almost

---

*started swarming around.*                      *destroyed but I got him out all right before the Muggles started swarmin' (apócope) around.*

---

**Tabela 9: Variações encontradas na fala de Hagrid que vão de encontro à norma padrão gramatical do inglês britânico.**

Numericamente esses fenômenos se dividem da seguinte forma: são 21 ocorrências, das quais 6 são ocorrências de *you was*, 5 são falta do auxiliar *do/did* ou *have* em *have got*, 4 são trocas do pronome adjetivo possessivo *my* pelo pronome objeto *me*, 3 são usos de *there is* com sujeito no plural, e 1 de omissão de artigo, 1 uso do artigo *a* antes de substantivo iniciado por vogal e 1 uso de adjetivo superlativo em lugar de comparativo.

Estatisticamente esse fenômeno é o menos representativo (5%). Ele não chega a ser uma “intervenção única”, mas também não é “padrões preferenciais recorrente” como os outros. Nessa proposta Baker, pode-se dizer sim que ele é um padrão preferencial que se encontra entre a intervenção única e os padrões recorrentes, estando mais próximo daquele. Embora esses conceitos tenham sido usados por Baker (2000) para falar de tradutores, também pode ser aplicado ao autor neste caso.

#### 4.2.5 Topicalização

A marca de topicalização teve apenas uma ocorrência nos dados analisados, portanto não pode ser considerada representativa. Há uma grande possibilidade a inserção desse fenômeno ter sido inconsciente por parte da autora.

<b>Exemplo</b>
' <b>Can't nothing (topicalização) interfere</b> with a broomstick except powerful Dark Magic – no kid could do that to a Nimbus Two Thousand.' (Hagrid)

#### 4.2.6 Observações finais

A autora do livro marcou de forma bastante consistente as marcas do dialeto do personagem Hagrid. Além das marcas dialetais, ela recorreu à marcas de oralidade, que não foram analisadas por este trabalho por serem características de qualquer variante falada da língua,

incluindo os próprios dialetos, não sendo, por isso, características distintivas entre eles. As marcas de oralidade serão analisadas somente nas traduções, já que devido à dificuldade em se traduzir um dialeto, as tradutoras optam por compensar o apagamento das marcas dialetais por marcas de oralidade, como será explorado na seção 4.3 adiante.

De acordo com a página *The Internet Movie Database* (disponível em <http://www.imdb.com/name/nm0746830/bio>), a pedido da editora Bloomsbury a autora Joanne Kathleen Rowling precisou publicar o primeiro livro com suas iniciais para evitar que os garotos tivessem qualquer tipo de preconceito em relação a ele. Apesar dessa intervenção da editora, a autora teve relativa liberdade para utilizar um dialeto na fala de um personagem, que foi caracterizado por uma grande variedade e quantidade das marcas dialetais e orais descritas acima. Embora não se possa comparar o original com as traduções por razões óbvias (a autora foi quem criou a obra e, portanto, não teve que se preocupar com a estrutura da língua do original nem com restrições de natureza cultural ou linguísticas, por exemplo), pode-se concluir que o mercado editorial deu certa abertura para que a autora utilizasse marcas não pertencentes à norma padrão, por exemplo.

#### 4.3 ANÁLISE DAS TRADUÇÕES

A proposta desta seção é estudar paralelamente cada recurso utilizado no original e suas traduções para o português europeu e brasileiro observando como cada tradutora lidou com o texto. Para isso, serão utilizadas as mesmas categorias de análise observadas no texto original.

A partir dessa análise contrastiva, poder-se-á corroborar ou refutar uma análise inicial em que a tradução portuguesa é a que apresenta menos características típicas da transposição da variante oral para o meio escrito se contrastada com a tradução brasileira e o original.

O que a análise das traduções visa não é uma análise de correspondências no sentido de a palavra x foi traduzida como y e z, por exemplo, mas sim o estabelecimento de um panorama das marcas de oralidade utilizadas por cada tradutora para verificar quais seus padrões preferenciais recorrentes.

Em relação às categorias de análise do original, as marcas de oralidade encontradas nas traduções brasileira e portuguesa se distribuíram da seguinte forma:

<b>Marcas</b>	<b>Original</b>	<b>Brasil</b>	<b>Portugal</b>
Fenômenos Fonéticos	325	4	337
Grafia representando fonemas	225	0	2
Economia linguística	54	0	0
Contrariedade à norma gramatical padrão	29	2	0
Marcas de oralidade	0	92	45
Futuro perifrástico	0	1	1
<b>Total</b>	<b>628</b>	<b>85</b>	<b>385</b>

**Tabela 10: Tabela contrastiva das marcas dialetais e orais entre o original e as traduções.**

A diferença entre os fenômenos que foram analisados do original desses mesmos fenômenos que aparecem nas traduções é que no original eles compõem, em conjunto, as características do dialeto Somerset. Já na tradução, esses mesmos fenômenos são apenas marcas dialetais, ou seja, seu conjunto não representa nenhum dialeto brasileiro.

#### **4.3.1 Fenômenos fonéticos**

Como já visto neste mesmo capítulo, na seção 4.2.1, os fenômenos fonéticos encontrados no original foram: apócope, síncope, aférese e aglutinação.

Na tradução brasileira esses fenômeno tiveram pouca recorrência, foram 2 ocorrências de apócope e 2 de aglutinação, sendo que a síncope e a aférese nem apareceram. Já a tradutora portuguesa utilizou esses recursos de forma bem mais abundante: foram 116 apócopies, 107 aglutinações, 62 aféreses e 52 síncopes. Porém, o uso dessas marcas não se deu nas mesmas falas do original: como as línguas são muito diferentes, o português tem origem latina e o inglês origem anglo-saxônica, as tradutoras nem sempre tiveram a oportunidade de utilizar os mesmos recursos que a autora no mesmo enunciado. Dessa forma, elas compensaram essa impossibilidade conforme mostram os exemplos abaixo:

---

**Original**

'Now, yer (troca de your por yer) mum an' (apócope) dad were as good a witch **an' (apócope)** wizard as I ever knew. Head Boy **an' (apócope)** Girl at Hogwarts in their day! Suppose the **myst'ry (síncope)** is why You-Know-Who never tried to get **'em (aférese)** on his side before... probably knew they were too close ter (troca de to por ter) Dumbledore ter want any **thin' (apócope)** ter (troca de to por ter) do with the Dark Side. (Hagrid)

**Tradução brasileira**

"**Ora, (interjeição)** sua mãe e seu pai eram os melhores bruxos que eu já conheci. Primeiros alunos em Hogwarts no seu tempo! Suponho que o mistério era por que Você-Sabe-Quem nunca tentou convencer os dois a se aliar a ele antes... provavelmente sabia que eram muito chegados a Dumbledore para querer alguma coisa com o lado das Trevas. (Hagrid)

**Tradução portuguesa**

- **Ora (interjeição)** a tua mãe e o teu pai eram dos melhores mágicos e feiticeiros que eu conheci. O melhor dos rapazes e a melhor das raparigas daquele tempo. Suponho que o mistério está no facto de o Quem nós sabemos nunca ter tentado aliciá-los para o seu lado... talvez soubesse que eles gostavam muito do Dumbledore para quererem fosse o que fosse com o lado negro. (Hagrid)

**Tabela 11: Visualização paralela da tradução de fenômenos fonéticos na fala de Hagrid na direção original traduções.**

---

**Original**

'**Don'(apócope)** you worry, Harry. You'll learn fast enough. Everyone starts at the beginning at Hogwarts, you'll be just fine. Just be yerself. I know it's hard. Yeh've (troca de you por yeh) been singled out, **an' (apócope)** that's always hard. But yeh'll (troca de you por yeh) have a great time at Hogwarts – I did – still do, **'smatter (aférese, aglutinação, grafia representando fonemas)** of fact.' (Hagrid)

**Tradução brasileira**

– Não se preocupe, Harry. Você vai aprender bem depressa. Todos começam pelo começo em Hogwarts, você vai se dar bem. Seja você mesmo. Sei que é difícil. Você vai ser discriminado e isso é muito duro. Mas vai se divertir a valer em Hogwarts. Eu me diverti; e ainda me divirto, para dizer a verdade. (Hagrid)

---

### Tradução portuguesa

Não **'tejas (aférese)** preocupado, Harry. Vais aprender **muit'a (apócope, aglutinação)** depressa. Todos começam do princípio em Hogwarts. Vai correr tudo bem. Só tens de ser tu próprio. Sei que não é fácil. Foste escolhido e isso é sempre difícil mas vais gostar a brava Hogwarts. Eu gostei, **'inda (aférese)** gosto, **p'ra (síncope)** dizer a verdade. (Hagrid)

**Tabela 12 – Visualização paralela da tradução de fenômenos fonéticos na fala de Hagrid na direção original traduções.**

Como demonstram os exemplos, a tradução brasileira marca menos os fenômenos fonológicos que a tradução europeia. No primeiro exemplo, temos só a presença da interjeição nas duas traduções marcando a oralidade, já no segundo temos nenhuma marca de oralidade da tradutora brasileira e marcas fonéticas na tradução portuguesa.

Na visualização do corpus de forma paralela, podemos identificar que o texto brasileiro traduz esses fenômenos fonéticos principalmente através de repetições e interjeições. Já a tradução portuguesa tende a manter os mesmos fenômenos, mesmo que os desloque das palavras do original para outras palavras da tradução.

Além das interjeições mais conhecidas, foram encontrados na tradução do Brasil casos em que palavras com sentido referencial como 'bom', 'olhe' também funcionam como interjeições, como evidenciam os exemplos trazidos abaixo:

<b>Exemplo A</b>
– <b>Bom</b> , (interjeição) se um de vocês vir alguma coisa, me avise, por favor. Vamos indo, (futuro perifrástico) então. (Hagrid)
<b>Exemplo B</b>
– <b>Ah</b> , (interjeição) é você, Ronan – exclamou Hagrid aliviado. – Como vai? (Hagrid)
<b>Exemplo C</b>
– Bastante bem. <b>Olhe</b> , (interjeição) eu estava mesmo perguntando a Ronan, você viu alguma coisa estranha por aqui ultimamente? É que um unicórnio foi ferido. Você sabe alguma coisa? (Hagrid)

As 42 interjeições encontradas no corpus estão divididas em 10 tipos diferentes, listadas abaixo:

Interjeição	Número de ocorrências
Ah	16

Bom	7
Hum	5
Hein	4
Ora	3
Olhe	3
Ei	2
Ai	1
Ei	1

**Tabela 13 – interjeições utilizadas na edição brasileira**

A marca de oralidade mais usada pela tradutora brasileira foram as interjeições. Uma hipótese é de que por ser uma marca dicionarizada, seria melhor aceita pela censura do mercado editorial do que as variantes com síncope, apócope e aféreses, como *s'eu*, por exemplo.

Na tradução portuguesa, a apócope conjugada à aglutinação ocorre em todos os tipos de palavras, tanto em itens lexicais, como em itens gramaticais, como preposições e conjunções, como se pode acompanhar através dos excertos abaixo:

<b>Exemplo A</b>
- Não é possível - respondeu Hagrid, com a voz trémula. - Nada pode interferir <b>c'uma (apócope, alglutinação)</b> vassoura a não ser a poderosa magia das trevas, nenhum garoto era capaz de fazer aquilo a uma Nimbus dois mil. (Hagrid)
<b>Exemplo B</b>
- Tolice - disse Hagrid que não ouvira uma palavra do que se tinha passada nas bancadas. - <b>Porqu'é (apócope, alglutinação) qu'ele (apócope, alglutinação)</b> ia fazer urna coisa dessas? (Hagrid)
<b>Exemplo C</b>
- A biblioteca? - perguntou Hagrid, seguindo-os. - <b>Mesm' (apócope)</b> antes do começo das férias, meio estranho, não acham? (Hagrid)
<b>Exemplo D</b>
- Bem, <b>tenh'andado (apócope, alglutinação)</b> a ler - disse Hagrid, retirando um grande livro debaixo da almofada. - Trouxe este da biblioteca - Criação de dragões para prazer e utilização -, 'tá (aférese) um <b>pouc'ultrapassado (apócope, alglutinação)</b> mas diz aqui tudo. [...] (Hagrid)
<b>Exemplo E</b>
- Shhhhh! (onomatopeia) - voltou a fazer o Hagrid. - Venham mais tarde à minha cabana. Não prometo dizer-vos nada mas não andem <b>prà'qui (síncope, aférese, alglutinação)</b> a espiolar. Não é suposto

os estudantes saberem disto. (Hagrid)
<b>Exemplo F</b>
- Alguns dizem que morreu. Balelas, na minha opinião. Não sei se tinha alguma coisa de humano que pudesse morrer. Outros acham <b>qu'inda (apócope, aférese, aglutinação)</b> anda por aí mas eu não acredito. Os que estavam do lado dele regressaram ao nosso. Alguns saíram de grandes perturbações e transe. Não sabemos o que fariam se ele regressasse. (Hagrid)

No **exemplo A** temos a ocorrência mais típica de apócope com aglutinação, a qual ocorre entre uma preposição e um artigo; no **exemplo B** temos o caso da aglutinação entre conjunções e artigos, o segundo evento mais encontrado de *apócope+aglutinação* encontrado durante a análise; no **exemplo C** temos a apócope em um item lexical que ocorre sem se conjugar a nenhum outro fenômeno – em todas as falas do personagem somente seis casos de apócope isolada foram encontrados; no **exemplo D** temos também uma ocorrência não muito comum, a qual consiste na aglutinação, no primeiro caso, de dois verbos e, no segundo caso, de dois substantivos; e o **exemplo E** temos a ocorrência única dos fenômenos de *síncope+aférese+aglutinação* que ocorrem simultaneamente; e, finalmente, **no exemplo F** temos mais três fenômenos que se aglutinam – apócope, aférese e aglutinação. A aglutinação é a única marca que não ocorre isoladamente, ela sempre acompanha algum outro fenômeno. o fenômeno mais frequente da síncope acontece muito frequentemente em preposições. Há poucos casos de ocorrência de síncope em itens lexicais. Essa marca ocorre mais frequentemente nas preposições *para a* que se torna *p'ra* ou *pra* e *para o* que se transforma em *pro*. Ora essa síncope é marcada por apóstrofe na junção de *para a*, ora não. O mesmo fenômeno, no entanto, não ocorre em *para o*. A tradutora parece não ter seguido nenhum critério para assinalar ou não a síncope.

<b>Exemplo</b>
- Sim, ele é meu, comprei-o a um finória grega que conheci num bar o ano passada e emprestei-a ao Dumbledore <b>p'ra (síncope)</b> guardar o... (interrupção na fala) (Hagrid)

Já a aférese é um fenômeno que geralmente isolado, sem se conjugar a outro fenômeno e às vezes é sinalizado pela presença de uma apóstrofe, mas nem sempre essa marcação aparece, como mostram os exemplo abaixo:

<b>Exemplo</b>
- <b>'Tou (aférese)</b> a dizer-te que <b>'tás (aférese)</b> enganada! - disse o

Hagrid com vivacidade. - Não sei porq'é (apócope, aglutinação) que a vassoura da Harry fez aquilo mas o Snape não ia tentar matar um aluno. E vocês, ouçam bem o qu'eu (apócope, aglutinação) digo - ' <b>tão (aférese)</b> a meter-se em coisas que não são da vossa canta. Isso pode ser perigoso. Esqueçam aquele cão e esqueçam o qu'ele (apócope, aglutinação) ' <b>tá (aférese)</b> a guardar. Isso é entre o professor Dumbledare e Nicolas Flamel... (Hagrid)
<b>Exemplo B</b>
Outros acham <b>qu'inda (apócope, aférese, aglutinação)</b> anda por aí mas eu não acredito. Os que estavam do lado dele regressaram ao nosso.
<b>Exemplo C</b>
' <b>Té (aférese)</b> breve, Harry. (Hagrid)

Ela ocorre principalmente com verbos (na maioria das vezes com estar e suas flexões e em alguns casos com ser), como temos no **exemplo A**; entre conjunções e advérbios (em particular com *ainda*), como é o caso do **exemplo B**; e preposições, como mostra o **exemplo C**.

#### 4.3.2 Grafia representando fonemas

Esta foi a marca dialetal menos traduzida pelas tradutoras. Quando a autora apresenta um fenômeno de grafia representando fonema, as duas tradutoras optaram por traduzi-los compensando sua ausência com marcas de oralidade através de seus “padrões de comportamento linguístico preferenciais ou recorrentes” (BAKER, 2000, p.245), qual seja, as interjeições para a tradutora brasileira – mas essa interjeição já estava no original – e as marcas fonéticas de apócope e aglutinação para a tradutora portuguesa, além da tradução da interjeição contida no original.

Original
Well, I've <b>bin (grafia representando fonemas)</b> doin' (apócope ) some readin',' (apócope) [...]
Tradução Brasileira
– <b>Bom, (interjeição)</b> andei lendo um pouco [...]
Tradução Portuguesa
- <b>Bem, (interjeição)</b> <b>tenh'andado (apócope, aglutinação)</b> a ler [...]

Tabela 12: Visualização paralela da tradução da representação gráfica de fonemas na fala de Hagrid na direção original traduções.

A tradutora brasileira simplesmente não apresenta nenhuma ocorrência do fenômeno de grafia representando fonemas e a tradutora portuguesa só traz um exemplo e nenhum deles ocorre paralelamente com o original:

<b>Original</b>
'S-s-sorry,' (repetição) sobbed Hagrid, taking out a large spotted handkerchief and burying his face in it. 'But I c-c-can't (repetição) stand it – Lily an' (apócope) James dead – an' (apócope) poor little Harry off ter (troca de your por yer) live with Muggles –' (Hagrid)
<b>Tradução Brasileira</b>
– Des-des-desculpe – (Repetição) soluçou Hagrid, puxando um enorme lenço sujo e escondendo a cara nele. – Mas nã-nã-não (repetição) consigo suportar, Lílian e Tiago mortos, e o coitadinho do Harry ter de viver com os trouxas... (Hagrid)
<b>Tradução Portuguesa</b>
- Deeeesculpem (prolongamento de fonema) -, soluçou Hagrid, pegando num enorme lenço de assoar onde enterrou toda a cara – mas não consigo evitar...

**Tabela 14 – Visualização paralela da tradução da representação gráfica de fonemas na fala de Hagrid na direção original traduções.**

No caso em que a tradução portuguesa apresenta uma tentativa de representação gráfica de um fonema, na verdade, ela apresenta-a como tradução de uma marca de **oralidade** do original, e não uma marca **dialetal**.

Assim, pode-se concluir que as tradutoras brasileira e portuguesa traduziram as marcas gráficas representativas de fonemas através de marcas de oralidade e fonéticas, respectivamente, praticamente apagando a grafia representando fonemas.

### 4.3.3 Economia Linguística

Como visto na seção 4.2.3, foram encontradas na fala de Hagrid 54 casos de economia linguística, a maioria deles através da categoria de sujeito nulo. Nas traduções para o português, não foi identificado nenhum recurso de economia linguística. As duas traduções apresentaram a tendência de ocultar ou indeterminar o sujeito nos casos em que no original havia uma ocorrência de sujeito nulo. Como as

estruturas das línguas são diferentes e o português não **exige** a presença de verbos auxiliares para interrogações e negações, por exemplo, casos de economia linguística por omissão de verbos também não foram encontrados.

<b>Original</b>
' <b>Couldn't (sujeito nulo - economia linguística)</b> make us a cup o ' (apócope) tea , could yeh (troca de you por yeh) ? It's not been an easy journey ... ' (Hagrid)
<b>Tradução Brasileira</b>
– <b>Não poderia (sujeito indeterminado)</b> preparar uma xícara de chá para nós, poderia? (repetição) Não foi uma viagem fácil... (Hagrid)
<b>Tradução Portuguesa</b>
<b>Poderiam (sujeito indeterminado)</b> oferecer-me uma chávena de chá. Não foi uma viagem fácil... (Hagrid)

**Tabela14: Visualização paralela da tradução de sujeito nulo na fala de Hagrid na direção original traduções.**

<b>Original</b>
Look, I've jus' (apócope) bin (grafia representando fonemas) askin' (apócope) Ronan, <b>you seen (omissão de verbo auxiliar- economia linguística)</b> anythin' (apócope) odd in here lately?
<b>Tradução Brasileira</b>
Olhe, (interjeição) eu estava mesmo perguntando a Ronan, <b> você viu</b> alguma coisa estranha por aqui ultimamente?
<b>Tradução Portuguesa</b>
Olha, (interjeição) eu 'tava (aférese) a perguntar ao Ronan se <b> vocês viram</b> alguma coisa estranha por estas bandas?

**Tabela 15 – Visualização paralela da tradução de omissão de verbo auxiliar na fala de Hagrid na direção original traduções.**

Conclui-se, a partir do que foi observado no corpus, que as traduções brasileira e portuguesa não apresentaram os mesmos recursos de economia linguística do original provavelmente devido às diferenças estruturais entre as línguas. Como resultado dessas diferenças, as tradutoras apagaram esse fenômeno no texto traduzido.

#### 4.3.4 Contrariedade à norma gramatical padrão

Na maioria dos casos em que o original apresentou alguma contrariedade à norma gramatical padrão, as tradutoras apagaram essa marca, como mostra a tabela abaixo:

<b>Original</b>
All anyone knows is, he turned up in the village where <b>you was (contrariedade à norma gramatical padrão)</b> all living, on Hallowe'en ten years ago. <b>You was (contrariedade à norma gramatical padrão)</b> just a year old.
<b>Tradução Brasileira</b>
Só o que sabemos é que ele apareceu na vila em que vocês estavam morando, num dia das bruxas, faz dez anos. Na época você só tinha um ano de idade.
<b>Tradução Portuguesa</b>
O que se sabe é que ele chegou à cidade onde vocês viviam no dia de Hallowe'en, há dez anos e... (interrupção na fala) (Hagrid)

**Tabela 16 – Visualização paralela da tradução de contrariedades à norma gramatical padrão na fala de Hagrid na direção original traduções.**

Curiosamente em relação ao que foi apresentado até agora, a tradução brasileira, que apresentou menos marcas de oralidade e marcas mais próximas da variedade padrão, foi a única a apresentar contrariedade à norma gramatical padrão. Foram apenas duas ocorrências:

<b>Original</b>
' <b>Call me</b> Hagrid,' he said, 'everyone does. An' (apócope) like I told yeh (troca de you por yeh), I'm Keeper of Keys at Hogwarts -yeh'll (troca de your por yeh) know all about Hogwarts, o' course. (apócope)' (Hagrid)
' – <b>tell</b> (sujeito nulo - economia linguística) yer (troca de you por yer) that's how it is at Hogwarts.'
<b>Tradução Brasileira</b>
– <b>Me (próclise - contrariedade à norma gramatical padrão)</b> chame de Rúbeo, é como todos me chamam. E como lhe disse, sou o guardião das chaves de Hogwarts, você sabe tudo sobre Hogwarts, é claro. (Hagrid)
– <b>...lhe dirá (interrupção na fala, contrariedade à norma</b>

**gramatical padrão)** que em Hogwarts é assim – rosou Hagrid.

### **Tradução Portuguesa**

- **Chama-me Hagrid** - disse. - É como todos me chamam. E como já te disse sou o guarda das chaves em Hogwarts: certamente sabes o que é Hogwarts. (Hagrid)

- **Olha rapaz**, em Hogwarts é assim - grunhiu Hagrid.

**Tabela16: Visualização paralela da tradução de contrariedades à norma gramatical padrão na fala de Hagrid na direção original traduções.**

Como mostram os exemplos, essas duas ocorrências de contrariedade não são coincidentes com o original.

Um dos motivos pelos quais as tradutoras podem ter sido levadas a apagarem as contrariedades à norma gramatical padrão é a idade de seu público leitor, que ainda se encontra na fase de escolarização e poderia não entender a proposta de variação linguística da fala do personagem. Além disso, os pais e a escola poderiam censurar o livro por entender que essas marcas seriam uma ameaça à tudo que a escola tentar ensinar. Com todos esses fatores, além das regras do mercado editorial, as tradutoras podem ter se visto obrigadas a apagar as contrariedades à norma padrão. A tradutora brasileira, entretanto, pode ter se beneficiado do uso da posição proclítica do pronome oblíquo átono no início de frases no discurso falado do Brasil e utilizado o recurso para tentar marcar, mesmo que de maneira tênue, as contrariedades à norma gramatical padrão trazidas pelo original.

[o uso da ênclise] difere apreciavelmente da atual colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica.

Em Portugal, esses pronomes se tornaram extremamente átonos, em virtude do relaxamento e enurdecimento de sua vogal. Já no Brasil, embora os chamemos átonos, são eles, em verdade, semitônicos. E essa maior nitidez de pronúncia, aliada a particularidades de entoação e a outros fatores (de ordem lógica, psicológica, estética, histórica, etc.), possibilita-lhes uma grande variabilidade de posição na frase, que contrasta com a colocação mais rígida que têm no português europeu. [...]

Dentre essas regras arbitrárias e dogmáticas, a mais conhecida (e, também, **a mais infringida no falar**

**normal do Brasil) é a que nos obriga a não começar frases com pronomes átonos.**

Como relação à condenada próclise do pronome átono ao verbo principal de locuções verbais, convém meditar nestas agudas observações do professor Martinz de Aguiar:

“Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, **literária** no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem* para adicioná-lo ao verbo *ver [...]*” (CUNHA, 1984, p. 312, itálico do autor, negrito meu)

Como visto no excerto retirado de Cunha (1984), o português do Brasil dá a possibilidade de próclise no início de frases no discurso oral, mas o português europeu não. Talvez esse seja o motivo de a tradução portuguesa ter apagado completamente as contrariedades à norma padrão e o português brasileiro ter consigo manter pelo menos duas ocorrências desse fenômeno.

À parte desses dois exemplos de próclise em início de frase considerada uma contrariedade à norma gramatical padrão, mas utilizada no falar brasileiro, a tradução brasileira apresentou uma característica bastante distinta que chamou atenção em relação ao original e à tradução portuguesa: ela apresenta marcas da **variante escrita dentro da fala** do personagem Hagrid. Os dois itens que particularmente chamam atenção são o uso de ênclise e o uso do pronome oblíquo átono em que a variante oral usa o pronome reto.

Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito freqüente (sic) o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objetos diretos de frases [...] Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta nos trovadores portugueses dos séculos XIII e XIV, deve ser hoje evitada. (CUNHA, 1984, p.290, grifo do autor).

Em alguns casos, o uso de pronome oblíquo átono em posição enclítica não é considerado como marca típica do discurso escrito, pois se fosse usado o pronome reto, sua posição em relação ao verbo seria postposto a esse. Esse é o caso do **exemplo A**, a seguir:

<b>Exemplo A</b>
Fiquem na trilha, volto para apanhá-los! (ênclise, uso de pronome oblíquo átono) (Hagrid)
Fiquem na trilha, volto para apanhar <b>vocês!</b>

Mesmo se o personagem tivesse substituído o pronome oblíquo *os* pelo pronome de tratamento *vocês*, o pronome, nos dois casos viria depois do verbo *matar*.

Há alguns casos, como no **exemplo C** abaixo, que a variante oral também teria a opção de apagar o pronome.

<b>Exemplo C</b>
Ninguém nunca sobreviveu depois que ele decidia <b>matá-lo</b> , ( <b>uso do pronome oblíquo átono</b> ) ninguém a não ser você, e ele já havia matado alguns dos melhores bruxos da época, os McKinnon, os Bone, os Priuet, e você era apenas um bebê, e sobreviveu."
Ninguém nunca sobreviveu depois que ele decidia <b>matar</b> ninguém a não ser você, e ele já havia matado alguns dos melhores bruxos da época, os McKinnon, os Bone, os Priuet, e você era apenas um bebê, e sobreviveu."

De acordo com Cunha (1984), podemos concluir, então, que o uso de ênclise no Brasil se caracteriza como **literária**, em vez de cotidiana, o que corrobora a marca da escrita na fala do personagem. E que, apesar de “dever ser evitada” o uso do pronome *ele/ela* na posição de objeto no falar vulgar familiar do Brasil é comum, mas o que se verifica no texto traduzido para o português do Brasil a fala de Hagrid traz o **uso padrão** no pronome oblíquo átono no lugar de objeto.

Sobre o uso de pronomes oblíquos átonos, como o caso do pronome *lhe*, Piacentini (2008, fonte on-line, grifo meu) diz o seguinte: “Na fala brasileira de todo dia **pouco se ouvem tais pronomes oblíquos**. Contudo, em textos bem elaborados, em que se pode planejar a **escrita**, deve-se fazer uso do LHE e do O/A como ensinado.” Ou seja, vemos na tradução brasileira outra marca típica da escrita, indo de encontro com as marcas de oralidade.

#### **4.3.5 Fenômenos exclusivos do texto traduzido: Marcas de oralidade e futuro perifrástico**

No original, apesar da existência de várias marcas de oralidade, elas não foram analisadas, pois a proposta desta pesquisa é investigar como as **marcas dialetais** foram traduzidas para o português. Porém, devido à dificuldade em se traduzir um dialeto fonte por outro dialeto na língua alvo, as tradutoras brasileira e europeia marcaram a **oralidade**. Por isso, então, que serão observadas as marcas dialetais da tradução, apesar de elas não terem sido analisadas no texto original.

Foram consideradas marcas de oralidade as interjeições, repetições e onomatopeias. A tradução brasileira apresentou 92 marcas de oralidade divididas em 42 interjeições (fenômeno que mais teve ocorrências), 37 repetições, 11 interrupções na fala e 2 onomatopeias. A tradução portuguesa apresentou 45 marcas de oralidade distribuídas em 25 interjeições, 17 repetições, 9 interrupções na fala e 3 onomatopeias.

Na tradução brasileira, além das interjeições mais conhecidas, foram encontrados casos em que palavras com sentido referencial como ‘bom’, ‘olhe’ também funcionam como interjeições, como evidenciam os exemplos trazidos abaixo:

<b>Exemplo A</b>
– <b>Bom</b> , (interjeição) se um de vocês vir alguma coisa, me avise, por favor. Vamos indo, (futuro perifrástico) então. (Hagrid)
<b>Exemplo B</b>
– <b>Ah</b> , (interjeição) é você, Ronan – exclamou Hagrid aliviado. – Como vai? (Hagrid)
<b>Exemplo C</b>
– Bastante bem. <b>Olhe</b> , (interjeição) eu estava mesmo perguntando a Ronan, você viu alguma coisa estranha por aqui ultimamente? É que um unicórnio foi ferido. Você sabe alguma coisa? (Hagrid)

As 42 interjeições encontradas no corpus estão divididas em 10 tipos diferentes, listadas abaixo:

<b>Interjeição</b>	<b>Número de ocorrências</b>
Ah	16
Bom	7
Hum	5
Hein	4
Ora	3
Olhe	3
Ei	2
Ai	1
Ei	1

**Tabela 17 – interjeições utilizadas na tradução brasileira**

Houve, assim como na análise das falas do original, uma separação entre interjeições e onomatopéias, sendo estas diferenciadas daquelas por representarem a **imitação de sons**. Os dois únicos casos de onomatopeia encontrado em todo texto seguem abaixo:

<b>Onomatopeia</b>	<b>Ocorrência</b>
--------------------	-------------------

Chhhi!	1
--------	---

**Tabela 18 – onomatopéias encontradas na tradução brasileira**

Em relação ao original, a tradutora brasileira utilizou-se muito mais de interjeições do que a autora: foram 38% da tradução brasileira contra 3% no original. Uma hipótese é de que por ser uma marca dicionarizada, seria melhor aceita pela censura do mercado editorial do que as variantes com síncope, apóopes e aféreses, como *s'eu*, por exemplo. Quanto às onomatopéias, sua representatividade, assim como no original, é baixa. No que diz respeito a esse uso, acho que o contexto não exigiu o uso de onomatopéias e não houve nenhum tipo de impedimento em seu uso tanto no original como nas traduções.

Já na tradução europeia, ao contrário da edição brasileira, o uso de interjeições não foi muito representativa (38% contra 6%), porém se aproximou do uso desse fenômeno no texto original (cerca de 5%). As interjeições mais utilizadas foram:

Interjeições	Ocorrências
Ah	8
Ná/ Nah	6
Hein	5
Olha	3
Er...	3

**Tabela 19 – Interjeições presentes na tradução europeia**

e as duas únicas onomatopéias encontradas foram:

Onomatopeia	Ocorrência
Shhh!	2
- Aaargh!	1

**Tabela 20 – Onomatopéias presentes na tradução europeia**

Pela maior variedade e número das ocorrências de marcas dialetais portuguesa, a impressão que se tem é que o mercado editorial desse país é mais aberto a essas intervenções do discurso oral *não-padrão* propostas pela tradutora.

Como se percebe, a tradutora brasileira, ao mesmo tempo em que apresentou marcas de oralidade, como interjeições e repetições, marcou também de maneira bem típica o registro escrito.

Outra marca de oralidade presente nas traduções é a interrupção na fala do personagem. São 11 ocorrências desse fenômeno na tradução brasileira e 9 na tradução portuguesa. Essa interrupção sempre é

marcada por reticências, porém, nem todas as ocorrências de reticências são consideradas interrupções na fala. Em vários casos as reticências indicam que a fala do personagem está veiculada a algum elemento dêitico, ou vai ser completada pela fala de outro personagem ou pela fala do próprio personagem. Por uma interrupção na fala entende-se uma frase que não veicula uma ideia completa, uma frase interrompida. Há casos que, embora terminada por reticências, o trecho pontuado traz uma ideia completa. Os exemplos abaixo ilustram como se dão os usos de reticências, nas intervenções que marcam e não marcam a interrupção da fala na tentativa de mostrar o padrão de uso investigado por este estudo.

<b>Exemplo A</b>
- Não é possível - respondeu Hagrid, com a voz trémula. - Nada pode interferir <b>c'uma (apócope, algutinação)</b> vassoura a não ser a poderosa magia das trevas, nenhum garoto era capaz de fazer aquilo a uma Nimbus dois mil. (Hagrid)
<b>Exemplo B</b>
- Tolice - disse Hagrid que não ouvira uma palavra do que se tinha passada nas bancadas. - <b>Porqu'é (apócope, algutinação) qu'ele (apócope, algutinação)</b> ia fazer urna coisa dessas? (Hagrid)
<b>Exemplo C</b>
- A biblioteca? - perguntou Hagrid, seguindo-os. - <b>Mesm' (apócope)</b> antes do começo das férias, meio estranho, não acham? (Hagrid)
<b>Exemplo D</b>
- Bem, <b>tenh'andado (apócope, aglutinação)</b> a ler - disse Hagrid, retirando um grande livro debaixo da almofada. - Trouxe este da biblioteca - Criação de dragões para prazer e utilização -, 'tá (aférese) um <b>pouc'ultrapassado (apócope, aglutinação)</b> mas diz aqui tudo. [...] (Hagrid)
<b>Exemplo E</b>
- Shhhhh! (onomatopeia) - voltou a fazer o Hagrid. - Venham mais tarde à minha cabana. Não prometo dizer-vos nada mas não andem <b>prà'qui (síncope, aférese, aglutinação)</b> a espiolar. Não é suposto os estudantes saberem disto. (Hagrid)
<b>Exemplo F</b>
- Alguns dizem que morreu. Balelas, na minha opinião. Não sei se tinha alguma coisa de humano que pudesse morrer. Outros acham <b>qu'inda (apócope, aférese, aglutinação)</b> anda por aí mas eu não acredito. Os que estavam do lado dele regressaram ao nosso. Alguns

saíram de grandes perturbações e transe. Não sabemos o que fariam se ele regressasse. (Hagrid)

No **exemplo A**, a autora marcou a interrupção na fala do personagem com um travessão e as tradutoras marcaram-na através do uso de reticências; no **exemplo B** a autora utilizou reticências, mas não para marcar a interrupção da fala do personagem, já que a ideia veiculada pela frase está completa, prova disso é que na tradução portuguesa esse mesmo enunciado é marcado por ponto final. Já a tradução brasileira usa a mesma estratégia utilizada no original. No **exemplo C**, o original apresenta, mais uma vez, travessões indicando a uma pausa na fala que será completada pelo próprio personagem, resultando no final uma sentença que veicula uma ideia completa. A tradutora brasileira fez a marcação dessas pausas através de reticências e a tradutora portuguesa apagou essas pausas. E, finalmente, no **exemplo E** o original usa mais uma vez um travessão para indicar que o enunciado produzido pelo personagem é continuação de uma ideia veiculada pelo enunciado iniciado por outro indivíduo. A tradução brasileira, por sua vez, marca essa interrupção por reticências e a tradução portuguesa mais uma vez apaga essas marcas.

Observou-se que o recurso de interrupção de fala é indicado, principalmente, no original através de um travessão (4 ocorrências) ou de reticências (3 ocorrências), que a tradução brasileira traz essa marcação de interrupção somente através de reticências e que a tradução europeia algumas vezes, como observado nos exemplos, apaga essas marcas de interrupção. Porém, como a tradução portuguesa apresenta numericamente quase o mesmo número de ocorrências do original e da tradução brasileira? Na verdade a tradutora europeia marca a interrupção na fala no português em que no original, por questões de estrutura linguística, apresentam uma ideia completa, além de inserir casos de interrupção não existentes no original.

indica que a fala do personagem é a continuação da fala de outro personagem. Por isso, as ocorrências de interrupção de fala não coincidem necessariamente com todas as aparições de reticências. Mais uma vez é importante salientar que a tradutora acompanha as escolhas da autora: só há um caso em que a autora usa o recurso e a tradutora não:

**Exemplo A**

'Took ( sujeito nulo - economia linguística ) yeh ( troca de you por yeh ) from the ruined house myself , on Dumbledore's orders .

Brought yeh ( troca de you por yeh ) ter ( troca de to por ter ) this lot ... ' (interrupção na fala) (Hagrid )
<b>Exemplo B</b>
– Eu mesmo o ( uso de pronome oblíquo , próclise ) retirei da casa destruída , por ordem de Dumbledore . Trouxe você para essa gente ... ( Hagrid )

Logo, podemos concluir que assim como no fenômeno de caixa alta, a tradutora brasileira acompanhou em sua tradução a escolha da autora.

E, para finalizar a análise dos dados encontrados nas traduções, cada um dos textos traduzidos apresentou um exemplo de futuro perifrástico:

<b>Original</b>
'Well, if either of you do see any thin', (apócope) let me know, won't yeh? (troca de you por yeh) <b>We'll be off</b> , then.' (Hagrid)
<b>Tradução Brasileira</b>
– Bom, (interjeição) se um de vocês vir alguma coisa, me avise, por favor. <b>Vamos indo</b> , (futuro perifrástico) então. (Hagrid)
<b>Tradução Portuguesa</b>
- Já reparámos - disse Hagrid de mau humor. - Bem, se algum de vocês vir alguma coisa agradeço que me digam. Nós <b>vamos andando</b> . (Hagrid)

**Tabela 21 – Visualização paralela da marca de oralidade no futuro perifrástico na fala de Hagrid na direção original traduções.**

Por questões estruturais de cada língua, embora a língua inglesa apresente locuções verbais do tipo *keep going* elas não são consideradas uma forma de futuro perifrástico pois não há outra forma na língua que exprima esse mesmo tempo verbal, como acontece em português. Na língua portuguesa o futuro perifrástico é uma variante da forma de futuro simples na qual o falante substitui a forma *irei*, por exemplo, pelo auxiliar *ir* no presente do indicativo mais o verbo principal na forma infinitiva: *vou ir*.

O uso de futuro perifrástico na fala do personagem pode ser caracterizado com um exemplo de “intervenção (BAKER, 2000).

#### 4.3.5 DISCUSSÃO DOS DADOS

A hipótese inicial de natureza descritiva, explicativa e previsiva que dizia que a tradutora portuguesa marcaria menos ou simplesmente

apagaria os traços dialetais utilizados pela autora em relação à tradutora brasileira foi refutada pela análise de dados. Conforme os dados encontrados, a tradutora portuguesa marcou muito mais a oralidade (385 ocorrências) em relação à tradutora brasileira (85 ocorrências), embora nenhuma delas tenha optado por utilizar marcas dialetais da língua alvo.

Concluiu-se que em tanto no original quanto na tradução portuguesa os fenômenos que mais se destacam por sua representatividade foram os de natureza fonética. Já na tradução brasileira, os fenômenos que mais se destacaram foram as marcas de oralidade. Na tradução para o português europeu e no original em inglês pudemos ver a coincidência na utilização do recurso fonético da apócope – queda de fonema no final da palavra – como uma das marcas mais utilizadas, no original marcando o dialeto e na tradução marcando a oralidade. É importante ter em mente que os números apresentados aqui não são absolutos e servem apenas para apoiar a análise qualitativa desenvolvida. Como a língua é dinâmica, não é possível querer quantificá-la de forma exata ou absoluta.

De acordo com os dados encontrados, a tradutora brasileira compensou as marcas dialetais, presentes na fala do personagem no texto original, predominantemente através das marcas de oralidade de interjeições e repetições. Já a tradutora portuguesa as compensou através de marcas dialetais de fenômenos fonéticos – lembrando aqui que os fenômenos fonéticos fazem parte do conjunto de características que compõem o dialeto de Hagrid no original, mas que na tradução não fazem parte de nenhum dialeto específico, por isso chamados aqui de marcas de oralidade. Observou-se também que as diferenças entre a estrutura da língua do texto-fonte e do texto-alvo também influenciaram na tradução, já que nem sempre foi possível aplicar um mesmo recurso em uma mesma situação, caso em que as tradutoras compensaram com o mesmo recurso ou um recurso diferente quando e onde a língua alvo permitiu. Verificou-se ainda que, apesar de se tratarem de duas traduções de um mesmo original para a língua portuguesa, existem algumas diferenças, como as assinaladas por Cunha (1984), entre a língua usada no Brasil e em Portugal, além das diferenças sócio-culturais, que influenciaram nas diferenças tradutórias encontradas durante a análise.

Embora tenham sido mostrados original e tradução durante a exemplificação dos fenômenos encontrados na tradução da fala do personagem, não é o objetivo aqui analisar a tradução de palavra por palavra ou procurar estruturas na tradução que sejam correspondentes a estruturas do original, mesmo porque há processos de compensação

tanto na tradução brasileira quanto na portuguesa e omissões, por exemplo.

O padrão preferencial recorrente da tradutora portuguesa – o uso de marcas fonéticas na escrita – poderia ter causado um grande impacto no público leitor pelo risco de interferir na leitura do texto e uma censura por parte das instituições que regulam o mercado editorial da literatura infanto-juvenil (os pais e a escola) já que essas poderiam considerar essas marcas como transgressoras da escolaridade. Porém, como texto foi publicado dessa forma, pode-se interpretar que essas escolhas da tradutora foram bem aceitas em seu país. O mesmo pode não ser verdade para a tradutora brasileira, que demonstrou um padrão preferencial recorrente por marcas de natureza linguística, mas marcas diferentes, menos típicas da oralidade (a repetição e as interjeições são mais facilmente vistas – até mesmo em livros didáticos – e aceitas no texto escrito do que as aglutinações, as apócopies, as sínopes e as aféreses, por exemplo).

Assim como aconteceu no original, a tradutora portuguesa não parece ter seguido nenhum padrão na hora de distribuir as marcas de oralidade escolhidas por ela, isso porque no texto uma palavra pode aparecer ora marcada por algum traço de oralidade, ora sob sua forma escrita comum, como é o caso da preposição + artigo ‘para a’ que aparece como *para a*, *pra*, *p’ra* e *prà*. Assim como a autora do livro, a tradutora parece não ter se preocupado em demonstrar padrões linguísticos exatos, mas apenas dar ao seu leitor a ideia de um discurso oral diferenciados do dos demais personagens.

O que faz com que as marcas do original sejam consideradas marcas dialetais é o fato de um conjunto de pessoas em particular residente na região sudoeste da Inglaterra apresentem falas com características semelhantes entre si (em maior ou menor grau, lembrando que o estudo de dialetos não é uma ciência exata que traça linhas absolutas dividindo os dialetos), uma comunidade de falantes<sup>102</sup> (SPOLSKY, 1998). Diferentemente, as traduções apresentam marcas de oralidade, pois as marcas apresentadas não representam uma

---

<sup>102</sup> For sociolinguistics, the speech community is a complex interlocking network of communication whose members share knowledge about attitudes towards the language use patterns of others as well as themselves. There is no theoretical limitation on the location and size of a speech community, which is in practice defined by its sharing a set of language varieties (its repertoire) and a set of norms for using them.

comunidade de falantes, ou seja, são comuns a várias comunidades de falantes<sup>103</sup> não sendo uma variante típica de nenhuma delas.

Depois de analisar os dados encontrados, percebeu-se que há a diferença não só no que diz respeito à marcação da oralidade, mas também no registro utilizado, principalmente no utilizado pela tradutora brasileira. Enquanto a autora e a tradutora portuguesa optam por uma variante mais próxima da oral, que realmente tente mostrar que a oralidade está sendo representada através do meio escrito, a tradutora brasileira percorre o caminho inverso: ela utiliza-se de uma variante pertencente ao modo escrito – prova disso são as marcas claramente estranhas à variante oral como o uso de pronomes oblíquos enclíticos no português do Brasil – com alguns detalhes que lembrem que o discurso pertence à variante oral.

Foram 772 marcas divididas em 19 categorias. Essa maior facilidade em tentar representar no papel marcas do discurso oral se deu (i) ao fato de J. K. Rowling ser a criadora da obra e tentar reproduzir características de um dialeto existente na língua fonte, (ii) a não existirem fatores linguísticos e culturais que pudessem limitar a criação dessas marcas e (iii) por não haver a veiculação a uma obra criada por outra pessoa. Fatores como um mercado editorial mais aberto e a inexistência de um prazo a ser cumprido – pelo menos em relação ao primeiro livro da série Harry Potter – também contribuíram e muito no que diz respeito a criação da fala do personagem.

As marcas que podem ser consideradas como “padrões preferenciais” da autora foram a apócope e troca de *your* por *yer* que obtiveram uma representatividade maior a 15% no total de marcas do discurso oral.

A suspeita inicial deste trabalho é que a tradução europeia marcaria menos a oralidade já que Portugal é a pátria-mãe da língua portuguesa. O que se verificou foi justamente o contrário: a tradutora portuguesa produziu 398 marcas de oralidade e a brasileira apenas 85. A tradução europeia, quanto às marcas na fala do personagem, conseguiu se aproximar mais do original, embora as marcas tenham sido utilizadas de maneiras diferentes já que a língua é bastante distinta: as marcas de oralidade mais frequentes em ambos os textos foi a apócope. Porém, essa foi a única semelhança.

---

<sup>103</sup> De acordo com Spolsky (1998, p.24, tradução minha), para os sociolinguistas a **comunidade de falantes** é uma rede complexa e interligada de comunicação cujos membros dividem conhecimento sobre e atitudes em relação ao uso das estruturas da língua feitos por outros usuários assim como por si mesmos.

Não há como saber, através desta pesquisa proposta, qual a percentagem de decisões conscientes e inconscientes das tradutoras, porém chega-se a uma conclusão: nenhuma escolha foi fortuita. Conscientemente ou inconscientemente, as escolhas das tradutoras é pautada por um mercado editorial regulador, pelas limitações causadas pelo texto-fonte e pelas regras que regulam a atividade profissional de tradutor em cada país.

## CAPÍTULO CINCO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta pesquisa, o objetivo principal era observar como duas tradutoras de língua portuguesa haviam lidado, com a fala do personagem Rubeus Hagrid no livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* – o primeiro livro da série *Harry Potter* – da autora britânica J. K. Rowling. Essa fala, no original, é marcada por um dialeto originário da região sudoeste da Inglaterra. A pergunta de pesquisa que guiava este estudo era: como traduzir o dialeto de um personagem dentro de uma obra de **literatura infanto-juvenil**? A hipótese inicial levantada por este trabalho foi que nenhuma das duas tradutoras, nem a brasileira, nem a portuguesa, marcariam traços **dialetais**, utilizando a estratégia que Krings (1986) denomina redução, mas tentariam compensar essa limitação por uma marcação de traços de **oralidade**. A hipótese também era de que as tradutoras marcariam menos ou simplesmente apagariam os traços dialetais utilizados pela autora e que qualquer tentativa que desviasse muito da norma-padrão seria censurada pelo mercado editorial, o qual é pressionado por outras instituições, como os pais e a escola.

O capítulo 1 deste trabalho, **Introdução**, se dedicou a fazer uma introdução ao leitor do estudo de caso proposto por essa pesquisa fornecendo as justificadas que fundaram o desenvolvimento deste trabalho e a apresentação da organização deste trabalho.

O capítulo 2, **Revisão da Literatura**, apresentou o arcabouço teórico e metodológico que informou este trabalho além de trazer um breve histórico das pesquisas brasileiras realizados em Estudos da Tradução de Literatura Infanto-Juvenil e da prática de tradução de dialetos no Brasil. Além disso, delineou a distinção fundamental, sobre a qual este trabalho se estruturou, entre marcas dialetais e orais trazendo como base conceitos de Halliday (1978).

O capítulo 3, **Metodologia**, informou ao leitor a metodologia de análise e os procedimentos utilizados para analisar os dados encontrados no corpus da pesquisa, além de estabelecer, organizar e trazer definições das categorias utilizadas para a análise dos dados encontrados.

O capítulo 4, **Análise de Dados**, tratou da análise em si dos dados encontrados no corpus organizando-as em subseções – a análise do texto original e a análise das traduções (subdivididas em análise da tradução brasileira e análise da tradução portuguesa) – para melhor acompanhamento do leitor.

O capítulo 5, **Considerações Finais**, traz um breve apanhado do que foi realizado ao longo deste trabalho além de apresentar algumas conclusões e de sugestões para pesquisas futuras.

O que se verificou, na verdade, é que realmente ambas as tradutoras apagaram marcas dialetais devido à dificuldade de se reproduzir o conjunto de variáveis específicas que compõe um dialeto na cultura da língua de origem na cultura de chegada. Uma tentativa de substituição de um dialeto da língua de origem por outro na língua de chegada poderia acarretar em um efeito indesejado, como a comicidade. Para compensar essa redução, as tradutoras utilizaram-se de marcas do discurso oral transcritas para o meio escrito (HALLIDAY, 1989), evitando assim o apagamento de grande parte da diferença da fala de Hagrid em relação à fala dos demais personagens.

Além disso, os dados encontrados durante a análise de dados corroborou o que foi encontrado por Klingberg em 1986. Conforme o autor há duas opiniões sobre como se traduzir um dialeto: a primeira diz que, devido a dificuldades, ele deve<sup>104</sup> ser traduzido por uma variante padrão da língua; a outra diz que o dialeto deve ser mantido se ficar evidente que a história se passa em outro país. Klingberg (1986), entretanto, não deixou nenhum tipo de sugestão de como essa marcação dialetal poderia ser feita, nem encontrou nenhum trabalho em que essa prática foi utilizada, já que, nos trabalhos investigados por ele, o apagamento das marcas dialetais foi o recurso utilizado na tradução do dialeto.

O que Klingberg (1986) não mencionou, ou por falta de dados ou por outro motivo desconhecido, em seu trabalho, entretanto, foi a possibilidade da tradução desse dialeto por marcas de oralidade. Foi justamente essa outra alternativa à proposta do autor (ibid.) que se pode verificar através dessa pesquisa: a possibilidade da tradução de um dialeto por marcas de oralidade em oposição à variante escrita padrão e como essa oralidade pode ser marcada: marcas fonéticas, contrariedades à norma gramatical padrão, marcas de oralidade e futuro perifrástico.

Os dados encontrados nesta pesquisa também revelaram que a tradução de um dialeto pode ser realizada com marcas de oralidade, indo parcialmente ao encontro do que disse Jentsch (2006), já que ela defende que um dialeto **deve** ser traduzido em vez de defender que um dialeto **pode** ser traduzido. Apesar dessa possibilidade, o tradutor tem certa autonomia – regulada pelo mercado editorial que aceita ou não suas **decisões** tradutórias – para decidir se vai ou não traduzir o dialeto de um personagem, principalmente dentro da literatura infanto-juvenil na qual ele precisa conhecer as limitações de seu público leitor ainda em

---

<sup>104</sup> Termo tal qual utilizado pelo autor.

fase de desenvolvimento da leitura. Como se pode acompanhar ao longo deste trabalho, as duas tradutoras optaram por traduzir o dialeto de Hagrid de formas e graus diferentes. A tradutora brasileira usou menos marcas e elas foram mais superficiais e próximas do nível padrão da língua; e a tradutora portuguesa optou por um maior número de marcas que se distanciaram mais do nível padrão da língua. Não há uma prática certa nem uma que seja mais recomendável, o que se constatou é que cada tradutora lidou com o dialeto da maneira que achou mais apropriada em seu contexto.

E, por fim, se fôssemos nomear a prática adotada por cada uma das tradutoras segundo as estratégias propostas por Krings (1986) adaptando-as para a realidade encontrada por este estudo, hipotetizando que elas encarariam a tradução de um dialeto como um problema de tradução, poder-se-ia dizer que elas optaram por uma redução parcial de uma linguagem marcada. Redução parcial, pois elas reduziram o dialeto, mas não para o nível padrão da língua, como afirmou o autor, mas para marcas de oralidade.

Quando um tradutor faz uma escolha tradutória em detrimento da outra, como no caso de resolver traduzir um dialeto, se essa tradução resultar em uma barreira no processo de aquisição da leitura, a criança ou adolescente pode criar rejeição à leitura. Há ainda implicações como a restrição por parte da escola a traduções que contenham linguagem marcada como o dialeto, que pode resultar no fracasso comercial daquela obra. Essas são apenas algumas implicações sociais provocadas pelas decisões tradutórias adotadas.

Embora o objetivo deste trabalho não tenha sido comparar a fala do personagem Hagrid com a das demais personagens, no sentido de observar se suas traduções também traziam marcas do discurso oral e em que grau, foi impossível deixar de observar que no original e na tradução portuguesa a diferença entre a fala de Hagrid e dos outros personagens é bastante acentuada, pois a autora usa de vários recursos gráficos (os quais foram descritos no capítulo 6 – Análise de Dados) e em grande intensidade na fala de Hagrid. Embora também as utilize na fala dos outros personagens para dar certo grau de oralidade, sua variedade e frequência é bem menor. Já a tradução brasileira contraria essa tendência apresentada pelas duas obras e atenua as diferenças entre a fala de Hagrid e de outros personagens ao ponto dessa diferença passar praticamente despercebida. Evidentemente conclusões mais criteriosas só poderão ser obtidas através de um estudo específico que trate do assunto. O exponho aqui é apenas uma impressão inicial

bastante forte que tive a partir da análise dos dados proposta neste trabalho que merece investigações futuras.

Após a análise de dados, constatou-se que parte da hipótese inicial não se confirmou: a tradutora portuguesa marcou mais em termos de número e com mais variedade de recursos a oralidade do que a tradutora brasileira. Foram 385 marcas no texto europeu contra 85 no texto brasileiro. Além disso, algumas das marcas de oralidade utilizadas pela tradutora brasileira também podem estar presentes no discurso escrito, como interjeições, repetições e onomatopéias, por exemplo. Já a tradutora portuguesa utilizou mais recursos que tentaram representar a realização fonética das palavras, como apócopies, aglutinações, sínopes e aféreses.

Os fatores que influenciaram as escolhas das tradutoras podem ter sido os das mais diversas naturezas, como levantado por Milton (2002) na seção 2.7, como o mercado editorial dos países, as normas de tradução de cada país, as condições profissionais, entre outros. Além disso, deve-se ter em mente que a obra analisada por este trabalho dedica-se ao público infanto-juvenil, por isso foi necessário respeitar as particularidades desse público leitor que se encontra desde a fase leitores em processo até leitores críticos (COELHO, 2006).

O que este estudo de caso tentou construir não foi um modelo do que os tradutores *devem* fazer, mas sim um retrato do que foi feito por duas tradutoras de língua portuguesa a respeito da tradução de um dialeto britânico em uma obra de uma série de livros infanto-juvenis.

A tarefa mais árdua deste trabalho foi a criação de critérios de análise de dados, já que não consegui localizar nenhum tipo de trabalho que apresentasse uma proposta semelhante e pudesse servir como diretriz para a criação de categorias para analisar os dados levantados. Essa parte da pesquisa exigiu muita reflexão e discussão com o orientador até que se achassem categorias criteriosas (embora sempre passíveis de críticas e discussões) para que os dados gerassem resultados confiáveis. A minha contribuição teórica, ainda que pequena, para os Estudos da Tradução consiste justamente no processo de criação de ferramentas conceituais que possibilitaram a criação de categorias de análise de dados da tradução de um dialeto (no caso o Somerset) dentro da LJJ.

Como lidamos com a análise da fala de um personagem, não há variáveis fixas e exatas que podem ser analisadas e que gerem sempre um resultado exato, mesmo porque se está lidando com uma ciência humana. Isso não quer dizer, no entanto, que este estudo não levou em consideração o rigor científico do qual uma pesquisa necessita, quer

dizer apenas que os critérios utilizados na análise podem ser variáveis sob o ponto de vista de diferentes pesquisadores e que, por isso, podem gerar resultados diferentes.

Gostaria de concluir este trabalho dizendo que, em um país que se traduz tanto, mais trabalhos na área de Estudos da Tradução precisam ser desenvolvidos para investigar o que os nossos tradutores têm feito, informando assim a sua própria prática. Esses estudos, além de desenvolver o país cientificamente, servirão de apoio à prática dos tradutores, possibilitando ferramentas facilitadoras da profissão. No caso mais específico da literatura infanto-juvenil, é importante perceber que a maioria dos livros que chegam aos jovens cidadãos brasileiros passaram antes pelas mãos de um tradutor e que, apesar disso, muito pouco ou nada se sabe sobre a tradução na área. Há apenas 11 trabalhos registrados no banco de dissertação e teses da CAPES. Há muitas possibilidades que podem ser investigadas e que acrescentarão muito ao desenvolvimento da tradução desse tipo de literatura.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, surgiram questões muito interessantes que apresentam mérito de investigação. Uma sugestão interessante seria um estudo paralelo entre outros personagens dentro da LIJ (se é que há um número significativo de outros personagens que apresentam marcas dialetais) que apresentam marcas dialetais em suas falas e como cada tradutor lidou com essas marcas. Outra sugestão baseada no que trouxe Milton (2002) seria um estudo diacrônico da tradução no Brasil de dialetos na LIJ. Além desses exemplos, todos ligados à fala dos personagens, há uma série de outros relacionados a áreas diversas, como o impacto das traduções de LIJ na formação do público leitor brasileiro, dentre outras. Poder-se-ia apresentar uma lista extensíssima de temas a serem pesquisados no solo fértil, porém pouco explorado desse tipo de literatura. Os temas aqui citados servem apenas para chamar a atenção dos pesquisadores de que há muito que pode e precisa ser feito.

Além do desenvolvimento científico e do fornecimento de ferramentas para prática, trabalhos desenvolvidos dentro dos Estudos da Tradução oferecem mais visibilidade à tradução e ao tradutor, contribuindo para uma profissionalização crescente do ofício e melhores condições para a classe da trabalhadora, que passa a ser mais respeitada à medida que se torna mais visível.

## REFERÊNCIAS

AIXELÁ, J. F. Culture-Specific Items in Translation. In: ÁLVAREZ, R.; VIDAL, C. **Translation, Power, Subversion**. Clevedon: Multilingual Matters, 1996.

ANDRADE, J. A. de. **Repetição e Marcadores Discursivos na Produção Textual de Alunos: Uma Apropriação Discursiva da Escrita**. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

ARMISTEAD, M. A. **Translation with Commentary**. Unpublished MA Thesis, 2001.

AUSTERMÜHL, F. **Electronic Tools for Translators**. Manchester, UK: St. Jerome, 2001.

BAKER, M. Corpora in translation studies: An overview and some suggestions for future research. **Target**, Amsterdam, John Benjamins, v. 7, n.º2, p. 223-243, 1995.

\_\_\_\_\_. Norms. In M. Baker (Ed.), p. 163-165, **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998.

\_\_\_\_\_. Towards a Methodology for Investigating the Style of a Literary Translator. **Target**, Amsterdam v.2 n.12, p. 241-266, 2000.

BAKER, M; HOCHÉL, B. Dubbing. In M. Baker (Ed.), pp. 74-76, **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998.

BARBOSA, H. **A formação do tradutor intérprete e sua inserção no mercado.** In: IX Encontro Nacional e II Encontro Internacional de Tradutores da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT), 30 de agosto a 3 de setembro de 2004, Fortaleza, Universidade Estadual do Ceará (UECE). Comunicação oral.

BARBOSA, H. G. Tradução, mercado e profissão no Brasil. **Confluências: Revista de Tradução Científica.** [S.l.], n.3, p. 6-24, nov. de 2005.

BBC RADIO 4. **J.K. Rowling and Stephen Fry Interview Transcript.** Londres: 10 dez. 2005. Disponível em: <http://www.mugglenet.com/jkr/interviews/bbc4.shtml>

CADERNOS DE TRADUÇÃO. **Entrevista com Lia Wyler.** Florianópolis, v. 8 n.2, 2001. Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos8/entrevista%20lia%20wyler.pdf>.

CARVALHO, S. P. P. de. **A tradução do socioleto literário: um estudo de 'Wuthering heights'.** São Paulo, 2007, 218 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo.

CHESTERMAN, A.; WILLIAMS, J. **The Map: A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies.** London: St. Jerome, 2002.

COELHO, N. N. **Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira.** São Paulo: Nacional, 2006.

COUTINHO, I. L. **Gramática Histórica.** Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, C. F. da. **Gramática da Língua Portuguesa.** 10. ed. Rio de Janeiro, FAE, 1984.

DESMIDT, I. A prototypical Approach within Descriptive Translation Studies? *Colliding Norms in Translated Children's Literature*. In: VAN COILLIE, J.; VERSCHUEREN, W. P. **Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies**. Manchester: St. Jerome, 2006.

DOLLERUP, C. **Tales and Translation. The Grimm Tales from Pan-Germanic Narratives to Shared International Fairytales**. v. 30. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.

EDITORIA BLOOMSBURY. **Bloomsbury Children's Books**. Disponível em: <http://www.bloomsbury.com/harrypotter/> Acesso em: 05 de outubro de 2009.

EDITORIA ROCCO. **Site Oficial Harry Potter**. Disponível em: <http://www.harrypotter.rocco.com.br/> Acesso em: 05 de outubro de 2009.

EVEN-ZOHAR, I. Polysystem Studies. **Poetics Today: International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication**. V.11, n.1, 1990.

FARLEX INC.. **The Free Dictionary**. [S.l.]: 2009. Disponível em: <[www.thefreedictionary.com](http://www.thefreedictionary.com)> Acesso em 13 de jan. 2010.

FERNANDES, L. **On the use of a portuguese-English parallel corpus of children's fantasy literature in translator education**. Cadernos de Tradução, Florianópolis, n. 20 v.2, 2007.

FERNANDES, L. P. **Practices of Translating Names in Children's Fantasy Literature: A Corpus-based Study**. Florianópolis, 2004, 189 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão.

FERNANDES, L.; BARTHOLAMEI JUNIOR, L. **Portuguese-English Parallel Corpus**. 2009. Disponível em: [www.pget.ufsc.br/corpora/pepco](http://www.pget.ufsc.br/corpora/pepco).

FERNANDES, Lincoln Paulo. **Tim Burton's the nightmare before christmas vs o estranho mundo de Jack: a systemiotic perspective on the study of subtitling**. Florianópolis, 1998. 94f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão.

GUPTA, S. **Re-reading Harry Potter**. Polgrave Macmillan: Hampshire, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. **Spoken and Written Language**. Francis Christie (ed.) 2 ed. Hong Kong: Oxford, 1989.

HANNA, C. R. V. **Tradução do dialeto literário de Burma Johnes da obra 'A confederacy of Dunces', de John Toole**. São Paulo, 2006, 113 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

HATIM, B.; MANSON, I. **Discourse and the Translator**. London: Longman, 1990.

HERMANS, T. **Translation in Systems. Descriptive and Systemic Approaches Explained**. Manchester: St. Jerome, 1999.

HERRERA, D. M. **Towards an Analysis of Discourse: The English Used by Teachers and Pupils** (resenha).[S.l.]: 2008. Disponível em: <http://distrital0930.blogspot.com/2009/09/review-on-sinclairs-and-coulthards.html>

HOLMES, J. The Name and the Nature of Translation Studies. **Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies**, Amsterdam, Rodopi, 1998, p. 67-80.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JENTSCH, N. K. Harry Potter and the Tower of Babel: Translating the Magic. In: LATHEY, G. (ed.) **The Translation of Children's Literature: A Reader**. Clevedon: Multilingual Matters, 2006, p.190-207. (Topics in Translation, n. 31. Bassnett, S.; Gentzler, E. (eds.)).

KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter. TORRES-MORAIS, M. A. C. R. **D.E.L.T.A.: Documentação de Estudos em Linguística Aplicada**. 2001, vol.17, n.1, pp. 155-168. ISSN 0102-4450.

KLINGBERG, G. **Children's Fiction in the Hands of Translators**. Blooms . Boktykeri: Lund, 1986.

KRINGS, H. P. Translation Problems and Translation Strategies of Advanced German Learners of French. In: BARTHOLAMEI, L. A.; VASCONCELLOS, M. L. **Estudos da Tradução I**. p. 37-58. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2008. E-book disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/index.htm>. ISBN: 978-85-60522-19-4.

LATHEY, Gillian. **The Translation of Children's Literature: A Reader**. Clevedon: Multilingual Matters, 2006.

LAVIOSA, S. The Corpus-based Approach: A New Paradigm in Translation Studies. **META**, Montréal, v.43, n.4, p.474-479, 1998.

MALMKJAER, K. Love thy Neighbor: Will Parallel Corpora Endear Linguistics to Translators? **META**, Montréal, v.43, n.4, 1998. Disponível em: <http://id.erudit.org/iderudit/003545ar>

MALMKJAER, K.; KNOWLES, M. **Language and Control in Children's Literature**. Routledge: London, 1996.

MILTON, John. **O Clube do Livro e a Tradução**. Bauru: EDUSC, 2002.188p. ISBN85-7460-053-9.

NICOLA, J. de; INFANTE, U. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa**. 6 ed. São Paulo: Scipione, 1991.

NOVAES, C. Representação Mental do Sujeito Nulo no Português do Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 6, p. 98-119, 1997. Disponível em: [acd.ufrj.br/letras/celsonovaes/novaes01.pdf](http://acd.ufrj.br/letras/celsonovaes/novaes01.pdf). Acesso em: 12 jan 2010.

O'CONNEL, E. Translating for Children. In: ANDERMAN, Gunilla; ROGERS, Margareth (eds.). **Word text and Translation**. Cleved: Multilingual Matters Ltd., 1999, p.208-216 **Research in Translation Studies**. Manchester: St. Jerome, 2002.

OITTINEN, R. **I Am Me - I Am Other: On the Dialogics of Translating for Children**. Tese de Doutorado não publicada. University of Tampere: Tampere, 1993.

PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa de. **Estudos da Tradução no Brasil: Reflexões sobre Teses e Dissertações Elaboradas por Pesquisadores Brasileiros nas Décadas de 1980 e 1990**. In: *D.E.L.T.A.* São Paulo: PUC-SP, 2003 v.19 n.Especial, p.1-25.

PIACENTINI, M. T. de Q. **Dicas para o uso de lhe, o, a.** ed. 108, [S.l.]: 2008. Disponível em: <http://74.125.93.132/search?q=cache:739TrRxw2VMJ:kplus.cosmo.com.br/materia.asp%3Fco%3D346%26rv%3DGramatica+%22uso+do+lhe+na+fala%22&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 30 de novembro de 2009.

PUURTINEN, T. **Linguistic Acceptability in Translated Children's Literature.** Tese de Doutorado não Publicada. University of Joensuu: Joensuu, 1995.

PUURTINEN, T. Syntax, Readability and Ideology in Children's Literature. **META.** Montréal, v.43, n.4, p.524-533, 1998.

ROWLING, J. K. **Harry Potter and the Philosopher's Stone.** London: Bloomsbury, 1997.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal.** Tradução de Isabel Fraga. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal.** Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RUDVIN, M.; ORLATI, F. Dual Redearship and Hidden Subtexts in Children's Literature: The Case of Slama Rushdie's 'Haroun and the Sea of Stories'. In: VAN COILLIE, J.; VERSCHUEREN, W. P. **Children's Literature in Translation: Challenges and Strategies.** Manchester: St. Jerome, 2006.

SANTOS, C. R. V.; FERNANDES, L.; VASCONCELLOS, M. L. B. de. *Os Estudos da Tradução no Brasil e a Literatura Infanto-Juvenil: um breve levantamento das pesquisas realizadas entre os anos de 1990 e 2007.* (no prelo)

SANTOS, C. R. V.; PRIM, C. S.; MARINGONI, L. M.; TENFEN, J.; ARAUJO, F. Formas de marcação do futuro no português do Brasil. **Anais da 6ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão**. Disponível em: <[http://www.sepex.ufsc.br/anais\\_6/trabalhos/405.html](http://www.sepex.ufsc.br/anais_6/trabalhos/405.html)>.

SARDINHA, T. B. Corpora Eletrônicos na Pesquisa em Tradução. **CADERNOS DE TRADUÇÃO**. Florianópolis, v.9 n.1, p.15-59, 2002. Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos9/tony.pdf>

SARDINHA, T. B. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

SHAVIT, Z. “Cheshire Puss,... Would you tell me, please, which way I ought to go from here?” Research of Children’s Literature – The State of the art. How did we get there – how should we proceed. In: VÁZQUEZ; CENITAGOYA; LÉON (Eds.) **Realismo Social y Mundos Imaginarios: Una Convivencia para el Siglo XXI**. Espanha: Servicio de Publicaciones de La UAH, 2003.

SHAVIT, Z. **Poetics of Children's Literature**. Athens/London: The University of Georgia Press, 1986. **META**, Montréal, v.43, n.4, 1998.

SHUTTLEWORTH, M.; COWIE, M. **Dictionary of Translation Studies**. Manchester: St. Jerome, 1997.

SPOLSKY, B. **Sociolinguistics**. Widdowson, H. G. (ed.). Oxford: Oxford University Press, 1998. (Oxford Introductions to Language Study).

SUMMERS, D. (org.) **Longman dictionary of contemporary English**. 4<sup>th</sup> ed. England: Pearson Education Limited, 2007.

TABBERT, R. **Approaches to the translation of children's literature: a review of critical studies since 1960.** John Benjamins Publishing Company, 2002.

TOURY, G. **The Nature and Roles of Norms in Translation.** In: *Descriptive Translation Studies and Beyond.* Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 1995, 53-69.

TRUDGILL, P. **The Dialects of England.** 2<sup>a</sup> ed. Massachusetts: Blackwell, 1999.

TYMOCZKO, M. Computerized Corpora and the Future of Translation Studies. **META**, v43, n.4. Québec: Érudit, 1998. p.652-660. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/meta/1998/v43/n4/004515ar.pdf>

VAN COILLIE, J.; VERSCHUEREN, W. P. **Children's Literature in Translation: *Challenges and Strategies.*** Manchester: St. Jerome, 2006.

WYLER, L. Harry Potter for Children, Teenagers and Adults. In: **META**, v48, n.1-2. Québec: Érudit, 2003. P.5-14. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/meta/2003/v48/n1-2/006954ar.html>

WYLER, L. **Página Pessoal.** Disponível em: [www.liawyler.com](http://www.liawyler.com)  
Acesso em: 04 de julho de 2008.

**APÊNDICE A – EXCERTO DA PRIMEIRA VERSÃO DA TABELA COM AS FALAS DE HAGRID**

Lia Wylér	Isabel Fraga	J. K. Rowling
— Pedi emprestada, Professor Dumbledore — respondeu o gigante, desmontando cuidadosamente da moto ao falar — O jovem Sirius me emprestou. Trouxe ele, professor. (p.18)	—Pedi-a emprestada, professor Dumbledore -, respondeu o gigante, saindo com todo o cuidado da moto, enquanto falava. – Foi o Sirius Black filho que ma emprestou. Tenho aqui a criança, senhor professor. (p.23)	‘Borrowed it, Professor Dumbledore, sir’, said the giant, climbing carefully off the motorbike as he spoke. ‘Young Sirius Black lent it me. I’ve got him, sir.’ (p.16)
— Não, senhor. A casa ficou quase destruída, mas consegui tirá-lo inteiro antes que os trouxas invadissem o lugar. Ele dormiu quando estivemos sobrevoando Bristol. (p.18)	— Não senhor – a casa estava praticamente destruída mas eu consegui tirá-lo antes qu’os Muggles começassem a invadi-la. Ele adormeceu enquanto sobrevoávamos Bristol. (p.23)	‘No sir – house was almost destroyed but I got him out all right before the Muggles started swarmin’ around. He fell asleep as we was flyn’ over Bristol.’ (p.16)
— Será que eu podia... Podia me despedir dele, professor? — perguntou Hagrid. (p.19)	— Posso, posso despedir-me dele? (p.24)	‘Could I – could I say goodbye to him, sir?’ asked Hagrid. (p.17)
— Des-des-culpe — soluçou Hagrid, puxando um enorme lenço sujo e escondendo a cara nele. — Mas na... Nã... Não consigo suportar, Lília e Tiago mortos, e o coitadinho do Harry ter de viver com os trouxas... (p. 19)	— Deeeesculpem -, soluçou Hagrid, pegando num enorme lenço de assoar onde enterrou toda a cara- mas não consigo evitar... Lily e James e o pobrezinho do Harry a ter d’ir viver com Muggles... (p.24)	‘S-s-sorry, sobbed Hagrid, taking out a large spotted handkerchief and burying his face in it. ‘But I c-c-can’t stand it – Lily an’ James dead- an’ poor little Harry off ter life with Muggles –’ (p.17)
— É — disse Hagrid com a voz muito abafada. — Vou devolver a moto de Sirius. Boa noite, Professora Minerva, Professor Dumbledore... (p.19)	—Sim – disse Hagrid numa voz abafada – vou entregar a moto ao Sirius. Boa noite, professora McGonagall, boa noite professor Dumbledore. (p.24)	‘Yeah’, said Hagrid in a very muffled voice. ‘I’d Best get this bike away. G’night, Professor McGonagall – Professor Dumbledore, sir.’ (p.17)

## APÊNDICE B – MODELO DA CARTA ENVIADA ÀS TRADUTORAS COM QUESTIONÁRIO SOBRE A TRADUÇÃO DO DIALETO DO PERSONAGEM HAGRID



**Universidade Federal de Santa Catarina**  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução**

**PGET**

Centro de Comunicação e Expressão – Prédio B – 3º andar – sala 305 - Campus Universitário – Trindade – CEP 88040-900 – Florianópolis – Santa Catarina

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil 23 de setembro de 2009.

Cara Senhora Lia Wyler,

Com intuito de desenvolver minha dissertação de mestrado intitulada *A tradução do dialeto do personagem Hagrid para o português brasileiro e o português europeu no livro Harry Potter e a Pedra Filosofal: um estudo baseado em corpus*, orientada pelo Prof. Dr. Lincoln P. Fernandes, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, gostaria de contar com sua colaboração através das respostas às perguntas em anexo. Minha pesquisa, de cunho descritivista, não tem por objetivo o julgamento de valores de qualidade. O que ela propõe é uma descrição da tradução realizada para que outros tradutores possam encontrar suporte teórico através das pesquisas das práticas desenvolvidas por outras tradutoras. Meu objetivo não é, de forma alguma, de desmerecer ou denegrir o trabalho realizado pela tradutora, muito pelo contrário, é o de mostrar quais são as práticas utilizadas na tradução de um dialeto, e não tentar apontar quais “deveriam” ser as práticas adotadas.

Para a resposta, segue anexo também o envelope para a postagem ao meu endereço. Caso desejar mais esclarecimentos sobre minha pesquisa, bem como solicitar os questionários e enviá-los eletronicamente, meu endereço de e-mail encontra-se abaixo. Para mais informações acerca de meu programa de Pós-Graduação, é só acessar [www.pget.ufsc.br](http://www.pget.ufsc.br).

Certa de sua compreensão e colaboração e agradecendo desde já,

Caroline Reis Vieira Santos - Mestranda do PPGET (UFSC).  
[carolinereisvieira@yahoo.com.br](mailto:carolinereisvieira@yahoo.com.br)

Questionário sobre a tradução do dialeto do personagem Hagrid:

- a) A tradução do dialeto de Hagrid se constitui, para a senhora, como um problema durante sua tradução do livro Harry Potter e a Pedra Filosofal? Por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

- b) Se a tradução do dialeto do personagem Hagrid foi considerada um problema, como a senhora lidou com ele?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

- c) A senhora já havia lidado com a tradução de um dialeto dentro da Literatura Infanto-Juvenil antes? Se a resposta for positiva, a senhora traduziu de maneira semelhante como traduziu o dialeto de Hagrid? Se a tradução foi feita de forma diferente, o que foi levado em consideração?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

- d) Se a senhora soubesse, quando traduziu o primeiro livro, que Harry Potter tornar-se-ia uma série mundialmente famosa acha que isso teria influenciado na tradução do dialeto de Hagrid? Por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

- e) Se o livro Harry Potter se tratasse de literatura adulta a senhora traduziria seu dialeto da mesma forma que traduziu para a literatura infanto-juvenil? Por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



**ANEXO A – EXCERTO DA ENTREVISTA COM J. K. ROWLING  
RETIRADO DO SITE MUGGLENET**

**J.K. Rowling and Stephen Fry Interview Transcript**  
BBC Radio 4

December 10, 2005

Thanks to Kathryn Lowry and Jess!

---

**Show Intro**

---

**Radio 4 Introduction:** The creator of Harry Potter, JK Rowling, rarely speaks about her writing in public, leaving her creation and the record-breaking sales of books, tapes and films to speak for themselves. But now in *Living with Harry Potter*, we have a chance to listen in to a conversation between J.K. Rowling and the voice of her work on six audio books, Stephen Fry.

**Stephen Fry:** It was at Christmas five years ago that I had the strange experience of hearing myself on the radio all day long on Boxing Day as Radio 4 broadcast a recording of *Harry Potter and the Philosopher's Stone*. It has been a privilege to be the voice of J.K. Rowling's work over six books, 2,764 pages and 100 hours and 55 minutes of recordings. The characters are familiar friends and enemies for me, but like millions of others, I eagerly await each new installment.

I first met Jo nearly seven years ago when she came to the studio where I was recording the first book. She remains famously reticent and like millions of Potter fans, I am fascinated to know what it's like to live with Harry, where the inspiration for the books comes from, what she thinks of her critics and what she will do when she finishes the final chapter. So when Jo agreed to record a conversation with me, I jumped at the chance.

---

**Interview**

---

[...]

**SF:** ...and 'bout that kind of northern writing in it. It's just something that's there. And I'm sure it's just as unconscious with you -- sometimes -- that you... you're writing a smallish character that uses a turn of

phrase that makes me think, "Well, that sounds like a Cockney," or, "That's... that's an older character," or "that's a younger character."

**JKR:** Because you knew that Hagrid was West Country.

**SF:** Yes.

**JKR:** And that was the only thing I wanted to warn you, before you started reading; and my plane was delayed. It was the first time we ever met. And I got there, and one of the first things you said to me was, "I've done Hagrid as a kind of Somerset."

**SF:** Yes.

**JKR:** And I was, "Oh, thank goodness for that," because I thought, if you make him Glaswegian...

**SF:** [Guffaws at the incongruity]

**JKR:** ...I would have had to... That was the only character I felt protective about, accent-wise.

**SF:** Yes. Yeah.

**JKR:** What I really enjoy about your reading is, the accents aren't intrusive. I don't feel as though you're in any sense giving us a sort of virtuoso performance of, "These are as many accents as I can do," or different voices. You don't form a big barrier between the listener and the story, I feel. Do you know...

**SF:** I do exactly.

**JKR:** ...do you know what I mean?

**SF:** And that is precisely what one... -- you know, what I aim for -- is not to get in the way of it!

**JKR:** Yes.

**SF:** Is that, for people not to hear the voice, after a while. You know how, when you're reading, sometimes, you lose it, and you find you're having to go back and...

**JKR:** Yes.

**SF:** ...because you're too aware of the letters and the words. And then you can read a whole chapter and not be aware of having turned over a page.

**JKR:** Mm-hmm.

**SF:** I mean, you know, the print and the paper have not been there.

**JKR:** That's right.

**SF:** And it should be the same with my voice, when they're listening. You know -- the first paragraph or so... But then, immediately, their mind is in the world of the Dursleys, and of Hogwarts, and the Knight Bus, and everything else. And they... they don't notice me doing it. And Celia, the producer, and Helen are very good at making sure that I don't

over-project a voice or mimic, meaning I overdo something. And the only other problem is the pacing. You know...

**JKR:** Yes.

**SF:** ...I think it's so important to refresh a page.

**JKR:** Yes, yes.

**SF:** You know? Because otherwise it can get a bit lulled, and...

**JKR:** Mm-hmm.

**SF:** ...but you mustn't overdo that either.

**JKR:** So I... **[laughs]** I don't feel I should almost push you that much further, but... Are there any scenes that you have particularly or that you can remember, enjoying reading?

**SF:** Well, the... you know, the whole creepy stuff at the climax of *Order of the Phoenix*. You know, in the bowels of the Ministry of Magic and so on. I love the fact that it was so frightening, and scary, and dramatic! And I loved, you know, building up the tension, and so on. And those strange glass orbs, and what were they going to mean. And then getting stuck behind doors...

**JKR:** There are a few children who've told me that they took it in much better when you read it to them than when they read it on the page. And I think that's because, with *Phoenix* -- because people had had to wait three years for it -- they raced through it!

**SF:** They read too fast! They leapt ahead, and they lost the geography!

**JKR:** Really raced it! Exactly! And then...

**SF:** Yeah.

**JKR:** ...I've had readers say to me, "I've read it again, and there's a lot more than I thought." And I think, "Well, that's because, I think you read it in about an afternoon, didn't you?" **[laughs]** So listening to you, I think, has really, yes, given them a sense of where they are.

**SF:** Is it really true that you've got it all planned out?

**JKR:** Yes, it is really true. Emm...

**SF:** Astonishing!

**JKR:** Yes, I do know what's going to happen in the end. And occasionally I get cold shivers when someone guesses...

**SF:** Yes.

**JKR:** ...at something that's very close. And then I panic ! And I think, "Oh, is it very obvious?" And then someone says something that's so off-the-wall, I think, "No, it's clearly not that obvious!" **[laughs]**

**SF:** Good!

**JKR:** I always leave myself latitude to go on a little stroll off the path, but the path of it is what I'm essentially following. So much that

happens in 6 relates to what happens in 7. And you really sort of skid off the end of 6 straight into 7.

**SF:** Really? Yes.

**JKR:** You know, it's not...it's not the discreet adventure that the others have all been...

**SF:** Right.

**JKR:** ...even though you have the underlying theme of Harry versus Voldemort. In each case -- as you know better than anyone -- there has been an adventure that has resolved itself.

**SF:** Yes, exactly.

**JKR:** Whereas in 6... -- although there is... there is an ending that could be seen as definitive from one sense -- you very strongly feel the plot is not over this time and it will continue. So...

**SF:** Yes.

**JKR:** It's an odd feeling! For the first time, I'm very... very aware that I'm finishing.

**SF:** The tape is in sight.

**JKR:** The end is in sight, yeah.

**SF:** It's extraordinary.

**JKR:** Yes.

**SF:** You'll always write, because it's a need you have! Do you imagine you will write for children next time you write something new?

**JKR:** There is a...

**SF:** [**teasingly**] Or will you write for the children who were children, but are now adults?

**JKR:** [**Laughs**] Yes.

**SF:** ...Who were your first generation! [**laughs**]

**JKR:** I don't know. Truthfully, I don't know. I'm... There is another children's book, that's sort of moldering in the cupboard that I quite like, which is for slightly younger children, I would say. But there are other things I'd like to write too. But I think I'll need to find a good pseudonym and do it all secretly, because...

**SF:** Yes.

**JKR:** ...I'm very frightened... -- you can imagine --...

**SF:** Oh, absolutely!

**JKR:** ...of the unbearable hype that would attend a post-Harry Potter book. And...

**SF:** Yeah.

**JKR:** ...not sure I look forward to that at all!

---

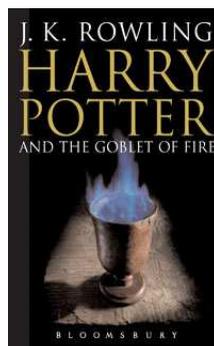
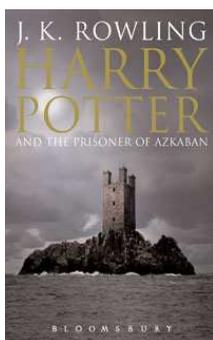
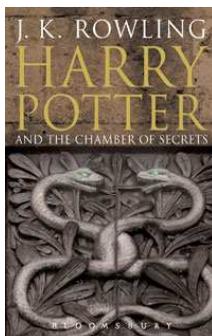
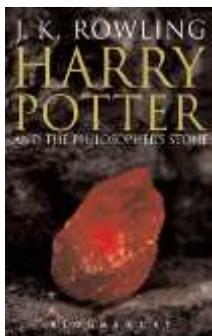
**Show Close**

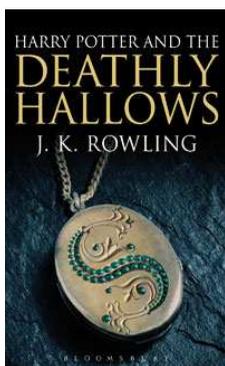
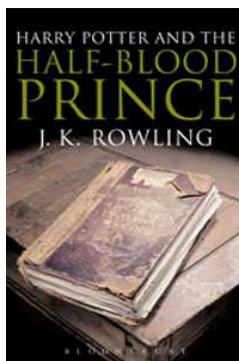
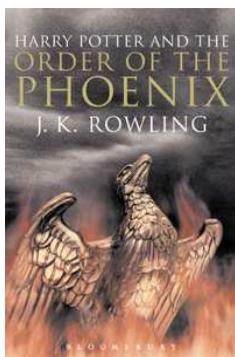
---

**SF:** Well! With that tantalizing glimpse into the future for Jo, and the lingering question as to whether we will recognize her post-Potter work, we parted. And I set off on 600 more pages of Harry. I can't wait for Book 7! Like many a fan, I want to know what happens in the end. But I don't really want 'the end' to come.

Retirado de: <http://www.mugglenet.com/jkr/interviews/bbc4.shtml>

Acesso em 05 de novembro de 2009.

**ANEXO B - CAPAS DAS EDIÇÕES ADULTAS DA SÉRIE HARRY POTTER**



**ANEXO C** – E-mail mandado pelo responsável do Editorial Presença em resposta à carta contendo a entrevista para a tradutora (APÊNDICE A).



**Caroline Reis**  
<carolinetradutora@gmail.com>

---

## **A tradução do dialecto do personagem Hagrid**

---

**Isabel Simplicio**  
<info@presenca.pt>  
Para: carolinereisvieira@yahoo.com.br

**18 de dezembro de**  
**2009 09:29**

Exma. Senhora,

Na sequência da sua correspondência de 23 de Setembro do corrente ano, sobre o assunto em referência, lamentamos informar mas a tradutora não se encontra disponível para aceder à sua solicitação.

Cordialmente,

**EDITORIAL PRESENÇA**

---